UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

Pós-Graduação em Política Científica e Tecnológica

YSBELET DEL VALLE LOBO SANCHEZ

200336833

A CONSTRUÇÃO SOCIOCULTURAL DA CIÊNCIA A PARTIR DA SUA PRODUÇÃO:
A sociologia na Venezuela e a "*Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales*"

Dissertação apresentada ao Instituto de Geociências como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Política Científica e Tecnológica.

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida por Ysbelet Del V. Lobo Sanchez e aprovada pela Comissão Julgadora em 28/02/2003

ORIENTADOR

Orientadora: Profª. Dr. Maria Conceição Da Costa

CAMPINAS - SÃO PAULO

fevereiro - 2003

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE BC
Nº CHAMADA UNICAMP
L 786c
V EX
TOMBO BC/ 56264
PROC. 16-12-4103
C D
PREÇO R$ 11,00
DATA 4/11/03
Nº CPD

Bib id 305145

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IG - UNICAMP

Lobo Sánchez, Ysbelet Del Valle
L786c A construção sociocultural da ciência a partir da sua produção: a sociologia na Venezuela e a "Revista Venezolana de Ciências Econômicas y Sociales" / Ysbelet Del Valle Lobo Sánchez.- Campinas,SP.: [s.n.], 2003.

Orientadora: Maria Conceição da Costa
Dissertação (mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências.

1. Sociologia. 2. Epistemologia 3. Ciência 4. Sociologia – Venezuela 5. Produção Científica-Venezuela I. Costa, Maria da Conceição II. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências III. Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICA CIENTÍFICA E TECNOLÓGIC

UNICAMP

Autora: Ysbelet Del Valle Lobo Sánchez

A CONSTRUÇÃO SOCIOCULTURAL DA CIÊNCIA A PARTIR DA SUA PRODUÇÃO:

A sociologia na Venezuela e a "*Revista Venezolana de Ciencias Sociales*"

ORIENTADORA: Prof. Dra. Maria Conceição Da Costa

Aprovada em: 28 / 02 / 03

Profª. Dra. Maria Conceição Da Costa M. C. Costa - **Presidente**

Profª. Dra. Maria Margaret Lópes Maria Margaret Lopes

Prof. Dr. Daniel Durante P. Alves

Campinas, 28 de fevereiro de 2003

A todos aquellos que se dedican al arte de hacer y divulgar la ciencia

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS/DEPTO

Pós-Graduação em Política Científica e Tecnológica

UNICAMP

A CONSTRUÇÃO SOCIOCULTURAL DA CIÊNCIA A PARTIR DA SUA PRODUÇÃO: A sociologia na Venezuela e a "*Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales*"

RESUMO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Durante as ultimas décadas, os diferentes enfoques na área dos Estudos Sociais da Ciência apontam uma nova identidade para esta área, e em conseqüência para a visão "epistemológicamente especial" da ciência. A imagem unidirecional, socialmente desinteressada que o "logicismo" e "hierarquicismo" deram á ciência, ofusca-se pela "imagem social da ciência". Aponta-se um diálogo entre ciência e sociedade sustentado pela idéia de que a ciência é um produto social contingente, formada por instrumentos culturais e caracterizada por uma constante reavaliação entre fatos e valores. Esta visão da construção socio-cultural do conhecimento científico está intimamente relacionada ao "que fazer" das ciência, ao complexo processo de socialização dos cientistas e aos elementos tempo-espaciais que servem de marco ao fato científico. A riqueza de aspectos culturais envolvidos no "ato de criação" da ciência estão implícitos na ação cotidiana dos cientistas e expressos de distintas formas de comunicação, entre os quais a publicação ganhou um amplo terreno. Esta pesquisa trata sobre o processo de construção sócio-cultural da sociologia como ciência na Venezuela. Reconstrói sua história a fim de conhecer sua trajetória e observar como os âmbitos da vida econômica, política e sócio-cultural venezuelana a influeciam. Busca-se estabelecer vínculos entre estes determinantes sócio-culturais e interesses temáticos científicos, através da análise da sua produção científica numa revista local: a "*Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales*". O estudo dos interesses demonstrados pelos cientistas nos artigos da revista constituem o exemplo mais tangível da evoluçaõ da sociologia venezuelana. No decorrer do período estudado (1958-2000), os sociólogos têm se interessado pelos temas relativos à Economia e Política, mas também pela Teoria Social, Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia e Metodologia. Estes resultados evidenciam que a sociologia venezuelana está preocupada com as mudanças sociais, mas também com o próprio crescimento enquanto ciência. Finalmente se constata a idéia de que a ciência reflete em distintas proporções não somente uma parte da cultura mas também um todo social. Este trabalho tenta mostrar que a sociologia venezuelana está impregnada de elementos socio-culturais, o que a converte em um espaço do fazer social, que se evidencia no seu corpo de conhecimento e no produto de suas pesquisas.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS/DEPTO

Pós-Graduação em Política Científica e Tecnológica

UNICAMP

THE CONSTRUCTION OF SOCIAL AND CULTURAL ASPECTS OF SCIENCE FROM ITS PRODUCTION

Sociology in Venezuela and the *"Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales"*

Abstract

MASTER DISSERTATION

During the last three decades, the different approaches in social studies of science pointed to a new identity in this field, particularly, to the conception "epistemologically special" of science. The unidirectional and socially detached image, given by the "logicism" and the "hierarchism" to science, is veiled by the "social image of the science". There is a dialogue between science and society based on the idea that science is a contingent social product, built by cultural instruments and characterised by a constant evaluation between facts and values. The perception of the social and cultural construction of the scientific knowledge in science is related immediately to "what to do", it is linked to the complex process of socialisation of the scientists and to the time-spatial elements that define the scientific fact. The cultural diversity of aspects involved in the "act of creation" of the science are implicit in the daily action of the scientists and expressed through distinct forms of communication, among them the scientific publications which have been conquering a broad recognition.

The present research is about the social and cultural construction process of the sociology as science in Venezuela. The study tries to reconstructs its history in order to understand its trajectory and also observe which impact the Venezuelan economic, political, social, and cultural reality had on it. We tried to define links among the social and cultural determinants and the interests of the scientific themes, through the analysis of the scientific production in a local magazine: the "*Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales*". The study of the subjects approached by the scientists in the magazine articles is the most tangible example of the Venezuelan sociology development. On the course of the period studied (1958 to 2000), the sociologists demonstrated an interest regarding economy and politics subjects, but also by the social theory, social studies of science and technology and methodology. All this results demonstrated that the Venezuelan sociology is concerned about the social changes, but also with its own development as a science. Finally, we conclude that science reflects, in distinct proportions, not only one side of the culture, but also the whole society. The present work suggests that sociology in Venezuela is plenty of social and cultural elements, which transforms it in an appropriated field for changes, which can be found in the whole structure of the knowledge and in the results of its researches.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS/DEPTO

Pós-Graduação em Política Científica e Tecnológica

UNICAMP

LA CONSTRUCCIÓN SOCIOCULTURAL DE LA CIENCIA A PARTIR DE SU PRODUCIÓN: "La sociologia en Venezuela y la Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales"

RESUMEN

TESIS DE MAESTRIA

Durante las últimas décadas, los diferentes enfoques en el área de los Estudios Sociales de la Ciencia apuntan a una nova identidad para esta área, y em consecuencia para la visión "epistemológicamente especial" de la ciencia. La imagem unidireccional, socialmente desinteresada que el "logicismo" y "jerarquicismo" dieron a la ciencia, se ofusca por una "imagem social da ciencia". Se aponta a un diálogo, entre ciencia y sociedad, sustentado por la idéia de que la ciencia es un produto social contingente, que está formada por instrumentos culturales e caracterizada por uma constante re-evaluación de hechos y valores. Esta visión de la construcción socio-cultural del conocimiento científico está intimamente relacionada al "quehacer" de la ciencia, al complejo proceso de socialización de los científicos y a los elementos tempo-espaciales que sirven de marco al hecho científico. La riqueza de aspectos culturais envueltos en el "acto de creación" de la ciencia están implícitos en la ação cotidiana de los científicos y se expresan en distintas formas de comunicación, entre las cuales la publicación ganó un amplio terreno. Esta investigación trata del proceso de construcción socio-cultural de la sociología como ciencia en Venezuela. Reconstruye su historia a fin de conocer su trayectoria y observar como los ámbitos de la vida económica, política y sócio-cultural venezolana ejercen influencia. Se pretende establecer vínculos entre estos determinantes socio-culturales y los intereses temáticos científicos, através del análisis de su producción científica en una revista local: la "*Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales*". El estudio de los intereses demostrados por los científicos en los artículos de la revista constituyen un ejemplo tangíble de la evolución de la sociología venezolana. En el transcurso del período estudiado (1958-2000), los sociólogos se interesaron por los temas relativos a Economía y Política, pero también por la Teoria Social, Estudios Sociais da Ciencia y de la Tecnologia y Metodología. Estos resultados evidencian que la sociologia venezolana está preocupada con los cambios sociales, pero también con el propio crecimiento como ciencia. Finalmente se constata la idea de que la ciencia refleja en distintas proporciones no sólo una parte de la cultura, sino también un todo social. Este trabajo intenta mostrar que la sociología venezolana está impregnada de elementos socio-culturales, lo que la convierte en un espacio del hacer social, que se evidencia en su cuerpo de conocimiento y en el producto de sus investigaciones.

Agradecimientos

El espacio es tan corto y hay tanto por decir, que enumerar a quienes han aportado de si para ayudar a la realización de este trabajo y hacer mi estadía grata en Brasil, me llevaría a sumar otras 100 paginas más a la tesis. Sin embargo, quisiera mencionar aquellos que vienen a mi mente en estas últimas horas de producción.

En Campinas

En principio, quisiera agradecer a la Dra. Maria Conceição Da Costa, por sus orientaciones, por su compañerismo, por haberme dado la libertad para escoger los aspectos a estudiar en la tesis...por su paciencia en este arduo proceso de aprendizaje. A ella, quien disfruta – tanto como yo- de hacer sociología, sobre todo sociología de la vida cotidiana, vayan de corazón mis agradecimientos.

Al Prof. Dr. André Furtado por su apoyo en los primeros y más difíciles meses de mi estadía aquí en Campinas. Por su enseñanza en las aulas.

A Leda Githay, también por su apoyo y por asumirnos -a los estudiantes- como hijos, como una gran responsabilidad.

A Dra. Margaret Lopes por valorar mi trabajo y creer en mi, porque sus magistrales aulas despertaron mi imaginación sociológica.

A la CAPES por el aporte financiero para la formación de tantos, entre quienes me incluyo.

A la "gente" IG-DPCT

A Valdirene, siempre tan cariñosa. Edinalva y Adriana por su solidaridad, diligencia y profesionalismo. Gracias...simplemente por soportarnos.

Al irremediable Paulo, por su paciência
y "disposición" para soportar "*nossos choros*".

A mis compañeros y amigos del DPCT. Alessandra quien siempre pensó en mantenernos unidos y hacer mas llevadera la ausencia familiar. A Luciana, por sus atinados consejos y por transmitirnos su buena energía. A las adorables chicas "DPCT(s)" Rubinha, Ana, Vera, Guta, Fabiana, Silvia, Cristina, Sueli, Ionara e Simone.
A los chicos: William, y Emerson, cuya compañía hizo
más fácil el proceso de adaptación.

Un muy especial agradecimientos a Cristina...Cris, mi siempre solidaria amiga, por todos los momentos compartidos, por nuestras largas y enriquecedoras conversas, por toda la compañía que nos dimos, cuando sentimos la ausencia de lo nuestro y los nuestros.

A los chicos del IG, Mr. Tapia, amigo incomparable, por haberme llevado de la mano durante mis primeros pasos en Campinas. A Bienvenido –*negrito*- que com su "guaguancó"
alegro mis días. Alexandre de quien sigo aprendiendo el don de la humildad,
a Serginho e Edmilson.

...a todos, obrigada pela força!!!
A todo o pessoal do predio dos estudantes da post, pelo acolhimento
e pelas amenas tardes que passei lá.

A mis alumnos das *sextas-feiras*, por permitirme enseñarles un poco de la cultura latina.
Por su receptividad y cariño..en especial a Sandra, Gustavo y sus nenes
...con quienes me siento más cerca de casa.

A la gente hermosa que me cobijo cuando más lo necesite.
Nuevamente a ti Cristina y "al Ale", han demostrado ser más que amigos.
Aos irmãos que me adoptaron, de nuevo muchas gracias a ti Alessandra y a Alvaro
quienes me dejaron tener la
hermosa experiencia de convivir en familia.
A mi apreciada Claudinha y a Eduardo, quienes tuvieron el gran gesto
de dejarme entrar en su hogar, haciéndome parte de sus vivencias aquí en Campinas.
A la dulce Mait, la hemanita menor que con su gracia y solidaridad
ha hecho "vivible" este último trecho del trabajo...*deu certo lindinha!*

A Vera Margosian, mi fraternal amiga en estos últimos meses. Por todas nuestras amenas y fructíferas conversas. Por su compromiso para con la traducción de esta tesis
y sobre todo por su fuerza e empeño
para ayudarme a terminar esta última fase de trabajo

En tierras Venezolanas

A la Dra Hebe Vessuri, por confiar ciegamente en mi y ofrecerme la oportunidad de llegar hasta la Unicamp; por ser ejemplo de trabajo e fuente inspiración.

Al IVIC por haberme permitido formar parte del equipo que se dedica
a escribir la historia de la ciencia en Venezuela

A mi familia, en especial a mi madre y a mi abuela por sus eternas oraciones.
Por todo su apoyo y confianza...por sus aleccionadoras experiencias.

A Rubén López, quien además de ser mi eterno compañero, fungió como mi asistente en la investigación. Agradezco sus notables orientaciones y su incondicional apoyo.

Agradezco mis amigos en Venezuela, al gato Felix, por solidaridad, el Boche, Willi, y Yelitza
–grandes torcedores- .

Y en tierras más lejanas a Irma, quien me dejó lindos recuerdos. Gracias negrito por haberle puesto *son* a mis días en Campinas...me recordaste
que la convicción y la constancia nos llevan a cualquier lugar.

A los ausentes, que me motivación a llegar y a quedarme para emprender
un nuevo pasaje en mi vida.

INDICE

INTRODUÇÃO 1

Capítulo I
APROXIMANDO-NOS DO DILEMA CONCEITUAL:
ciência, cultura e sociedade 9

Introdução 10
1.1. CIÊNCIA, CULTURA E SOCIEDADE: Abstrações inseparáveis? 11
1.2 OS DEBATES DA SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA 16
1.2.1. Os Clássicos 16
1.2.2. Em busca da fisionomia social da ciência 19
1.2.3. A Supremacia Mertoniana e a instauração da Sociologia da Ciência 21
1.2.4. A transição à imagem social da ciência 23
1.2.5. O Programa Forte da Sociologia do Conhecimento 31
1.2.5.1. A Construção na Sociologia do conhecimento científico 36
1.2.5.2. Para entender a dinâmica do desenvolvimento da ciência 39
1.3 A CONSTRUÇÃO DA CIÊNCA ATRAVÉS DA PUBLICAÇÃO CIENTÍFICA 42
Linhas de Conclusão 45

Capítulo II
A SOCIOLOGIA NA VENEZUELA 46
Introdução 47
2.1 O ESTUDO DA SOCIOLOGIA NA VENEZUELA 49
2.2 ANTECEDENTES. O domínio norte-americano 55
2.3 A EVOLUÇÃO DA SOCIOLOGIA NA VENEZUELA 59
2.3.1 A "Sociologia" dos Fundadores (1871-1899) 60
2.3.2 A Sociologia de Cátedra (1900-1952) 64
2.3.3 Implantação do Modelo profissional (acadêmico-universitário 1952-1958) 69
2.3.4 Consolidação do Modelo Profissional e a Pesquisa Sociológica na Venezuela (1958 adiante) 72
2.3.4.1 Fin dos anos 60 e início dos anos 70 74
2.3.4.2 Os anos 80 76
2.4. INSTITUCIONALIZAÇÃO DA SOCIOLOGIA. BREVE CRONOLOGIA 77

CAPÍTULO III
A SOCIOLOGIA VISTA ATRAVÉS DE SUA PRODUÇÃO:
Estudo da *"Revista Venezolana de Ciencias Economicas y Sociales"* 80
Introdução 81
3.1 SOBRE A REVISTA 82
3.2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS 83
3.2.1 Periodicidade 85
3.2.2 Produtividade 91
3.2.3. O passo dos anos cinqüenta aos sessenta: Primeira e Segunda Época 93

3.2.3.1 Primeira Epoca 93
3.2.3.2 Segunda Época 93
3.2.3.3 Terceira Época 95
3.2.4. A nova Fase: Quarta e Quinta Épocas 100
3.2.4.1 Quarta Época 100
3.2.3.1 Quinto Período 101
3.3 A CIÊNCIA CONTEXTUALIZADA. O PORQUÊ DAS TEMÁTICAS. 107

ALGUMAS CONCLUSÕES 114

APÊNDICE 121

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA 124

BIBLIOGRAFIA 130

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Lista de Quadros, Tabelas e Gráficos

Quadro 1. Cronología da Institucionalizaçõao da Sociología na Venezuela 78
Quadro 2. Distribuição de Revistas por Ano.Classificadas por Números. Primeira Época (1958-1962) 86
Quadro 3. Distribuição de Revistas por Ano.Classificadas por Números. Segunda Época (1958-1962) 87
Quadro 4. Distribuição de Revistas por Ano.Classificadas por Números. Terceira Época (1978-1980) 88
Quadro 5. Distribuição de Revistas por Ano.Classificadas por Números. Quarta Época (1986-1989) 89
Quadro 6. Ditribuição de Revistas por Ano.Classificadas por Números. Quinto Período (1995-2000) 90

Tabela 1. Distribuição de Artigos Publicados por Área Temática. Primeiro Período (1958-1962) 93
Tabeal 2. Distribuição de Artigos Publicados por Área Temática. Segundo Período (1963-1974) 94
Tabela 3. Distribuição de Artigos Publicados por Área Temática. Terceiro Período (1978-1980) 95
Tabela 4. Distribuição de Artigos Publicados por Área Temática. Quarto Período (1986-1989) 100
Tabela 5. Distribuição de Artigos Publicados por Área Temática. Quarto Período (1995-2000) 101

Gráfico 1. Distribuição de Artigos por Períodos. (1958-2000) 92
Gráfico 2. Distribuição de Artigos por Sub-temática na Área Análise Econômica. (1958-1974) 96
Gráfico 3. Distribuição de Artigos por Sub-temática na Área Análise Sócio-política. (1958-1974) 97
Gráfico 4. Distribuição de Artigos por Sub-temática na Área Antropologia. (1958-1974) 98
Gráfico 5. Distribuição de Artigos por Sub-temática na Área Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia. (1986-2000) 99
Gráfico 6. Distribuição de Artigos por Sub-temática na Área Análise Sócio-política. (1986-2000) 103
Gráfico 7. Distribuição de Artigos por Sub-temática na Área Análise Econômica. (1986-2000) 104
Gráfico 8. Distribuição de Artigos por Sub-temática na Área Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia. (1986-2000) 104
Gráfico 9. Distribuição de Artigos por Sub-temática na Teoria Social. (1986-2000) 105
Gráfico 10. Distribuição de Artigos por Sub-temática na Área Antropologia. (1986-2000) 106
Gráfico 11. Distribuição de Artigos por Sub-temática na Área Métodos e Estatístistica. (1986-2000) 106

INTRODUÇÃO

As páginas que virão ao final desta introdução são o resultado de um trabalho realizado durante o último ano, em meio a saídas e retornos entre o Brasil e a Venezuela. Além de ser a consagração do curso de mestrado em Política Científica e Tecnológica da Unicamp, pessoalmente é um passo na construção de um esforço para conhecer mais profundamente a dinâmica da ciência nos países chamados periféricos, em particular a sociologia na Venezuela.

Neste interesse na área dos Estudos Sociais da Ciência, repousa uma história que me concerne não somente como pesquisadora, mas também como sujeito social. Esta começa no último ano de minha formação como socióloga na Universidade Central da Venezuela, quando me iniciei nesta área, atraída pela dupla curiosidade de conhecer a gênesis da sociologia na Venezuela e esclarecer como é que chegamos a ter cinco escolas universitárias com enfoques diferentes e totalmente desconectadas entre si. Preocupava-me o pouco interesse que havia – e que ainda há – por parte dos estudantes na história de nossa disciplina, a escassa referência oferecida por nossos professores, a quase inexistência de programas conjuntos e interconexões com nossos colegas de outras cidades e algo ainda mais preocupante: a inexistência de uma geração relevante de sociólogos para fazer sociologia dentro da academia –algo que ultrapassava a justificativa de que não é economicamente rentável ser professor universitário. Este panorama, "estado de coisas", que fazia estimular inúmeras tentativas de resposta à problemática a partir de minha imaginação sociológica, indicava-me que, como socióloga aprendiz, estava avançando na direção correta, além de tudo, a sociologia é o recinto dos porquês e das respostas relativas. Acredito que não me inscrevo em uma tendência causal, mas penso que todo feito ou expressão social depende da conjunção de uma multiplicidade de elementos.

Minhas primeiras leituras sobre a interessante história da sociologia venezuelana levaram-me a estabelecer um vínculo mais íntimo com ela, convertendo-se em uma espécie de tímida obsessão pela recuperação de seu interesse, o que poderia

expressar-se como a "reivindicação da sociologia como ciência". Interesse que percebia estar adormecido nacionalmente, pelo menos sob minha ótica de estudante, entretanto, observava que a produção sobre as Ciências Sociais e a Sociologia na América Latina continuava crescendo e difundindo-se.

A primeira oportunidade que tive para fazer sociologia da sociologia foi ao ingressar no Departamento de Estudos Sociais da Ciência no Instituto Venezuelano de Investigações Científicas (IVIC). Nesta época, adquiri conhecimentos sobre a sociologia, filosofia e historia da ciência, três programas –e/ou enfoques– de pesquisa que me permitiram compreender o estudo realizado nos anos anteriores. Conforme avançavam minhas leituras teóricas, a busca de um paralelo com a realidade venezuelana aparecia, assim que *de ser uma estudante de sociologia passei a estudar a sociologia venezuelana.* Sobretudo, fixei-me naqueles traços que pudessem fazê-la uma prática científica interessante, particular, tentando romper com a "marginalidade científica" que inconsciente e erroneamente nos é incutida – mediante diversos mecanismos de socialização– em nossos anos de convivência acadêmica.

O fruto dos contatos iniciais com estes programas de pesquisa e meu "compromisso" com a sociologia materializaram-se no estudo de um primeiro aspecto da comunidade científica: explorar os temas tratados pelos sociólogos durante os eventos científicos[1]. As questões do trabalho pretendiam conhecer quais eram os temas estudados por estes cientistas, onde e em quais espaços reuniam-se com seus parceiros, não somente para o intercâmbio de idéias, como também para o reconhecimento e legitimação da comunidade. O estudo dos eventos científicos, tal como o das publicações (tema que compete a este trabalho), ao meu entender, são somente duas arestas das muitas que mostram como uma ciência se desenvolve e

[1] Lobo, Ysbelet (1999) **¿Sobre qué hablan los sociólogos en sus reuniones científicas? Un estudio exploratorio de las Convenciones de la Asociación Venezolana para el Avance de la Ciencia (AsoVAC) y los Congresos Venezolanos de Sociología y Antropología (1980-1997).** Universidad Central de Venezuela. Mimeo.

evolui no tempo, como seus traços particulares resultam do tratamento de alguns tópicos, e finalmente de seu "estado da arte".

Conforme obtinha algumas respostas, outros questionamentos surgiam, assim que, ao final de 1999, dirigi-me à Dra. Hebe Vessuri[2], com o ímpeto provocado pelo futuro incerto de uma estudante recém-graduada. Amavelmente me recebeu em seu escritório e sem saber muito sobre minha pessoa, além da inerente vontade de continuar estudando, depositou confiança colocando a minha disposição três cursos de pós-graduação que contemplam a área dos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia como linha de pesquisa. Durante esta entrevista, Dra. Hebe concedeu-me alguns minutos para escolher uma universidade. A resposta, já a conhecem. Assim que me dispus a preparar o necessário para vir ao país do futebol, do carnaval, também de consideráveis avanços em matéria de ciência e tecnologia. Este enorme país e o mais desenvolvido da América Latina apresentava-se a mim como uma oportunidade de continuar explorando no interessante mundo da sociologia a partir da própria sociologia.

Tropeçando nos típicos inconvenientes da documentação, estadia e bolsa de estudo, cheguei com todas minhas indumentárias em uma manhã de março do ano seguinte, sem poder dizer que com um português pobre, porque verdadeiramente sabia tanto do português quanto do suahili...que exagero! Mas era mais ou menos assim, se pensarmos que entendia uns 20% do que lia, não falava e nem escrevia nada. Tal situação seria suficiente para fazer-me desistir depois que assisti a minha primeira aula (recordo que foi com André Furtado, a quem devo em parte a oportunidade de estar no DPCT). Entretanto, estava aqui, com a firme convicção de que teria uma gratificante experiência como estudante de mestrado, especializando-me na área que me apaixonava.

[2] Chefe do depto. dos *Estudios Sociales de la Ciencia y Tecnología* do *Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas* (IVIC).

Depois do primeiro ano, e uma péssima adaptação por parte de meu organismo, comecei a conduzir novamente meu interesse ao estudo da sociologia, desta vez sob outra perspectiva, orientada pela Drª Maria Conceição da Costa e Drª Hebe Vessuri. Nosso interesse em conjunto apontou aos processos sócio-culturais na formação da sociologia como disciplina científica. Partindo de um espectro mais amplo, de que forma a ciência reflete em distintas proporções não somente parte da cultura, como também parte do todo social, e de que maneira, dentro de todas as ciências sociais, a sociologia encarrega-se de todos estes assuntos que afetam a vida cotidiana e ainda cuida de seu status como ciência.

Sabemos que a sociologia é a ciência que se ocupa do caráter e da dinâmica das sociedades modernas. Na América Latina, seu acervo e sua prática estão comprometidas com a sociedade, como disse Briceño-León (1998:11), de *"seu povo e de sua época"*. De seu povo, mostrando sua *"evolução e identidade"*; e de sua época, investigando seu desenvolvimento, âmbito onde se inserem *"a cultura, o pensamento, a ciência e os avanços tecnológicos"*. A tarefa do sociólogo latino-americano transforma-se, então, em um duplo papel intelectual. O primeiro, relacionado com o estudo do acontecer social, com o "compromisso" de inter-relacionar fenômenos sociais, buscando analisar, criticar, e de alguma maneira proporcionar uma possível solução às problemáticas apresentadas. Um segundo papel, o de sustentador do status da sociologia dentro da dimensão da ciência universal, que a compromete a produzir um conhecimento que cumpra sagradamente o "decálogo" do método científico e, ao mesmo tempo, com suas possibilidades teóricas e práticas.

Ambas tarefas, objetos de desvelo dos sociólogos, estão baseadas no conhecimento, no ensino e na prática, o que envolve inevitavelmente elementos da cultura. Os mesmos vão desde uma constante busca de "identificação", tanto de nós mesmos quanto dos fenômenos que produzimos, até a transmissão de nossas construções sociais aos outros. Neste processo existem condições variantes que influenciam a produção, a percepção e a interiorização destas construções (teorias) e convenções

(valores, normas, códigos). Estes, *grosso modo*, são elementos componentes dos modelos de vida que criamos em determinados tempos e espaços e são indicadores latentes do comportamento dos homens que, ao racionalizá-los, se convertem na base dos distintos sistemas conceituais que constituem a coluna vertebral da sociologia: a teoria sociológica.

Em geral, a ocupação do sociológico –a qual compartilha também o antropólogo– é precisamente avaliar e fundamentar as diferenças entre as culturas e seus acordos tácitos, entre o comportamento social dos indivíduos com suas instituições e o contexto. Nós cientistas sociais e nossas argumentações não somos imunes aos imprevistos sociais; existe uma influência da totalidade social em nosso pensamento e nas construções que elaboramos sobre ela. Certamente, não pretendemos mostrar estas construções como uma imagem exata ou uma "transferência religiosa" dos acontecimentos sociais, mas sim mostrar como a ingerência do contexto pode determinar formas de raciocínio.

Pensando no acima exposto é que decidimos realizar um trabalho no qual imperasse a análise em conjunto da filosofia, história, sociologia e antropologia da ciência, para estudar a relação ciência e cultura que se produz nos países periféricos. O eixo central e específico desta dissertação é conhecer o processo de construção da sociologia na Venezuela como ciência, tendo em conta a intervenção de elementos sócio-culturais internos e externos no seu desenvolvimento. Então, como podemos vislumbrar e analisar este processo de construção?

Nosso trabalho propõe dois objetivos centrais. O primeiro, a reconstrução da história desta ciência na Venezuela, a fim de conhecer sua trajetória e observar como os âmbitos da vida econômica, política e sócio-cultural, geralmente, influenciam a sociologia. Destacamos entre estes elementos aqueles que têm ajudado na formação e consolidação da sociologia, transcendendo as principais abordagens que a história desta disciplina vem apresentando. Isto com a pretensão de aproximar-nos a uma visão mais integradora da sociologia como ciência ao âmbito sócio-cultural.

O outro objetivo constitui a essência de nossa contribuição: a análise da produção da sociologia através da *"Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales"* (período 1958-2000). O estudo desta revista que data de finais dos cinqüenta e que tem se convertido em veículo tanto de expressão como de comunicação. das ciências sociais venezolana, evidencia elementos que servem à construção da sociologia, pois constitui o exemplo mais tangível de sua evolução. .Além disto, os artigos publicados são os legados que nos, os sociólogos, deixamos através do tempo e que relatam o passar de épocas, temas, abordagens, a relação entre o contexto sócio-cultural e os interesses da comunidade científica. Assim sendo, realizamos o estudo de uma revista local de ciências sociais, pretendendo identificar os elementos que nos levam a afirmar que existe uma inegável relação entre o "que fazer" científico e o contexto que engloba esta ciência social.

Ambos objetivos têm –nos levado ao desenvolvimento deste trabalho. É claro que falar da relação ciência, cultura e sociedade e buscar estruturar um marco teórico conceitual que nos ajude a explicar tal relação presumiria fazer uma revisão de todos os pressupostos teóricos, revisando enfoques e orientações que têm formado o estudo da natureza a ciência. Uma revisão desta magnitude suporia outra tese, além de ter sido objeto de estudo em trabalhos anteriores –alguns de forma sucinta e outros mais detalhada–, nos quais se expõem analiticamente estas tendências e enfoques[3]. Como mencionamos anteriormente, o que nos interessa especificamente é, a princípio, caracterizar e logo analisar o processo de construção sócio-cultural da ciência em um país periférico, ou seja, da Sociologia na Venezuela, de sua relação com o contexto e a expressão desta em um órgão concreto de divulgação.

Assim sendo, estruturamos este trabalho em três capítulos. O primeiro constitui uma junção de enfoques dirigidos ao debate da esfera científica e cultural. É, essencialmente, a definição de alguns conceitos básicos, que estruturam um mapa

[3] Ver: H. Vessuri (1994) **"Sociología de la Ciencia: enfoques y orientaciones"** In: E. Martinez (coord.) **Ciencia, tecnología y Desarrollo: interrelaciones teóricas y Metodológicas,** pp.51-89, Nueva Sociedad. UNESCO-ROSTLAC, Caracas; Iranzo, J. M. y Blanco, José Rubén (1999) **Sociología del Conocimiento Científico**, Centro de Investigaciones Sociológicas y Universidad Pública de Navarra, España; Kreimer, P. (s/d) **Aspecto sociales de la ciencia y la tecnología**, Universidad Virtual de Quilmes. Argentina.

teórico que nos ajuda a visualizar e compreender como os elementos culturais "constroem" a ciência. Assim sendo, mostramos algumas correntes de pensamento social da ciência para compreender o sentido da expressão "construção sócio-cultural da ciência". Somado a isto, incluímos algumas reflexões sobre a importância do contexto para a formação do pensamento científico.

No segundo capítulo, elaboramos o marco histórico referencial da sociologia venezuelana. Apresentamos o desenvolvimento científico da sociologia como ciência (sob sua própria perspectiva), em uma inegável relação desta com os processos de estruturação e organização social nacionais, e também com os de âmbito internacional. Então, nos propomos a condensar a história da sociologia desde inícios do século XIX até o presente, visando ao estudo transversal de períodos (origem, consolidação e desenvolvimento alcançado pela disciplina) para confrontá-los com os diversos âmbitos da vida econômica, política e sócio-cultural da Venezuela. Finalmente, avaliamos as distintas etapas históricas que têm marcado o pensamento social da região, assim como os elementos construtivos desta ciência.

No terceiro capítulo, observamos, através do estudo histórico de uma revista "científico-divulgativa", como tem-se figurado na Venezuela a relação ciência, cultura e sociedade. Trata-se, basicamente, do estudo de uma revista local de ciências sociais: *"Revista Venezuelana de Ciência Econômicas y Sociais"*, que desde 1958 – mesmo com alguns períodos sob dormência– tem conseguido acompanhar o desenvolvimento da sociologia em uma das Escolas mais ativas do país[4]. O ideal seria estender o estudo até o maior número de revistas possíveis, para ampliar o panorama e afirmar com mais propriedade algumas conclusões, porém o tempo e o espaço constituem aqui limites para tal realização.

Nossa proposta de análise cientométrico, à diferença das que freqüentemente são feitas, aponta mais a uma análise quanlitativa que a uma de cunho quantitativo. Isto

[4] Escuela de Sociología. Facultad de Ciencias Económicas y Sociales de la Universidad Central de Venezuela.

porque, além de medir a produtividade, buscamos mostrar os interesses dos pesquisadores científico-sociais em torno da mesma ciência e do acontecer local, em consonância com este duplo papel intelectual de que falávamos anteriormente.

Assim sendo, os artigos convertem-se na unidade de análise e na manifestação concreta das relações que estabelecemos através do tempo entre nosso interesse social e nossa produção científica, elementos componentes à construção da sociologia.

Concluindo, desejo novamente enfatizar que este trabalho é fruto de um crescente interesse pela sociologia, seu "que fazer" e sua inegável relação com o contexto. Tal interesse materializa-se nas páginas seguintes, dando continuidade a esta "recuperação" da sociologia como parte da ciência nacional, oferecendo modestamente alguns dados que ajudem a escrever uma história recente e, no possível, à análise sobre nossa atividade como cientistas sociais.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Capítulo I
APROXIMANDO-NOS DO DILEMA CONCEITUAL:
Ciência, Cultura e Sociedade

" A Cultura é a memória dos sistemas sociais e, sobretudo,
do sistema social chamado sociedade"
Niklas Luhmann

" A Cultura é a pedra fundamental ao redor da qual se estrutura o conteúdo
de toda uma ciência...das ciências sociais em geral"
Kluckhon e Kroeber

"Estudiar el significado de una palabra es
describir cómo se usa, y
describir cómo se usa es
describir la interacción social de la cual forma parte"
Winch, P.

"La ciencia ...[debería ser más que]
el conjunto de científicos que definen qué debe ser la ciencia"
Francisco Varela

¿Existe una realidad más allá de nuestra construcción de la realidad?
... "No lo se"
Von Glaselfeld

Introdução

É notável observar que, durante os últimos anos, numerosos trabalhos têm surgido com propósitos de integração do "que fazer" científico ao âmbito da cultura e/ou com um ressaltante discurso que inscreve a ciência nos processos culturais da sociedade. Desta produção destaca-se uma dimensão –com um enfático viés economicista (Vessuri, 1986)-, derivada da relação "simbiótica" estabelecida entre ciência, economia e desenvolvimento. Esta relação assume a conotação de permitir mensurar o *status* das nações no contexto da sociedade global, ou seja, possibilita conhecer o lugar ocupado pelas nações de acordo com o nível de riqueza que produz, associada ao nível de ciência que ostenta.

Transcendendo as fronteiras desta visão, uma enorme quantidade de informação multiplica-se em uma dimensão *estética*, baseada na persistente proclamação de que "*a ciência é cultura*". Com freqüência, a meta-mensagem desta afirmação aponta à associação do "grau de cultura" –visto como nível de educação - com o progresso científico e, em conseqüência, com o desenvolvimento dos povos. Estas dimensões, consideradas válidas, constituem uma parte razoável do espaço de informação atual sobre Ciência e Cultura.

Não obstante, existe uma grande diversidade de dimensões –e com ela, uma literatura abundante–que podem distintamente associar as noções de ciência e cultura. Nosso trabalho busca integrar essas noções dentro do marco dos Estudos Sociais da Ciência, para compreender como se dá esta relação entre ciência e processos culturais, partindo da premissa que a estrutura social da ciência poderia derivar da totalidade social. Em outras palavras, a partir deste capítulo, nos propomos a ressaltar o âmbito sociocultural das nações para uma análise do desenvolvimento e do exercício da atividade científica.

Visto desta forma, construímos uma definição de cultura, com o objetivo de delimitar os elementos a serem referidos em nossas análises. Em seguida, inserimos a ciência na multiplicidade de aspectos e conteúdos pertencentes à sociedade; a seu tempo, identificando que elementos dentro da ciência a definem como um âmbito sociocultural. Em um segundo plano, nos dedicamos à construção de um mapa teórico, estabelecendo nele a relação ciência, cultura e sociedade. Para tal finalidade, tomamos os elementos

"significativos" de modelos e/ou análises teóricas que têm guiado as visões da Sociologia da Ciência, permitindo compreender tal relação sob distintas designações que têm surgido através dos debates teóricos (internalismo-externalismo, Programa Forte, construcionismo[5]).

Finalmente, exploramos algumas outras propostas teóricas voltadas ao estudo da ciência dentro de um marco mais concreto: a periferia[6]. Procuramos desenhar um mapa conceitual que abrangesse algumas definições adotadas por grandes pensadores na busca de compreender se existem elementos "distinguíveis" ou não de fazer ciência em nossa região.

1.1 CIÊNCIA, CULTURA E SOCIEDADE: Abstrações inseparáveis?

Quando se repassa a literatura da sociologia, da antropologia, da história, da educação e outras disciplinas que integram o amplo leque das ciências sociais e humanas, observa-se que o termo Cultura, assim como Sociedade, é um dos que mais significados tem e provavelmente, em conseqüência, um dos mais empregados. Isto permite que muitas vezes se façam omissões sobre sua natureza, vigência e complexidade, elementos estes importantes para sua compreensão (Santisteban, 1996). Não obstante, estas muitas definições informativas sobre a riqueza de elementos que abrangem a cultura permitem distinguir inúmeras dimensões, nas quais se ressaltam diferentes aspectos ou perspectivas de estudo, estabelecendo, assim, distintas coordenadas de análise.

Na atualidade, o conceito de cultura converte-se em uma categoria de análise que guia o estudo e orienta a ação, especificamente *"para fazer análise das realidades sociais, para compreendê-las e atuar sobre elas"* (Carrier, 1994:150). É evidente que o atual discurso da ciência está sofrendo uma espécie de "aculturação-culturização". A retórica científica tem

---

[5] Existe diversidade de bibliografia, entre as que podem-se revisar: BLOOR, D. **El Conocimiento e Imaginario Social**, Espanha: Gedisa, 1998. KNORR-CETINA, K. D. "The Constructivist Programme in the Sociology of Science: Restreast or Advances", **Social Studies of Science** 12, pp133-136. LATOUR & WOOLGAR **Laboratory Life: The social construction of scientific facts.** London: Sage, 1979. MEDINA, E., "La polémica internalismo-externalismo en la história y la sociologia de la ciencia", **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, 1983:23, pp 53-75. WOOLGAR, S. **Ciencia: abriendo la caja negra. Espanha: Anthropos, 1991.**

[6] Termo adotado pela CEPAL durante os anos cinqüenta.

permitido a expansão dos limites dos processos socioculturais, produzindo-se durante os últimos anos uma extensa bibliografia que mescla a relação ciência e cultura, sobretudo no papel que assume a primeira como geradora de mudanças nas distintas sociedades onde se desenvolve.

As distintas concepções do termo Cultura[7] podem separar-se ao menos em dois sentidos: um humanista, que também poderia ser chamado *clássico*, antigo, que figura ao lado de um sentido mais moderno, o *sócio-antropológico e histórico*, estudado neste trabalho. As definições que entram no primeiro bloco, geralmente, possuem uma conotação normativa, ou seja, a cultura constitui um modelo, um estereótipo que deve ser alcançado, enquanto que a segunda linha antropológica oferece uma noção descritiva, podendo chegar a ser analítica, sobre a situação sócio-histórica e/ou sociocultural de determinados contextos (Carrier, 1994).

Tal como manifestado anteriormente, trabalhamos nos termos da segunda linha sócio-antropológica. Neste sentido, começamos por construir nossa própria acepção de Cultura, afirmando que é *todo âmbito humanizado pelo homem*, portanto, todos possuímos uma cultura, indiferentemente da procedência social. A cultura não está referida aos aspectos que possam diferenciar um indivíduo dos outros, mas à forma em que possa integrá-los aos diferentes setores da vida social (Herskovits, 1955). Esta distinção somente se radica na percepção das normas e códigos, na instauração de valores, nos sistemas de comunicação e na conduta que assumem ante à sociedade a que estão inseridos. Estes elementos da cultura –pertencentes à idéia integral de Tylor-, estão presentes em todas as sociedades; colocando-a no patamar universal, ainda que possua particularidades que distinguem os indivíduos e suas sociedades em diversos pontos.

[7] Sobre as distintas definições revisar um clássico: A L Kroeber e CL. Kluckhohn, (1952) **Culture: a critical review of concepts and definitions**, Universidade de Harvard, Papers of the Peabody Museum of American Archaeology and Ethnology, vol. 47. E outros como H. Carrier (1994) **Diccionario de la Cultura**, Verbo Divino, Navarra-Espanha. E para explicações mais amplas em torno das teorias ver: Marvin Harris (1982). **El Desarrollo de la Teoria Antropológica. História de las teorias de la Cultura**, Siglo veintiuno editores S.A, 3ª. Edic, Espanha; Malisnowski, Bronislaw (1962) **Uma teoria científica da cultura**, Zahar Editores, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.

A natureza não outorga a cultura aos indivíduos como mais um traço, pelo contrário, ela constitui a *"parte do ambiente feita pelo homem"*, uma condição dada pela convivência com os outros, pelas relações que se estabelecem, pelo que se poderia chamar o "contato social". É a sociedade a que atua como um complexo de elementos (culturais) condicionantes, intimamente ligados a um espaço comum e que derivam em uma socialização heterogênea. As condicionantes moldam suas integrantes e outorgam-lhes uma *"personalidade cultural"*, processo no qual os indivíduos compreendem segundo suas próprias capacidades e/ou níveis de adaptação, de necessidades e formas de manifestação (Santisteban, 1996).

Portanto, a cultura remete a uma captação social que é compartilhada, transmitida –herda-se-através do tempo pelos indivíduos, sujeitos que atuam como veículos nos quais estão inseridas estas crenças, valores e códigos. Neste sentido, determina-se à cultura um caráter dinâmico, o que permite afirmar que se encontra em constante construção. Estas permanentes transformações são impulsionadas pelas necessidades individuais e sociais que os sujeitos criam em sua interação tanto com o meio, como entre eles mesmos.

A cultura alude aos modelos de vida criados historicamente e que existem em qualquer tempo como guias potenciais do comportamento dos homens (Parson, 1958). É uma matriz psicossocial gerada tanto pelo indivíduo como pelo grupo, consciente e inconscientemente; portanto, é um fenômeno de psicologia coletiva devido a uma interação constante entre as consciências individuais e a consciência coletiva. Es precisamente nesta mesma consciência coletiva, referida por Durkeim, disponível como *stock of knowledge and hands* (Shutz), onde se constrói um acervo social de conhecimentos "à mão", que experimenta uma evolução, racionaliza-se e, definitivamente, diferencia-se, produzindo assim a ciência, que tem em primeira instância o conhecimento tácito. Exemplo disto é o marco de referência que estrutura a realidade do "primitivo", regida pela premissa de espantar "espíritos malignos", à diferença da cosmovisão racional moderna, segundo a qual a

realidade deve dominar técnico-cientificamente o mundo "matando germes", como muito bem tem manifestado Mary Douglas[8].

Até aqui podemos apontar que o valor da cultura e "do cultural" se orienta, a princípio, na possibilidade de mostrar-nos os elementos que caracterizam uma coletividade, suas especificações e os signos que a distinguem. Teoricamente, e em segundo lugar, tal como Clifford Geertz (1978:15) o define em uma perspectiva weberiana, o conceito de cultura possui um *"sentido semiótico"*, e seu estudo está associado ao sistema de significações dadas às práticas sociais. Portanto, sua análise deve ser vista como uma ciência interpretativa e não como uma ciência normativa em busca de medidas e leis.

Observadas sob níveis de análise social, a ciência e a cultura, igual à economia e à política, constituem âmbitos definidos, subsistemas dentro de um sistema maior: a sociedade. Como subsistemas, são interdependentes e cada um possui uma dinâmica própria, conservando uma demarcação de fronteiras entre seus ambientes. No entanto, existe certa flexibilidade sobre estes limites, estando sujeitos à influência exercida pelos outros subsistemas (Parson, 1951)[9].

Cada um destes sistemas não somente recebe influência dos elementos socioculturais do sistema macro, como também cria, em sua dinâmica interna, um sistema cultural que os permite funcionar e controlar as mudanças, tanto do meio como da totalidade do sistema. As bases do referido sistema sustentam-se em normas e valores que são internalizados nos processos de socialização e passam a formar parte da consciência dos atores, transmitindo-se com facilidade e rapidez de um sistema a outro. Assim sendo, o sistema simbólico que a cultura representa passa a integrar (e tem a capacidade de controlar [Parson, 1960]) todos os subsistemas, nos quais se inclui a ciência, transferindo a estes parte de sua própria

[8] Ver neste sentido a relevante contribuição de E. E. Evans-Pritchard (1968) *Witchacraf, oracles and magia among the azande*, na qual o autor explora a importante estruturação racional que representa o "pensamento selvagem".

[9] Não nos interessa fazer aqui uma discussão sobre a adequação ou validez da teoria de Parsons para explicar o funcionamento da sociedade, mas sim apropriar-nos de alguns conceitos de sua análise a fim de ilustrar o que desejamos. Estamos conscientes de que esta visão parsoniana-funcionalista (igual às teorias fenomenológicas) é limitada a esclarecer as relações estruturais entre ciência e sociedade e/ou as determinações biológicas do conhecimento (Bunge, 1975).

dinâmica interna, a qual também se encarrega da reprodução do acervo social de conhecimento, de pautas institucionalizadas, de símbolos e idéias.

Nossa proposta de reflexão teórica contempla a ciência como parte do sistema social e nela reconhecemos a reprodução de elementos da cultura, de normas e valores construídos e inseridos nos processos de socialização científica. Neste conjunto de elementos que definem a ciência como uma subcultura, o que nos interessa resgatar é precisamente a influência dos âmbitos político, econômico e cultural ao subsistema da ciência, ou seja, discernindo a importância que o contexto, determinado por elementos socioculturais, tem para a construção do conhecimento.

Partimos da premissa que a ciência e tecnologia estão impregnadas destes elementos socioculturais, portanto, é um espaço de manifestação do acontecer social, que se evidencia no corpo do conhecimento e demais produtos gerados de suas pesquisas. A ciência é, então, um sistema de interpretações simbólicas; e, no caso das ciências sociais, de interpretações simbólicas que fazem "*inteligível a dialética da sociedade*" (Leff, 1976).

O espaço da sociedade formado pela ciência e tecnologia reflete em proporções distintas não somente parte da cultura, mas também parte de um todo social. Ciência e tecnologia convertem-se em um espaço de interação, de complexa atividade humana, na qual têm eco algumas estruturas externas, como as pressões econômicas, e outras mais subjetivas, como as expectativas profissionais, que desempenham um papel decisivo na gênese e consolidação dos produtos científico-tecnológicos (Ibarra & López Cerezo, 2001:13).

Mas, vamos aprofundar-nos, segundo o já exposto: Como é que funciona esta subcultura no seu interior? O que permite à ciência ser considerada parte da sociedade? Que elementos culturais são absorvidos e como influenciam o pensamento científico? Em uma única pergunta, como se dá esta dinâmica da ciência, cultura e sociedade?

Responder estas interrogativas praticamente nos leva ao interior da história das discussões sobre a sociologia do conhecimento científico, pois sua tarefa é precisamente *"explorar as*

diversas maneiras de como os objetos do pensamento reflexivo apresentam-se ao sujeito considerando as diferenças nos cenários sociais...quando e onde as estruturas sociais levam a expressar-se a si mesmas nas estruturas das afirmações e no sentido em que as primeiras determinam concretamente as segundas" (Manheim em Vessuri, 1994c).

Tal história pode ter seu início no fim do século XIX, com os debates filosóficos dos clássicos Durkheim, Marx e Weber em torno da possível natureza social da ciência e seu status epistemológico. Em geral, estes estudos rejeitaram a idéia de que o conhecimento científico poderia ser socialmente "causístico" e concentraram seus esforços em explicar, filosoficamente, que estas produções mentais científicas estavam isentas de qualquer influência social, portanto, possuíam um *status* epistemológico privilegiado. Isto implica que, se fosse deixado nas mãos dos filósofos e historiadores positivistas, o estudo do conhecimento científico distanciar-se-ia dos sociólogos de tal área do saber.

1.2 OS DEBATES DA SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA

1.2.1 Os Clássicos

Durkheim tentou aproximar-se da problemática ciência-sociedade através de uma análise sociológica de ordem das "categorias lógicas do pensamento humano", distinguindo o pensamento primitivo do científico. Segundo suas conclusões, tais categorias expressas na variedade dos grupos sociais em noções de espaço e tempo, força e contradição, supunham uma estreita dependência com os fatores histórico-sociais, o que possibilitava o estudo sociológico dos aspectos cognitivos da ciência.

Junto a seus seguidores, Durkheim explorou os sistemas de pensamento imperante nas distintas sociedades, mostrando a essência dos componentes sociais cognitivos que originam e relacionam as estruturas simbólicas e os modelos institucionais da sociedade. Em todos seus trabalhos, as categorias de classificação cognitiva eram originadas por elementos da sociedade ou refletiam-na de alguma forma.

A princípio, Durkheim entendia o pensamento intelectual como categoria simbólica; era um "epifenômeno". Para ele, o que existia na mente dos indivíduos era um reflexo do que

as sociedades significavam e não do que realmente eles viam, sobretudo para os grupos dominantes que se manifestavam a respeito. Mais tarde, entretanto, alterou sua posição, excluindo a ciência de sua análise sociológica.

Durkheim centrou seu argumento na questão da objetividade. Sua tendência evolucionista sobressai ao afirmar que o alcance da objetividade é diretamente proporcional ao avanço da evolução social, e que a ciência substituiu a religião como a base do pensamento humano sobre o mundo natural. Logo, as idéias do conhecimento que sustentavam a ciência, geradas a partir da religião, elemento social, foram desprendendo-se de preconceitos, enfim, de *"influências subjetivas"*. A ciência é, então, a fonte de cognição que se colocou no tabernáculo, suprindo a religião.

A partir das conjeturas de Durkhiem, fazer uma análise sociológico da ciência não representava um grande problema, depois de tudo existem claros indícios de que elementos do todo social influíram no desenvolvimento da ciência, mas era pouco possível dar mais explicações sobre o conhecimento científico em si, posto que o divórcio entre o "verdadeiramente científico" e o contexto social era um princípio da mesma ciência (Vessuri, 1994c).

No século XIX, a forte influência do positivismo não permitiu que Marx rompesse com este *status* privilegiado outorgado à ciência. Sua obra não apresenta, em forma explícita, desenvolvimentos sobre esta problemática; ela aparece com um matiz filosófico e ético mais que sociológico e como complemento de sua análise sobre a consciência, a ideologia e os modos de produção.

Não obstante, surgem duas vertentes do pensamento de Marx: uma designada por Mulkay (em Vessuri, 1994c) como *práxis social* e outra que parecia estabelecer uma distinção entre ciência e filosofia. A visão da primeira outorga dinamismo aos processos sociais, com o objetivo de descrever possíveis vínculos entre ciência e sociedade, além de reconhecer a ação influente de alguns grupos dominantes. Baseado nesta máxima e em uma linha marxista, Boris Hessen (1971) preocupou-se com o conhecimento das condições materiais

de vida dos cientistas e sua época. Em seu estudo, especificamente relacionou os problemas técnicos originados do capitalismo e os problemas científicos da época de Newton[10], tentando explicar que não somente o fator econômico determinava o sistema de idéias, mas também que a cultura em geral influenciava este sistema[11].

Por outro lado, para os Rose –numa segunda vertente de pensamento marxista- estava claro que a ciência dava origem a sua própria ideologia. O afã científico delimitava o campo do conhecimento nas sociedades industriais, considerando insubstancial qualquer outra forma de conhecimento que estivesse fora destes limites. Não obstante, fazem uma distinção entre o conhecimento gerado a partir do âmbito científico –em especial o conhecimento determinado pelo mundo físico que se legitima eventualmente, destruindo a ideologia- daquele que pudesse ser gerado em outros contextos sociais.

Outro grande pensador que tem lugar em uma linha materialista distinta é Max Weber. Em seu ensaio *"A ciência como vocação"* mostra-nos como algumas condicionantes materiais e organizacionais podem ser determinantes na produção de idéias, ao mesmo tempo que revela padrões de mudança nos meios de produção intelectual.

Em geral, Weber, através de sua análise sobre a religião, estabeleceu os pressupostos básicos de uma *"sociologia realista do conhecimento"*. Concluiu que os postulados das orientações religiosas eram conseqüências da natureza do mundo e das necessidades do homem neste mundo, determinando suas orientações básicas à salvação (Vessuri, 1994c). Em seu exame sobre a racionalização no direito, na religião e na ciência, insinuou que existia uma influência do modo como se organizavam as configurações simbólicas sobre o conhecimento gerado nas distintas esferas e em diferentes sociedades. A ética econômica era uma destas configurações simbólicas, baseada em componentes normativos e cognitivos que guiava a ação e provia o modelo de organização econômica. Da mesma

[10] Ver HESSEN, Boris **Las raíces económicas de la mecánica de Newton**. Habana, Cuba: Editorial Academia, 1985, pág. 13-59.

[11] A partir do trabalho de Hessen surgem dois modos de entender a história da ciência: uma interpretação internalista que competia ao lado de uma visão externalista. Os primeiros reconstruíam a ciência baseando-se no cálculo racional e na demonstração das observações empíricas, enquanto que os externalistas propunham-se a demonstrar como a ciência, em cada etapa histórica, refletia a estrutura social da época e respondia às demandas do poder econômico hegemônico (Iranzo & Blanco, 1999:6).

forma, assinalou em outros estudos sobre literatos chineses e os brahmines da Índia que o controle sobre a comunicação, o uso dos recursos e o acesso às posições de controle serviam aos intelectuais para organizar suas colocações.

A divisão entre fatores reais e a mente, ao parecer, foi o motivo pelo qual os apontamentos de Weber não foram incluídos dentro da sociologia clássica do conhecimento. *"Se tivessem aprendido com Weber, a sociologia do conhecimento teria sido muito mais sensível à necessidade de analisar a estrutura interna e as potencialidades do crescimento autônomo de diferentes tradições de conhecimento, a existência de diferentes tipos de interesses cognitivos e a diversidade de instituições através das quais estes interesses cognitivos articulam-se em diferente classes de conhecimento"*(Vessuri, 1994c:56).

Em resumo, as tentativas clássicas destes pensadores sobre a condição especial da ciência e as possíveis influências sociais não lograram ir mais além de um debate filosófico que afiançasse o *status* epistemológico da mesma. Não obstante, deixaram abertas questões que foram retomadas mais à frente por críticos e seguidores.

1.2.2 Em busca da fisionomia social da ciência

No período entre as duas Guerras Mundiais, os interesses da sociologia do conhecimento adquiriram importância dentro de um contexto sociocultural e a rígida separação entre o pensamento científico e o social estava fragmentando-se. Um grupo de sociólogos interessou-se pela pesquisa empírica em consonância com eixos sócio-históricos. Tal grupo distinguiu-se dos demais filósofos profissionais e cientistas reflexivos, que criaram um programa de pesquisa dirigido a justificar teoricamente a autonomia racional do discurso científico (Iranzo & Blanco, 1999).

Uma eclosão discursiva teve lugar entre conflitos sociais, e com ela uma disputa de cada universo discursivo pela sobrevivência –validez e legitimidade- ao lado dos outros. Este clima de tensão, que alguns estudiosos chamam de "anatomia cognitiva"[12], altera os

[12] Período de estremecimento do positivismo, antagonismos intelectuais que originavam e realimentavam o conflito social, o surgimento de filosofias vitalistas e existencialistas e a superposição do totalitarismo, que

interesses do estudo sobre a ciência; a prioridade já não é o conteúdo da crença e asserções para determinar se são válidas ou não, mas sim um novo questionamento: como é que estas idéias se sustentam? (Merton, 1985:48 em Iranzo & Blanco, 1999).

Neste contexto particular, a contribuição de Karl Mannheim para a Sociologia dos conhecimentos é fundamental. Mannheim, pertencente à corrente não marxista (embora influenciado por Marx) e, com elementos weberianos, também outorga relevância ao tema do conhecimento enquanto reflexo da estrutura social, porém de uma forma distinta à exposta por Durkheim e seus seguidores. Sua tese estava centrada na convicção de que as diversas formas do conhecer são geradas a partir das diferentes posições que assumem convenientemente os indivíduos em um determinado contexto. A partir deste raciocínio, todo conhecimento tinha uma explicação sociológica (Iranzo & Blanco, 1999).

Para Mannheim, a ciência constituía o espaço por excelência, onde o resultado destas diferenças interpretativas e valorativas dos indivíduos poderiam chegar a acordos sobre suas interpretações (acordos cognitivos), depois de inevitáveis processos de controvérsia e consenso. Fez uma distinção epistomológica entre o conhecimento das ciências mais desenvolvidas –como a física e a matemática- e o conhecimento sócio-histórico, colocando o primeiro em uma "zona de exclusão sociológica" (Iranzo & Blanco, 1999). Tal distinção esteve baseada na noção irrealista de fatores reais e ideais. Para Mannheim, a ciência natural não devia ser concebida como tema da sociologia do conhecimento. Não obstante, em seus trabalhos não explicou nenhuma tese sobre isto. (Vessuri, 1994c).

Durante o mesmo período, na Inglaterra, um cristalógrafo preocupou-se por problematizar a ciência considerando seus marcos históricos e sócio-políticos. John Desmond Bernal interessou-se pela organização da ciência naquele país e pela relação entre esta e outras dimensões, como a educação, a guerra e o âmbito internacional. Em sua obra "*The funtion on Science*", fundou as bases do estudo da ciência através dos próprios métodos, o que se conheceu como Ciência da Ciência.

---

somado à revolução quântica-relativista na física e a eclosão de vanguardas culturais, destruíram a anterior racionalidade teórica e os quadros de referência mantidos desde finais do século XIX.

Durante seu exame da ciência, Bernal considerou alguns aspectos como: a preparação do cientista, a reorganização da pesquisa, a comunicação científica, o financiamento da ciência, como a ciência avança, a ciência a serviço do homem, ciência e transformação social e a função social da ciência. Todos estes tópicos estudados sob uma perspectiva científico-naturalista, pois via a ciência como um organismo biológico.

Os estudos de Bernal influenciaram consideravelmente na reorganização das estruturas científicas de vários países. Sua perspectiva progressista da ciência (que havia se consagrado no século XVIII), à qual acrescentou seus elementos pessoais, como sua preocupação com a humanidade e a democracia, ajudaram a formar a imagem atual da ciência (Vessuri, 1994c).

1.2.3 A Supremacia Mertoniana e a instauração da Sociologia da Ciência

Um terceiro grande período sobre o estudo do conhecimento inicia-se em 1940, tendo nele lugar imperioso os estudos de Robert K. Merton e, com estes, a consolidação da sociologia da ciência como disciplina. Merton pensava que a finalidade desta área era estabelecer "objetivamente" a correspondência entre o conhecimento, os fatores sociais e a cultura (Merton, 1985).

Os fatores sociais e sua "disponibilidade de recursos cognitivos" influenciaram a seleção de problemáticas, possibilitando seu estudo por vários analistas, sob diversas perspectivas. As diferentes respostas resultantes indicaram que estes cientistas são *"agentes cognitivos ativos e autônomos"*, já que não recebem influências dos fatores sociais. Assim sendo, a objetividade da ciência não estaria afetada, pois as condições sociais não interfeririam em seu conteúdo, nem em seu progresso, e as *"verdades"* continuariam sendo verdades, mesmo resultado de contingências históricas, sociais e culturais.

Os estudos de Merton sobre as origens institucionais da ciência moderna levaram-no a analisá-la como uma instituição regulada por normas, regida por um sistema de recompensas e das controvérsias entre os cientistas pelo reconhecimento de sua atividade (Vessuri, 1994c). Para Merton, a compreensão minuciosa da estrutura e dinâmica sócio-

intelectual da comunidade científica é vital para poder estabelecer as relações causais ou fundamentais entre a produção do conhecimento científico e a estrutura social (uma estrutura que desconsidera os acervos culturais e cognitivos locais).

O conhecimento da organização e funcionamento social da comunidade *"evita a poluição do conhecimento"*, e o faz através de procedimentos de seleção racional que se aplica tanto a cientistas como às instituições onde desenvolvem suas atividades. Este processo não é linear, realiza-se pela ação do *sistema funcional de comunicação e recompensas*[13], que constitui a comunidade científica (Iranzo & Blanco, 1999:116).

As reflexões de Merton sobre a estrutura cultural da ciência, de "*um aspecto limitado da ciência*", como ele apontou, consideram não somente os métodos, mas sim as normas que cuidam destes métodos científicos[14]. Seu interesse estava no estudo dos cânones metodológicos como obrigações morais e não como meios técnicos. Definia *ethos* científicos como um conjunto de normas institucionais, adscritas para as comunidades científicas, que se ainda não muito codificadas, têm sido reconhecidas consensualmente pela comunidade científica em sua globalidade e, portanto, constituíam obrigatoriedade aos homens da ciência. O *ethos* representa o substrato da socialização que é transmitido e interiorizado pelos cientistas, seu estado é apenas o início da compreensão e comparação das estruturas institucionais da ciência (Merton, 1942:65).

Estas normas fixam um padrão de valores (consensual) e de conduta, que rege todo aquele que participe da prática científica, de forma que a atividade estará regida em todo o mundo por cânones ou *"regras de jogo"* comuns e socialmente reconhecidas (como afirma Ludwig Wittgenstein (1958). Merton (1942: 67) pensava que: *"As normas da ciência...são obrigatórias, não somente por sua eficiência nos procedimentos, como também porque se crêem que sejam corretas e boas. São tanto prescrições morais como técnicas"*. Este *ethos*

[13]Que não é mais que o sistema de recompensas ou o sistema de *"intercâmbio de dons"*, como mais tarde o definiu Hagstrom.

[14] Para Merton, a ciência era um conjunto de elementos diferentes unidos entre si, também o conjunto de métodos específicos que legitimam o conhecimento, a aplicação destes métodos, que constitui um acervo de conhecimento acumulado, um conjunto de valores e tradições culturais que regem as atividades científicas ou a combinação destes significados (Merton, 1942:65).

tem expressão concreta nos chamados imperativos funcionais, universalismo, comunismo, desinteresse e ceticismo organizado, que orientam a práxis científica e têm participação em um contexto que permite sistematizar e assimilar a produção proveniente do "que fazer" científico aos padrões aceitos como corretos pelas comunidades científicas.

A tese de Merton baseada na normatividade e institucionalidade apontou a uma característica de seu programa –que logo se converteria no umbral das críticas a seus postulados-: a natureza é quem outorga as respostas finais aos questionamentos propostos pela ciência, processo no qual os humanos são somente mediadores. A ciência é, então, uma atividade "culturalmente reproduzível" e geradora de verdades. Implícito está, então, que estas "condições *quase* perfeitas" institucionais negam de fato as controvérsias e preconceitos mundanos, e que as respostas científicas ou "as verdades" são o produto da motivação que recebem os cientistas através dos sistemas de recompensa. Evidentemente, segundo o suposto acima, tais respostas não teriam valor sociológico, senão para aquele sociólogo que entenda que tais respostas sejam produto do homem, do conhecimento científico e não da natureza (Vessuri, 1994c, Iranzo & Blanco, 1999).

Os críticos de Merton apontam que, ainda que tivesse algumas afirmações em torno da importância das condições sócio-históricas, este elemento não foi desenvolvido na prática, já que as discussões inclinaram-se em direção à dinâmica dos "mediadores de ciência". Merton deixou aberta esta linha criada por ele mesmo, não trabalhando o estudo sociológico do conteúdo da ciência. Não obstante, esta "lacuna" permitiu o surgimento do projeto da Sociologia do Conhecimento Científico.

1.2.4 A transição à imagem social da ciência

No fim dos anos cinqüenta e início dos sessenta, pensadores como Thomas S. Kuhn, Paul K. Feverabend, Stephen Toulmin, juntamente com outros cientistas de linhas de corte mais epistemológico como W.Quine e Polanyi M., foram destruindo pouco a pouco a tradição dos modelos lógicos na filosofia da ciência, centrando-se no debate do seus estudos históricos. Segundo Toulmin (1979, em Vessuri, 1994c:62), este período, que chamou de transformação cultural, contemplou várias discussões sobre o "que fazer" intelectual e sua

essência. Passou-se do debate da estrutura das teorias científicas a um debate sobre a dinâmica da mudança científica, do observacionismo à análise do conteúdo teórico da percepção e da previsão como prova do conhecimento científico à explicação como centro da compreensão científica. Ainda neste período, a pesquisa como atividade social não havia sido contemplada como prática, pois o núcleo das discussões na sociologia da ciência funcionalista e da história da ciência centrava-se na definição de teorias.

Não obstante, à medida que a pesquisa empírica histórica e sociológica avançava, ficava mais difícil estabelecer uma distinção *entre "o cognitivo" e "o social", entre os fatores "internos" e "externos" influenciavam a empresa científica. No mundo real da ciência, a distinção entre o contexto do descobrimento e o contexto da justificação era crescentemente difícil de manter*" (1994c:63).

Na visão evolutiva da ciência de Toulmin –distinta do evolucionismo-, a coesão de cientistas em comunidades deve-se a *"ideais de ordem natural"* e a procedimentos próprios de argumentação e prova. Tais ideais orientam o progresso da ciência. Porém, a instituição científica não progride "*..rumo à verdade em um sentido realista, nem rumo à objetividade em um sentido lógico formal*", em troca pode-se dizer que *"progride rumo uma maior adaptação local em um sentido pragmático"* (Iranzo & Blanco, 1999). Portanto, a concepção de Toulmin sobre ciência está associada a uma série de respostas concretas apropriadas às condições e requerimentos do meio, estas respostas são compostas por elementos cognitivos, culturais e societais (Sanderson, 1999 em Iranzo & Blanco, 1999). Muitos destes elementos interiorizados pelas próprias comunidades científicas estão associados à aceitação ou não de novas abordagens na disciplina, sob os olhos de peritos que julgam através dos parâmetros tradicionais. A maioria das novas abordagens procedem de disciplinas vizinhas e, caso sejam aceitas, a comunidade estabelece as semelhanças que permitirão resolver a problemática em questão, o que poderia gerar novos "ideais naturais" que substituirão os existentes.

Algumas idéias de Toulmin inspiraram Kunh à publicação de "*A Estrutura das Revoluções Científicas*" em 1962, dando um importante passo na área da Sociologia e História da

Ciência. Kuhn preocupava-se em explicar a regularidade das mudanças científicas para dar resposta às variações da teoria. À diferença de outros pensadores, a lógica das teorias científicas não era de seu interesse, por esta razão centrou-se no estudo da dinâmica da ciência, começando por determinar quais elementos influenciavam certas condutas dos cientistas. Suas idéias introduziram grande crítica à racionalidade privilegiada do campo da ciência, partindo do ponto que as "crenças subjetivas" eram a base do conhecimento e cobravam sentido no marco de um paradigma[15] nascido no seio da ciência normal e determinado como um conjunto de regras e recursos, que servem a uma comunidade, articulando a elaboração e evolução de suas teorias (Kunh, 1982).

Kunh mencionava que as regras carecem de um papel fundamental, primeiro porque dependem de outras regras para serem explicadas, o que geraria um sem-fim de regras; segundo porque dependem da identificação de objetos adequados, e terceiro porque com elas não se pode distinguir entre o que é descobrimento e aprendizado, processos que não dependem de regras, mas sim de aplicação de analogias. Portanto, estas regras racionais que guiam a ciência não são universais, ou seja, as condições para fazer ciência não são iguais em todos os contextos, propondo então em seu estudo salientar as tradições históricas concretas.

Em seus trabalhos, Kunh distinguiu três estágios para descrever o progresso de uma disciplina. O primeiro chamou de fase pré-paradigmática: neste período os dados empíricos são vistos à luz das teorias e metodologias de outras disciplinas ou profissões. Não há uma relevância *strictu sensu* dos dados; a observação é a metodologia e os livros os grandes guias. São próprias e inevitáveis as disputas entre as escolas cujos fundamentos metodológicos são dissimilares e fundamentalistas. Por isso, as escolas não progridem significativamente, têm uma vida curta e perecem; e o pouco progresso apresentado deve-se a que o conhecimento que se gera não se unifica, nem se divide, tal é o caso das ciências sociais atualmente (Kuhn, 1982).

[15] A noção de paradigma respondeu a todas interrogações de Kunh e tem sido objeto de críticas e acusações de relativismo e irracionalismo por parte da comunidade científica. Esta mesma noção de paradigma, juntamente com a necessidade de crescimento sem progresso da ciência e racionalidade local, distinguiram a visão de ciência de Kunh dos relativistas e objetivistas (Medina, 1989 em Iranzo & Blanco, 1999).

Uma *segunda fase* ocorre já no que se pode chamar de momento crítico. Inicia-se com um grande acúmulo de informação por um grupo, cativando novos adeptos à área, e continua com uma especificação, pois há uma maior concentração nos detalhes mais complexos de algumas problemáticas. O artigo e a carta passam a substituir os livros, observa-se uma proliferação de trabalhos, o surgimento de uma massa crítica que se auto-avalia. A organização institucional da ciência dá os primeiros passos e com ela uma incipiente comunidade começa a estruturar-se graças à educação, experiências em comum e redes de comunicação que se criam, unidos à linguagem e formalidade compartilhada que se avalia coletivamente. Uma vez alcançada estas características, a comunidade científica terá alcançado a maturidade, o que é muito diferente que dizer que o traço distinguidor de tal comunidade é a aquisição de um paradigma. O paradigma são todas estas características somadas à ênfase que a escola dá às distintas problemáticas e às plausíveis soluções que originam uma matriz disciplinar.

No momento em que a comunidade científica tenha em comum compromissos teóricos, metodológicos e instrumentais, se alcançará *a terceira fase*: a fase da ciência normal. Alguns avanços são definitivos e seu número e qualidade devem ser elevados, mas não devem ser refutados. É próprio desta fase, buscar o caminho que solve os casos com dificuldades técnicas e teóricas, ao mesmo tempo que permite aos cientistas chegar a um determinado consenso, integração, comunicação e identificação dos limites do paradigma vigente (Iranzo & Blanco, 1999). Uma vez identificadas as anomalias com pleno convencimento de que o paradigma não conseguirá saná-las, a comunidade terá que eleger um novo paradigma, para o qual existem alguns critérios como consistência, alcance, fecundidade, precisão quantitativa e outros de caráter estético: simplicidade, elegância, economia, etc.

Esta visão de progresso da ciência tem sido criticada e tachada de irracional, sobretudo no que diz respeito à distinção das fases e momentos críticos dos paradigmas. A resposta de Kunh para tais críticas é que tal distinção não existe até que se tenha cumprido a totalidade do progresso, ou seja, *ex-post-facto* , e somente com a realização de um exame histórico é que se pode entender as mudanças e o progresso da ciência. Ainda que estes não sejam

aspectos bem explicados na sua teoria, Kunh deixa claro que a ciência não acumula fatos, verdades ou teorias; ao contrário, as mudanças que geram as revoluções demonstram que a ciência "*responde a contingências históricas e a um impulso teleológico em direção a um ótimo noseológico universal*"(1999:79).

Como conseqüência da obra de Kunh, uma nova tendência impôs-se na sociologia da ciência: A relatividade da ciência. Esta diretriz fez surgir algumas obras em meados dos anos sessenta, baseadas na crítica ao paradigma normativo da ciência. Em 1965, Warren Hagstrom publicou *A Comunidade Científica*, criticando o fervor racionalista e objetivista do enfoque normativista de Merton, onde os cientistas adotam as normas por "convicção moral" como uma condição para aumentar o reconhecimento público de suas aptidões profissionais. Assinalando de irracional esta associação, Hagstrom apontou que a comunidade científica não se rege pela deliberação de juízes que avaliam o comportamento dos demais membros da comunidade, senão que as relações internas entre os pares e entre estes e o resto da sociedade são equivalentes a um sistema de intercâmbio *quase-econômico*, de intercâmbio de dons, ou seja, a ciência oferece informação em troca de reconhecimento e apoio. Diana Crane, em 1972, no seu estudo "*Colégios Invisíveis*" apontou que a consagração dos aspectos institucionais por parte do paradigma mertoniano terminava enquadrando-o em uma espécie de programa de pesquisa da Ciência (da Administração da Ciência). Mais ainda, Crane ressaltou a importância do estabelecimento de redes informais na comunidade em prol de manter ou questionar os postulados teóricos predominantes.

Em retrospectiva à obra de Kunh e sua visão sobre pesquisa empírica, T.J. Pinch (1982 em Vessuri, 1994c) apontou duas interpretações geradas desta visão, dentro da natureza cognitiva da ciência. Uma corrente chamada *conservadora* tentava abrir um espaço entre os componentes cognitivos e sociais da ciência, e na prática preocupava-se mais com os problemas de *"tipificação, identificação e desenvolvimento do grupo social onde se localizava o paradigma em questão"*, deixando de lado os problemas cognitivos e intelectuais. A segunda interpretação, *radical*, defende a integração do social com o

cognitivo: "*Supõe-se não ter sentido separá-los, pois cada uma destas partes adquire significado individual no contexto do paradigma como um todo*" (Vessuni, 1994:64).

Pertence a este segundo grupo John Ziman (como também Barnes, Shapin e outros autores), cujo texto "*O conhecimento público*" foi publicado dez anos depois da revolucionária obra de Kunh. O núcleo do trabalho de Ziman é a caracterização da ciência como forma de conhecimento público, a partir de uma visão kunhiana da ciência. Sua contribuição está em uma sociologia da ciência que não aceita distinção entre a ciência operada por um corpo de cientistas como instituição independente (visão mertoniana) e a ciência como uma instituição social (como Bloor a define mais adiante).

O grande tributo de Ziman foi complementar o pensamento de Kunh, adicionando o estudo da produção, sanção e difusão do conhecimento ao estudo da estrutura social da comunidade científica. Para Ziman, a ciência é um trabalho socialmente organizado, que não somente se limita à busca do *"conhecimento ou à publicação de informação...Seus fatos e suas teorias devem passar por um período de estudo crítico e de prova, em mãos de outros indivíduos competentes e imparciais, e devem resultar tão convenientes que possam ser quase universalmente aceitados...O objetivo da ciência não se limita a adquirir informação, nem expressar idéias não contraditórias; sua meta é o consenso da opinião racional sobre o campo mais vasto possível*" (Ziman, 1968:22-23).

Ziman crê na intersubjetividade científica, na comunicação de experiências e na ausência de regulamentação da percepção da prática científica. Parte da premissa que o conhecimento é de procedência social[16], posto que está baseado nas vivências subjetivas. As mesmas somente podem chegar a ser conhecimento uma vez que passem por um processo de "construção", ou seja, *de construção de dados* (surgidos da orientação de postulados e perspectivas teóricas e práticas da comunidade), de *interpretação* que os dê

[16] Atrás desta afirmação repousa também uma crítica a Merton e à ordem que o *ethos* exerce sobre a atividade dos cientistas. A ciência, para Ziman é indeterminada e falível, porque suas regras de validade e as normas que regem sua produção e distribuição não transcendem suas circunstâncias históricas e seu meio social (Ziman, 1968:78-79). A autoridade cognitiva que a ciência possui deve-se às fortes pressões que os pesquisadores recebem para publicar e para que seu trabalho seja útil e se coloque à disposição de seus colegas, e não em *ethos* idealizado. Neste sentido, a epistemologia é social (...) e a ciência é empirismo cotidiano sistematizado e racionalizado pelos membros da comunidade científica (Iranzo & Blanco, 1999).

sentido (através de teorias, conceitos e modelos), de *comunicação* (em meios formais e informais de registro e recuperação de informação), de *verificação* (tendo como eixo a objetividade), de *articulação* com outros elementos já existentes (porque somente assim são importantes dados), e de *formalização* (a conversa de enunciados indicativos que caracterizam a ciência) (Iranzo & Blanco, 1999).

As "respostas irrefutáveis" que a ciência oferece a uma determinada problemática dependem substancialmente dos consensos e avanços que os "expertos" tenham sobre seus trabalhos e sobre os da comunidade. Para conseguir este propósito, os cientistas necessitam de autonomia institucional, de certa liberdade individual e de um ambiente favorável ao trabalho e debate coletivo, o que restringe a intervenção exterior sobre a atividade científica (Ziman, 1968).

Finalmente, nas próprias palavras de Ziman, a ciência *"é uma forma de Conhecimento Público...**a absoluta necessidade de comunicar os próprios descobrimentos e fazê-los aceitáveis a outros determina sua forma intelectual**...todos os procedimentos de raciocínio e argumento genuinamente científicos são essencialmente os da vida cotidiana...seu aparente formalismo e seu suposto rigor nascem da especialização"* (Ziman, 1968:182-1986)[17].

É importante destacar aqui a preocupação que levou alguns discípulos de Kuhn, como Bohme[18], integrante do Instituto de Max-Planck na Alemanha, a desenvolver o modelo da "*finalização da ciência*", com a intenção de transformar a relação entre ciência e seu ambiente social na área da política científica dos anos setenta. A "finalização" (originada de causa *finalis* aristotélica) *"é um processo através do qual os objetivos externos da ciência convertem-se em guias para o desenvolvimento da própria teoria científica"*. Quando as disciplinas são orientadas por um paradigma universal e figuram como modelo da "ciência normal" (estado pós-paradigmático kunhiano) possuem um amplo leque de especializações. O aumento destas especializações é proporcional a seus níveis de

[17] Sublinhado nosso
[18] Ver: BÖHME G., Dalele, W. and Krohn. "Finalization in Science", **Social Science Information**, 1976:15, pp.307-330.

aplicação, o que implica dependerem cada vez menos da instrução da teoria e mais de "indicadores" externos. Neste sentido, o modelo de finalização da ciência alimenta a consciência de *um programa de ciência natural social* (Vessuri, 1994c:65).

A década dos anos sessenta apresentou-se também como um período de complexas mudanças sociais, ocorrendo manifestações pacifistas, ecologistas, feministas; defensores dos direitos humanos e civis apresentam-se para advogar em favor de uma democratização da Ciência e da Tecnologia (Iranzo & Blanco, 1999; Alonso et. alli., 1996). Neste contexto, um quarto período inicia-se, com o declínio do império funcional mertoniano e a ascensão dos modelos históricos para a análise da ciência.

Dentro da academia, alguns mecanismos começam a construir-se para propiciar estudos interdisciplinares, nascendo os conhecidos "Estudos do Contexto Social", que ajudavam a forjar a consciência responsável dos cientistas. A imagem unidirecional, socialmente desinteressada que o "logicismo" e "hierarquismo" deram à ciência, ofusca-se pela "imagem social da ciência", explicitamente por um diálogo entre ciência e sociedade, sustentado pela idéia de que "a ciência é um produto social contingente, formada por instrumentos culturais e onde existe uma constante reavaliação entre fatos e valores" (Iranzo & Blanco, 1999:166).

Em 1964, nasce no interior da Faculdade de Ciências da Universidade de Edimburgo a *Science Studies Unit*. Um de seus principais objetivos era propiciar aos estudantes iniciantes um curso com conteúdos políticos e organizacionais da ciência, além de economia, história e filosofia da ciência. O maior obstáculo enfrentado pela unidade foi a falta de pessoas preparadas nestes assuntos, denotando o incipiente estado de idéias e perspectivas sociais da ciência. Mais tarde, Davis Edge preenchia esta lacuna e, posteriormente, unia-se a ele o filósofo David Bloor (de influência kuniana), que então tornara-se uma importante figura do Programa Forte. O químico Barry Barnes passa a fazer parte do grupo, com um enfático interesse na crítica sociológica da ciência de corte mertoniano e nos valores da ciência sob uma perspectiva de Becker. Os esforços desta

equipe materializaram-se em prol do estudo das dimensões epistomológica e social da ciência, como estudaremos mais adiante.

Em 1971, o grupo interdisciplinar consolidou-se graças à união de Steven Shapin, biólogo de profissão e com doutorado em história da ciência, cuja tese tratou a ciência provincial britânica, especificamente os usos culturais da ciência nos séculos XVIII e XIX. Em 1975, funcionavam a Society for the Social Studies of Science (4S) e seu órgão de divulgação Science Technology & Human Values, institucionalizado solidamente à área da Sociologia do Conhecimento Científico. A partir de então, abre-se espaço a múltiplas linhas de pesquisa alternativas, objetivando os aspectos sociais de atividade científica, bem como o desafio da dissociação entre estes e os aspectos cognitivos.

1.2.5 O Programa Forte da Sociologia do Conhecimento

O Programa Forte (PF em diante) estabelece a "adaptação" da ciência, dos procedimentos de análise sociológica que foram aplicados a outras formas de produção cultural como as religiões, as artes, as ideologias e a vida cotidiana em si. A medula deste programa, no sistema de crenças legitimadas pela comunidade científica, é sua aceitação como forma de produção de conhecimento igualmente válida às mencionadas anteriormente, sem um *status* especial e sobretudo vinculada ao todo social. Mais concretamente, o PF surgiu com a finalidade de elaborar uma *"visão empírica, materialista, descritiva e explicativa da ciência"* como crítica à visão "idealista, normativa e cientificamente insatisfatória" que operava até então (Iranzo y Blanco, 1999:18).

Entre as propostas do PF, destaca-se a forte crítica à "universalidade" do método científico, afirmando claramente que tal método não é mais que uma versão tecnicamente depurada e aperfeiçoada do pensamento mundano. Neste sentido, a gênese da ciência não estaria necessariamente vinculada a um método científico ou a uma única forma de racionalização, colocando assim em descrédito o nível epistemológico que reclama.

Seguindo este princípio, a ciência seria, então, mais uma forma de cultura, uma articulação de instrumentos e estratégias locais de sistematização: um sistema maior, que abrange

sistemas de valores, códigos morais, convenções sociais e as possíveis relações com o mundo dos objetos, dos fatos e eventos concretos. Assim sendo, o conhecimento não é uma produção arbitrária de um conjunto de pensadores, mas sim uma produção de caráter convencional e de aceitação coletiva, razão pela qual se distingue da simples crença individual. A produção originada da atividade científica tampouco é indiferente ao meio onde se gera, atendendo a realidades particulares, estando consciente da função causal da própria natureza humana, dos mecanismos psicológicos da razão e de seus vínculos com os espaços da política, da economia ou da própria cultura local.

A instituição do PF foi idealizada por Bloor em antagonismo à sociologia clássica do conhecimento, que visava ideologicamente à ciência como um campo de conhecimento com limites bastantes demarcados, cuja objetividade e resultados eram totalmente fiéis, irrevogáveis e justamente circunscritos ao método científico (Iranzo & Blanco, 1999; Woolgar, 1991). O interesse de Bloor concentrou-se na discussão do conhecimento como uma empresa social, especificamente no que se referia à compreensão histórica do caráter e à experiência dos grupos humanos, passando da busca de idéias abstratas e universais ao interesse pelas situações históricas particulares. Com isto, reintroduz-se o relativismo no estudo da ciência, que havia ocupado lugar preponderante na antropologia sociocultural, produzindo uma reviravolta na concepção da mudança cultural no mundo intelectual (Vessuri, 1994c).

Bloor (1998:38) atribuíu quatro princípios ou regras metodológicas aplicáveis pela sociologia da ciência ao estudo de todas as ciências:

a) causalidade: deve ocupar-se de todas as condições que originam o conhecimento, independentemente de que não sejam sociais.
b) imparcialidade: com ambos lados da dicotomia, assim tanto verdade e falsidade, a racionalidade e irracionalidade, o êxito ou o fracasso devem ser explicados.
c) simetria: em seu estilo de explicação. Os mesmos tipos de causas devem explicar ambos os lados das dicotomias, ou seja, crenças falsas e verdadeiras, racionais e irracionais e assim sucessivamente.

d) reflexividade: a princípio, seus padrões de explicação deveriam ser aplicáveis à própria sociologia. Do mesmo modo que o princípio de simetria, a reflexividade é uma resposta às necessidades de buscar explicações gerais. Sua presença é óbvia, do contrário a sociologia seria uma refutação viva de suas próprias teorias.

Estes princípios derivados de Durkheim, Manheim e Znaniecki (Bloor, 1998), convergem com a chamada Teoria de Interesse, que é o núcleo do PF. Esta sustenta que os interesses sociais "medeiam" entre a posição social de um sujeito científico e suas crenças nas decisões estratégicas entrelaçadas em suas práticas dentro da estrutura social. De forma mais simples, trata-se empiricamente da relação entre crenças, interesses e estrutura social (Iranzo & Blanco, 1999), relação esta que põe em evidencia a flexibilidade interpretativa do conhecimento.

O PF recorre aos interesses da sociedade quando tenta mostrar o caráter social da produção do conhecimento científico. A prática científica é intencional, está guiada por metas, batalha com a determinação do significado das provas originadas da observação e com as conjecturas dos elementos teóricos da linguagem científica. Da mesma forma acontece com a determinação da aplicação de um conceito ou uma prática exemplar por parte dos cientistas ou qualquer outro ator humano, o veredicto de tal decisão depende da conveniência para os fins do caso, de manter ou variar os usos dados anteriormente. Esta decisão –com seus devidos critérios de seleção e avaliação- é julgada pelo coletivo; sua aplicação, difusão e extensão dependem de seus efeitos práticos. Neste sentido, os interesses sociais são causa necessária, mas não suficiente, da produção de conhecimento público, compartilhado ou institucionalizado, seja este sancionado como acertado ou como incorreto (Bloor, 1998; Iranzo & Blanco, 1999).

Do exposto deduz-se então, que o importante da consideração do PF pelos interesses sociais vai além de que sejam empregados como recurso explicativo da atividade científica, sobressaindo-se o sentido rigorosamente simétrico em respeito a seus efeitos, e sentido imparcial em respeito a seus resultados.

O PF considera o conhecimento como um conjunto de práticas coletivas que produz novos discursos e novas técnicas instrumentais com o fim de promover a continuidade do trabalho e da cultura da ciência, e assim da sociedade que alberga e sufraga sua produção. Segundo Barnes (1977:6), *"o conhecimento não é resultado de uma aprendizagem aleatória sobre a realidade, mas sim o correlato do desenvolvimento histórico de procedimentos, competências e técnicas relevantes, em diversos graus, para os fins ou objetivos de culturas ou subculturas".*

Em resumo, o PF preocupa-se estritamente com o conhecimento científico, sem conferir-lhe um *status* especial. É devido a este conhecimento que o racionalismo dos filósofos é substituído pelo naturalismo causal dos cientistas. Uma atitude imparcial impõe-se, então, sobre os sujeitos e a necessidade de propor explicações atentamente simétricas em relação a suas diversas e antagônicas crenças; considerações que obviamente deve cumprir o próprio PF, atendendo ao princípio da reflexividade. O PF visualiza os interesses que constrói como "tipos-ideais"[19] empíricos enquanto constituem atos de construção de sentido coletivo, historicamente documentáveis, que permitem oferecer reconstruções *razoáveis* das ações sociais dos cientistas, sem necessidade de recorrer a algum tipo ideal de racionalidade abstrata e desprendida.

As críticas e o trabalho que numerosos adversários e adeptos fizeram em torno do PF promoveram seu fortalecimento através de diversos debates. Entre estes destacavassem os mertonianos, a ortodoxia dos filósofos e teóricos sociais, assim como as discussões entre o relativismo e realismo e a sociologia das ciências naturais[20]. A maioria das discussões estão

---

[19] Não é difícil perceber a similaridade existente entre a base do PF e a resposta mertoniana para "explicar" a ciência. O primeiro afirma superar a visão herdada, mas se observarmos que os "imperativos sociais" são substituídos pelos "intereses sociais", então, a forma em que ambos (Merton e Bloor) tentam explicar a ciência, é a mesma.

[20] Para uma revisão mais detalhada sobre as controvérsias, consultar o maior crítico de Bloor, Larry Laudan The Pseudo-Science? **Philosophy of the Social Sciences**, 1981:11, pp.173-198. Também S. P. Turner "Interpretative Charity, Durkheim and Strong Programme in the Sociology of Science", **Philosophy of the Social Sciences**, 1981:11, pp.231-243. Ou outros como Knorr-Cetina "The Scientist as an Analogical Reasoner: a critique of the metaphor theory of innovation" In: Knoor-Cetina et.alli.(eds) **The Social Processes of Scientific Organization,** Rendel, Dordrecht: 1981, pp. 25-52. E da mesma autora (1981) **The manufacture of Knowledge. An Essay on the Constructivist and Contextual Nature of Science**, Nova York: Oxford - Pergamon Press, 1981. Sobre o programa empírico do relativismo ver H.M. Collins (ed) Knowledge and Controversy: studies of modern natural science, número extraordinário de *Social Studies of*

baseadas na natureza da ciência e quem as formulam recorrem a determinadas idéias sobre a racionalidade da própria ciência. O ponto crítico destas discussões não é apenas que o PF se aproprie das discussões que ocupavam espaço na filosofia, senão que enfatize a relatividade da verdade científica (Bloor, 1998; Woolgar, 1998).

Um outro enfoque que sustenta o PF, complementar ao da Teoria dos Interesses, é o estudo das interações entre os cientistas, suas crenças e outros atores sociais. Este fundamento dos programas construtivistas alimentou-se da tradição fenomenológica de Alfred Shutz, na qual ressalta-se a forma em que os indivíduos constroem suas sociedades. A gênese da expressão "construção social"[21] tem lugar no trabalho realizado por Peter Berger e Thomas Luckman, em 1966, "A construção social da realidade". Este trabalho analisa como os sujeitos, através de seu cotidiano e/ou socialização, estabelecem e aprovam formas de organização social, institucionalizando-as e legitimando-as[22].

A construção social, a qual Berger & Luckman aludem, foi chamada por Sismondo (1993) de *construção através das interações*. A razão é que Berger e Luckman referiram-se às instituições e sua legitimação como processos sociais impregnados de distintos elementos reais (valores de usos, normas e costumes), que as caracterizam como um produto do humano. Estas instituições passam a fazer parte de um acervo socialmente disponível de conhecimento, que sugere certos padrões de comportamento em momentos determinados, tendo a atribuição de sancioná-los quando forem desrespeitados (Berger e Luckman, 1973)

Science, 11 (1), 1981. De maneira resumida e profunda podem consultar-se Iranzo & Blanco **Sociología del Conocimiento ...** 1999, que dedicam um capítulo inteiro à exploração do assunto. Ou F. A. Isambert Un "Programme Fort" en Sociologie de la Science?, **Revue Française de Sociologie**, XXVII, 1985 pp. 485-508.

[21] Ver o trabalho de SISMONDO, S. "Some Social Construction", **Social Studies of Science**, 1993, Vol. 23, pp.515-553. No qual o autor percorre as distintas concepções da metáfora "construção social".

[22] Não pretendemos afirmar que a obra de Berger e Luckman tenha sido fundadora da SCC; mas, tendo influência da primeira sociologia do conhecimento, reconhecer que seu foco está em proporcionar um tipo de conhecimento ordinário que necessitamos para compreender a sociedade. Estes autores estão inclinados a um objetivo central, o *conhecimento da sociedade* refletido em sua obra ao demonstrar maior interesse no estudo de grandes culturas e da sociedade que na análise das subculturas e das sociedades em geral (Sismondo, 1993).

Para Berger e Luckman, os homens e suas pautas de conduta não estão estritamente normalizados por cânones, mas sim pelas amplas condições do meio onde se socializam, da mesma maneira que as sociedades se constróem à luz de complexos "processos e contingências" dos homens, em tempo e espaço determinados. Assim, o homem é um produto social, e a sociedade é um produto humano. Nesta medida, as instituições existem independentemente do nosso acordo, elas são aceitas e grande parte dos sujeitos da sociedade move-se segundo seus preceitos. Tal razão é suficiente para que nosso simples desejo de negociação não seja capaz de fazê-las desaparecer, bem como para que a aceitação destes indivíduos as tornem reais. Isto, portanto, acaba reforçando a permanência das instituições na sociedade.

Os processos pelos quais se analisa a relação homem-realidade constituem, como temos afirmado, a tarefa fundamental da Sociologia do Conhecimento. Estas exposições traçaram as diretrizes da escola do construtivismo e seus principais postulados serviram de base para que muitas outras áreas do saber crescessem e se desenvolvessem como uma espécie de "obsessão" sobre o papel de algum elemento da sociedade (Pinch, 1997).

A Sociologia do Conhecimento ocupa-se da relação entre o pensamento do homem e o contexto onde este se produz. Esta sociologia emprega como ferramentas o *agnosticismo*[23] e o relativismo metodológico, deixando assim um espaço para o social, além de nos incitar a encontrar explicações sociais aos eventos científicos e, nesta medida, fazê-los mais completos (Sismondo, 1993:521).

1.2.5.1 A Construção na Sociologia do conhecimento científico

O Programa Forte busca construir uma teoria sociológica de nível médio sobre a atividade científica e uma sociologia histórica do conhecimento científico. Tal processo de construção possibilitou a expansão de diversos enfoques sociológicos da ciência, entre os quais os *estudos empíricos de caso* recebem especial atenção. Desde o fim dos anos

[23] Doutrina que declara o absoluto como inacessível para o entendimento humano, o que considera trivial toda metafísica.

sessenta, vários pesquisadores centraram-se no estudo da ação prática dos cientistas em seus laboratórios, como também do que produzem fora destes limites.

Este é o início dos chamados "modelos construtivos" ou "nova sociologia da ciência", pretendem entender a ciência como um processo de interação mais amplo entre cientistas e outros sujeitos sociais. Este enfoque emprega como método os estudos etnográficos da produção do conhecimento no laboratório. Seus precursores são Bruno Latour e Steven Woolgar (1979), com "*Laboratory Life*", trabalho no qual defendem que os fatos científicos são construídos pela força social dos indivíduos e pela potência das instituições nas quais se desempenham (Vessuri, 1994c).

Esta perspectiva procura mostrar o trabalho desenvolvido pelos cientistas em seus laboratórios, recintos fechados, na verdade : "caixa negra para os leigos". Criticados por diversos campos dos estudos sociais da ciência, o construtivismo de Latour e Woolgar buscava descobrir o que realmente "ocorre na ciência", um âmbito de estudo antes inexplorado por esta área (Woolgar, 1982). Ao entrarem no espaço institucional da ciência para conhecer o "que fazer" cotidiano dos cientistas, os estudiosos de laboratório baseiam suas discussões em experiências de primeira mão,
em experiências *in situ*, evitando, assim, as construções intermediárias realizadas por informantes que trabalham fora do ambiente laboratorial.

Os estudos empíricos deste gênero recuperam o caráter artesanal da ciência (Woolgar, 1982) e, conseqüentemente, a valorização das questões construtivas da sociologia da ciência (Gieryn, 1982). Existe, então, um interesse em desmistificar a ciência e demonstrar que esta é "de fato" uma empresa ordinária, bastante similar ao trabalho dos não-cientistas, sobretudo nos processos de socialização e de elaboração do trabalho em si.

A etnografia compara, então, os estudos feitos *no* laboratório –com a participação de um observador-, com aqueles feitos *do* laboratório, ou seja, com o conteúdo dos informes formais. As conclusões distanciam-se muito do caráter especial da ciência e certificam que trata-se de um processo social; que os fatos se constroem, e não se descobrem. Porém, esta

é a resposta que, por contraste, daria a etnografia instrumental. A etnografia reflexiva[24] vai além da divulgação do que ocorre no laboratório; está referida a uma compreensão dos aspectos do que se poderia dizer "cultura científica", a qual é considerada aceita.

A capacidade de interagir-nos perceptivamente uns com os outros está relacionada à capacidade de raciocinar (Gertz, 1973) e, na prática científica, a etnografia seria, então, o pensar sobre os fundamentos dos processos de raciocínio. A ciência institucionaliza diversos procedimentos para determinar a "adequação" do raciocínio, assim como os estudos etnográficos de laboratório são a oportunidade para pesquisar as práticas científicas e, por conseguinte, expor-nos sobre o raciocínio prático em geral (Woolgar, 1982).

Os estudos de laboratório de Latour e Woolgar adotaram algumas considerações relevantes, a saber. A construção da ciência; os produtos são o resultado de um processo de fabricação (reflexiva). A eleição incorporada à produção do conhecimento; referida à eleição de modalidades sobre medições em particular, formulações científicas, temperaturas, tempos, etc. A decisão das operações científicas; que faz com que esta "construção científica" esteja baseada na soma total das eleições, para transformar o subjetivo em objetivo, o incrível em crédulo e o construído em fato científico. O caráter circunstancial ou contextual; a ciência está construída sobre a base das circunstâncias, possibilitando a produção ou defesa de um fato científico. *As características socialmente situadas das operações construtivas*, as interações transcendem os limites do laboratório, localizando-se em um campo de relações sociais (Iranzo & Blanco, 1999; Vessuri, 1994c).

A ciência não revela ou descobre a realidade, mas sim a conjunção de processos que a constrói. O laboratório é o espaço onde se concentram a força dos indivíduos e a potência das instituições que tornam possível a ciência. Os cientistas são sujeitos que abarcam um caos; produzem e interpretam textos originados das inscrições de seus aparatos, buscando, a partir de então, estabelecer uma ordem. "*Neste sentido, existe diferença entre o analista que estuda e o cientista estudado. Os sociólogos reconhecem que seu trabalho é somente*

[24] Sobre a etnografia ver a contribuição de Geertz, C. **The interpretation of Cultures**, New York: Basic Books, 1973:14. E sobre a etnografia reflexiva na ciência, Woolgar,S, **Ciencia:Abriendo**..., 1982.

uma das formas de atividade científica, que é, a sua vez, apenas uma das maneiras como se organiza a vida" (Iranzo & Blanco, 1999:334).

Um segundo enfoque sobre estes estudos de laboratório foi desenvolvido por Knorr-Cetina, com "*The Manufactore of Knowledge*" (1981). Esta sociologia promoveu a observação do trabalho desenvolvido nos laboratórios seguindo uma metodologia empírica e sensível, intersubjetiva, relativista e interacionista. Esta visão objetiva *apreender* como os cientistas produzem e reproduzem seu conhecimento no laboratório, com o propósito de produzir uma teoria empírica da ciência.

Para Knorr-Cetina, a pesquisa científica é um processo de produção no qual as negociações e decisões sobre a conveniência de realizar determinadas ações funcionam como cadeias que se baseiam em seleções prévias. O cotidiano dos cientistas está em fazer com que as "coisas funcionem". Para este fim, se valem de critérios de decisão, sujeitos a interesses práticos que negociam durante o curso de seu trabalho, por tal razão, os cientistas são oportunistas: inovam constantemente fazendo que circulem recursos, se valem dos artigos como instrumentos de persuasão para a razão. A atividade científica é instrumental e interpretativa, no "fazer" com sentido implícito ou explícito (Iranzo & Blanco, 1999).

1.2.5.2 Para entender a dinâmica do desenvolvimento da ciência

Outra forma de estudar o caráter local, contextual do conhecimento foi oferecida por Michel Callon e John Law, representantes de uma das vertentes derivadas do Programa Forte, conhecida como enfoque Ator-Rede. Ambos, juntamente com Latour e a Teoria da Tradução, constituem as perspectivas mais construtivistas nos Estudos Sociais da Ciência, pois para eles, não existem fraturas operativas entre ciência, tecnologia, política, economia e sociedade, razão pela qual sua abordagem baseia-se na tecnociência.

Neste capítulo usamos a perspectiva de Callon (1995) para sistematizar, e de alguma forma "ilustrar", como se reflete o caráter cultural e contextual do conhecimento científico na dinâmica de desenvolvimento da ciência. Callon disse que todos estes postulados e

orientações, que explicamos anteriormente, constituem um conjunto de distintas respostas à explicação da dinâmica da ciência, podendo ser repetitivas e controvertidas. Interessado em analisar como avança e por que a ciência constitui um progresso, ele propõe modelos de desenvolvimento científico onde enfatiza o caráter coletivo do trabalho nestes estudos. Callon afirma: *"é impossível dar uma definição, por exemplo, da natureza da atividade científica sem ao mesmo tempo sugerir uma certa interpretação das dinâmicas de desenvolvimento em seu conjunto e estabelecer a identidade dos atores envolvidos"*(Callon, 1995:29).

A proposta de Callon baseia-se na exposição de quatro modelos de desenvolvimento científico, cada qual enfatizando uma idéia central. Resumidamente, no *Modelo l: a ciência como conhecimento racional*, afirma que a ciência se distingue das outras atividades humanas, centrando-se no discurso científico e explorando os vínculos que estabelece com a realidade sobre a qual fala. *O Modelo 2*, chamado *Competição*, considera a ciência como uma empresa competitiva, onde o ponto principal são as formas organizacionais adotadas pela ciência –o modelo funcionalista se localizaria neste modelo-. *O Modelo 3* apresenta a *ciência como prática sociocultural*, manifestando que a ciência não difere realmente das outras atividades, e as certezas oriundas não desfrutam de nenhum privilégio em particular. Neste modela a ciência deve ser considerada como uma prática onde os componentes sociais e culturais são tão importantes quanto as restrições que surgem da ordem do discurso científico. E finalmente, o *Modelo 4: Tradução estendida*, no qual mostra como se produzem e fortalecem os enunciados científicos, ao mesmo tempo que explica como se cria o espaço de circulação dos mesmos é criado.

Callon afirma que o *Modelo 1* constitui um limite à pesquisa ao reduzir sua produção a simples enunciados científicos. A prática tem mostrado que tais enunciados não têm significação sem um contexto, e esta é a questão central do *Modelo 3*, no qual a importância das habilidades tácitas na produção de conhecimento é enfatizada.

Kuhn e Wittgenstein tornam-se contribuintes essenciais na formação desta visão, com suas noções de regras de jogo, de linguagem e de ensino que ressaltam a importância do

conhecimento tácito. Esta última noção é usada por Callon para afirmar que existe certo tipo de conhecimento que não pode ser expressado como um enunciado explícito, o que em outras palavras seria o mesmo que afirmar *"a transmissão de habilidades não se faz através da palavra escrita"* (Collin; 1974, em Callon, 1995). Neste sentido, olhar a ciência sob esta ótica constitui uma aventura que depende do saber local, dos truques do mercado e regras que não podem ser facilmente alteradas (Callon, 1995).

Callon estabelece claras diferenças entre o *Modelo Algorítmico* e este "*Modelo de Enculturación*". No primeiro, a ciência consiste na produção de informação transparente codificada; no segundo, as habilidades tácitas e a aprendizagem são ressaltadas como importantes. A distinção entre ambos modelos faz-se essencial quando se considera a questão da "repetição" de um experimento. A reprodução deste sempre implica na interação estreita entre os cientistas e as disposições experimentais; uma cultura inteira é transmitida com este saber fazer, estas formas de ver e interpretar, estes enunciados observáveis. A afirmação do *Modelo Enculturacional* tem uma explicação geral: as práticas incorporadas nos seres humanos (naqueles que manipulam e interpretam) estão entrelaçadas com os aparatos experimentais, os protocolos e os enunciados observacionais ou teóricos (Callon, 1995:45). Extrair enunciados deste todo e transformá-los em um objeto privilegiado da produção científica é tirá-los de seu contexto e despojá-los de seu significado.

Os atores envolvidos nesta dinâmica de produção do conhecimento científico não são unicamente os experimentadores ou teóricos. Alguns grupos exteriores à comunidade científica podem estar implicados no desenvolvimento do conhecimento, onde o limite entre os que estão dentro e fora, flutua e é negociável. Contudo, é analiticamente importante explorar os mecanismos pelos quais as limitações, demandas e interesses de fora do círculo de pesquisadores influem no conhecimento científico.

O *Modelo Sociocultural* envolve cada um dos sujeitos presentes em todas as partes, aqueles que levam a cabo experimentos: os técnicos, coletores de mostras, estudantes, pois enfatiza o trabalho experimental ressaltando a interação entre aqueles que desenvolvem os

experimentos e preparam as mostras. A capacidade de aprender dos atores os dotam tanto de um fundo histórico–garantindo a continuidade do conhecimento-, como de uma permanente faculdade de invenção, isto é, possibilitando redefinir rotinas e regras para coordenar a ação e compreender por que a ciência não está limitada à repetição (Callon, 1995).

Neste sentido, o destaque sobre as habilidades tácitas e o aprendizado está associado no modelo às interações dos grupos sociais. Interação que somente se desenvolve no contexto de uma cultura compartilhada, na qual a ciência se encontra. Esta questão já tinha sido objeto de estudo de Kuhn. As dinâmicas destas redes dependem das estratégias de construção de relações seguidas por seus membros, e cada transformação da rede social implica uma transformação cultural.

1.3 A CONSTRUÇÃO DA CIÊNCA ATRAVÉS DA PUBLICAÇÃO CIENTÍFICA

A visão da construção sociocultural da ciência que elaboramos neste trabalho está intimamente relacionada ao "que fazer" desta atividade, ao complexo processo da socialização dos cientistas e aos elementos tempo-espaciais que servem de marco ao fato científico. Elementos estes que se conjugam, sobrepondo-se segundo o nível de importância, nas diversas exposições do pensamento intelectual dos fazedores de ciência e nas que certamente palpitam as distintas concepções da realidade.

Nosso trabalho sugere um abandono da visão epistemológica da ciência, que tem ocupado lugar preponderante, em favor de uma visão ou de um modelo de *"ciência como prática sociocultural"*, tal como a define Callon (1995). A ciência é vista como outra manifestação cultural da atividade humana e seus produtos não deveriam desfrutar de privilégios que a assinalem como uma "atividade especial"; pelo contrário, deve ser considerada como prática onde os componentes sociais e culturais tenham a mesma importância que os limites que impõe a ordem do discurso.

A riqueza de aspectos e/ou elementos envolvidos no "ato de criação" da ciência estão implícitos e explícitos nas áreas de trabalho dos cientistas e em sua "ação cotidiana" dentro

das mesmas. Estas áreas constituem, essencialmente, o ponto nodal de seus debates, consensos e controversas que revelam maleabilidade na interpretação da realidade.

As exposições sobre as diferentes perspectivas dos cientistas sobre os fenômenos em estudo são expressadas através de distintos espaços, entre os quais a publicação ganhou um amplo terreno. A publicação é resultado do processo de escritura e exposição dos resultados e descobertas. É afim aos pesquisadores o propósito de "construir ciência" através da "apresentação" de seus trabalhos, isto lhes outorga a possibilidade de tornarem sua obra imortal (Sola Price, 1969).

As publicações científicas têm como função transmitir os conhecimentos gerados por indivíduos e contribuir, desta forma, ao desenvolvimento e crescimento da ciência. Esta ação tem um "benefício" de duplo alcance, por um lado, os cientistas obtêm reconhecimento da comunidade científica a qual pertencem e, por outro, recursos e financiamento para a atividade científica.

A outorga de *"doações"* (Hagstrom, 1980)[25], nos meios de divulgação científica, estabelece o *status* dos cientistas e suas disciplinas, concedendo-lhes reconhecimento diante de seus pares e o público leigo. Este intercâmbio de benefícios em troca de publicação é parte essencial da organização da ciência, destas "normas" que regem a conduta dos cientistas, e das que a princípio professavam que não se publica objetivando retribuições ou reconhecimentos materiais, mas sim como parte do trabalho de gerar conhecimento. No entanto, existem aqueles que admitem seu desejo de reconhecimento, sobretudo aquele outorgado pela comunidade científica a que pertence, e pelos cientistas mais promissores destas. Os artigos representam um método de informação breve e específico que mostram avanços em um aspecto pontual de uma disciplina, não somente se apoiam em estudos prévios, como também tornam público novos dados, descobertas e/ou resultados de pesquisas. Constituem-se também os artigos em um dos meios de divulgação

[25] Quando mencionamos "doações" dos cientistas, o fazemos no sentido que outorga Hagstrom (1980) às contribuições destes ao desenvolvimento da ciência através da publicação, pelo qual poderiam receber em troca prestígio e reconhecimento.

mais atualizados, seus aportes à ciência ostentam maior regularidade em diversos meios como revistas e jornais científicos.

A importância que ganharam os artigos com respeito à publicação de livros obedece, em primeira instância, ao fator tempo. Os primeiros possuem a característica de expor informação mais atualizada que qualquer outro meio de comunicação científica, pois sua vigência se expressa na exposição contínua e rápida de novos avanços em matéria científica. Isto constitui sua principal vantagem sobre os livros, os quais se publicam com maior demora, contêm informação mais extensa e verificada, em sua maioria legitimada dentro da disciplina e muitas vezes com um fim didático alheio à discussão.

Outra vantagem do artigo científico é que, ao mostrar os resultados parciais de pesquisa, favorece a velocidade da crítica, o contraste e debate, redundando também na segurança da difusão, diminuição da possibilidade de duplicar trabalhos adiantados por outros e evitar o plágio. A respeito assinala Ziman (1976:117), *"uma publicação rápida e de ampla difusão é o meio mais seguro que tem o cientista para que suas idéias sejam difundidas, tenham influência e não sejam apropriadas por outro."*

Os artigos, juntamente com livros e outras formas de difusão escrita, são a evidência real da produção científica e, conseqüentemente, do crescimento da mesma. Registram em seu patrimônio história e cultura, a "moda" científica, ou seja, os âmbitos de interesse das comunidades científicas e as relações que estabelecem seus membros entre eles e o contexto que os envolvem. Esta razão é suficiente para que os artigos se convertam na unidade de análise de nosso trabalho.

Neste sentido, tentaremos identificar quais elementos do contexto estão representados no discurso dos pensadores sociais, sobretudo que dimensões do sistema social são mais salientadas e por que. Os temas tratados nos artigos estão próximos de ser imagens processadas sobre a realidade, são reflexo da estrutura social estudadas sob diferentes perspectivas. Pretende-se então, a partir de todas as reflexões anteriores, visualizar nos

artigos a integração do social com o cognitivo, e como o resultado dessa integração se torna público.

Linhas de Conclusão

As páginas precedentes constituem um pequeno mapa teórico, desenhado à luz dos principais enfoques da sociologia da ciência. Nosso objetivo tem sido o de distinguir as noções e interpretações dos distintos elementos que tornam a ciência e seus produtos uma atividade social contextualizada.

Os enfoques sociológicos desenvolveram uma visão "humanizadora" em relação ao caráter especial da ciência, que tem progredido com o tempo. Aos clássicos que começavam a divorciar-se da filosofia –e que reconheciam inicialmente alguns elementos sociais na atividade científica-, foram somadas as considerações de uma atividade regida por cânones e por sistemas de recompensa e controle. Esta visão herdada da ciência sofreu as críticas de pensadores crédulos na evolução e na mudança significativa da identidade organizativa da ciência, de seus convencionalismos e do marco contextual no qual está inserida. Os últimos trabalhos produzidos na sociologia da ciência lograram, conjuntamente, desvendar o mistério sagrado que cercava a prática da comunidade científica e, conseqüentemente, o rompimento com o *status* privilegiado da ciência.

O resultado é uma tendência de pensamento que procura entender como e por que, nestas épocas diferentes, sujeitos sociais escolhem diferentes aspectos da realidade como objetos de interesse, definição, classificação e explicação científica; e como a comunidade científica, conjuntamente com a sociedade, constroem a atividade científica.

Capítulo II

A SOCIOLOGIA NA VENEZUELA

"A história da humanidade é a história de suas lutas pelo conhecimento divino,
pela visão da luz ou contra a alienação; pela rendição do pecado original ou
pela libertação do jogo a que nos tem submetido os deuses"
Medina Esteban, 1995:67

"A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado.
Mas, seria em vão esgotar-se tentando compreender o passado se não se sabe nada do presente"
Marc Bloch, 1949

"*O processo de reconstrução do passado partindo de um presente é constante, e*
seu desenvolvimento planeja novos questionamentos;
a capacidade de penetrar no sentir interior e na vida espiritual,
a pupila aberta a todas as manifestações de cultura, considerada como um produto histórico e
o critério de totalidade são guias metodológicas que o historiador não pode esquecer
no instante de reconstruir os fenômenos ou processos objeto de suas investigações"
Brito Figueroa, 1975:713-714

Introdução

No capítulo anterior, concentramo-nos em sublinhar a ciência como um inegável sistema de conhecimento contextualizado social e culturalmente. Nesta oportunidade, referenciamos o estudo da ciência, sobretudo o das ciências sociais, sua evolução e estado atual como condutor da história, que foi obrigatoriamente transformada em instrumento de reconstrução de dados dos fatos, servindo de ferramenta para a compreensão de uma visão em conjunto dos elementos que formam sua contextualidade.

A negação do status epistemológico privilegiado da ciência, de sua condição universal, socialmente avaliável e céptica, em prol de uma ciência localizada, contemplativa dos elementos que a originam e intervêm em sua dinâmica interna e externa, apresenta importante consideração. Assim sendo, as diferenças estabelecidas pela ciência contextualizada leva-nos ao que Polanco (1985) chamou "assimetria do sistema internacional de conhecimento", uma desigualdade que pode ser apreciada tanto entre os países desenvolvidos ou em vias de desenvolvimento, como entre o centro e a periferia ou entre Leste e Oeste ou Norte e Sul; entre a *Big Science* (Price) ou *Industrial Science* (Ravetz) e a *periferic science*. Diferenças nesta mesma escala são notáveis entre os próprios países cujo desenvolvimento científico é tardio com respeito a estas, por exemplo, América Latina.

A história relata-nos os elementos que registram estas diferenças, assinala os condicionantes tanto de tempo como de espaço que explicam o "singular" desenvolvimento das ciências ou, para os mais conservadores, o "padronizado" desenvolvimento da ciência com suas variantes. Esta é a razão que nos levou à elaboração deste segundo capítulo, cujo objetivo é a descrição e análise da evolução histórica da sociologia na Venezuela.

A história da sociologia na Venezuela tem sido objeto de vários estudos, começando pelo trabalho pioneiro de Orlando Albornoz (1970), quem estudou a evolução histórica da disciplina. Posteriormente, Rafael Rengifo (1984) analisou o processo de institucionalização da sociologia na academia, especificamente na escola de sociologia da Universidade Central da Venezuela. Em 1988, Gregório Castro publicou sua tese de doutorado na qual expõe, além do desenvolvimento histórico-institucional, o concernente às tendências teórico-conceituais que estiveram presentes

no cultivo desta ciência até inícios dos anos 80. Finalmente, Augusto De Venanzi (1990) investigou as formas de desempenho dos sociólogos na administração pública.

Estas quatro obras, nas quais se estudam a origem, a institucionalização e consolidação da sociologia, constituem o referencial da história desta ciência na Venezuela. Suas contribuições centram-se no resgate do estado da arte da sociologia em épocas diferentes de seu desenvolvimento, sob distintas visões de seus praticantes e estudiosos.

Em síntese, o estudo da sociologia pode dividir-se em três grandes estágios: o início da sociologia como *Pensamento Social*, período que começa no fim século XIX; o período da sociologia de *Cátedra*, na qual começam as atividades de docência e as tímidas iniciativas de pesquisa e, finalmente, a implantação e consolidação do Modelo Profissional *Acadêmico-Universitário*, no qual se destaca o âmbito da *pesquisa* como elemento que possibilita, por um lado, a consolidação da disciplina dentro do concerto das ciências no contexto nacional e, por outro, o estabelecimento das tendências teóricas, ideológicas e temáticas nacionais que se posicionam frente às orientações da sociologia européia e estadunidense.

Ao longo deste capítulo, buscamos também situar a sociologia venezuelana nas três grandes diretrizes que marcaram a "tradição" do pensamento social latino-americano, do fim dos anos quarenta até os noventa do século XX. Nestas diretrizes ressaltam-se sua instituição, traços particulares, assim como suas adaptações à realidade latino-americana e venezuelana. A primeira destas linhas é produzida pela CEPAL, principal corrente original do pensamento social latino-americano. Posteriormente, revisamos o Marxismo como corrente alternativa de pensamento que criou uma forte tradição no discurso das ciências sociais. Finalmente, o surgimento do Desenvolvimentismo como paradigma crítico das correntes anteriores de pensamento e, assim como a primeira fratura ao translado acrítico dos padrões de pensamento "importada" das grandes "metrópoles" científicas.

O destaque das etapas evolutivas da sociologia e as principais correntes teóricas de sua história somente têm sentido se comparados aos diferentes âmbitos da vida política, econômica e sociocultural da realidade venezuelana, bem como com aqueles elementos do sistema

internacional relacionados a ela. Neste sentido, torna-se possível compreender os interesses dos cientistas sociais, as tendências teóricas herdadas e/ou adotadas que constituem ópticas para a interpretação dos fenômenos sociais, identificando, assim, traços particulares assumidos por esta ciência na Venezuela.

2.1 O ESTUDO DA SOCIOLOGIA NA VENEZUELA

O desenvolvimento da sociologia na Venezuela como ciência tem sido objeto de estudo de diversos pensadores. Há quase uma década da criação da primeira Escola de Sociologia no país, o historiador e sociólogo Orlando Albornoz publica "La Sociología enVenezuela" (1962). Este texto constitui a primeira obra de uma série de trabalhos sobre as ciências sociais[26], com o propósito de divulgar os estudos realizados por estas disciplinas na Venezuela.

O trabalho de Albornoz proporciona uma ampla imagem da evolução da sociologia na Venezuela. Cronologicamente, seu trabalho abrange desde as primeiras observações dos cronistas, passando pela análise das "formas de fazer sociologia" –assim mesmo descreve as atividades de "pesquisa" e publicação-, até a instituição dos centros universitários responsáveis por formar sociólogos profissionais.

Para Albornoz, a sociologia praticada na Venezuela, até o fim dos anos cinqüenta (término do período analisado em seu trabalho), não havia alcançado o mesmo desenvolvimento que a sociologia internacional, por isso se refere à sociologia na Venezuela e não a uma sociologia venezuelana. Na sua opinião, esta seria um conjunto de pesquisas empíricas da própria estrutura social nacional que fala de seu passado e das mudanças que podem sofrer, tratando-se, então, de uma disciplina que constrói teorias e hipóteses de trabalho como resultado destas pesquisas. No entanto, esta ciência "atrasada", como ele a chamou, era incipiente na Venezuela e estava ainda submetida a orientações distintas das necessidades nacionais. Isto poderia parecer óbvio, já que a disciplina era muito recente no contexto nacional; no entanto, a manifestação de críticas e as respostas que se dessem às mesmas constituíam o início de uma sociologia local.

[26] Pertence à chamada "Coleção de Estudos Sociais da Ciência".

O texto de Albornoz é –como ele mesmo afirma em seu prefácio- *"um balanço do desenvolvimento"* que até então tinha a sociologia na Venezuela. Parte da premissa de que a sociologia na Venezuela é mais ensinada que praticada. Sua obra é uma crítica geral à implementação educativa da sociologia, ou seja, o seu ensinamento dentro da universidade, especificamente na Escola da Sociologia da Universidade Central da Venezuela[27], e nos outros níveis de educação como o secundário, normal e formação docente. A concentração de Albornoz neste aspecto obedece às particularidades da sociologia venezuelana, as quais estão intimamente relacionadas a seu jovem estado de desenvolvimento, a sua iniciante atividade pesquisadora e, conseqüentemente, a quase nula produção científica.

Do mesmo modo que os pensadores que contemplamos em nosso marco teórico, Albornoz pensa que para realizar estudos sobre qualquer ciência –na Venezuela e em outros contextos- sempre deve-se estabelecer uma relação com a estrutura socioeconômica, pois este é o cenário onde se encontram respostas objetivas sobre a natureza destas determinadas formas de pensamento. Na Venezuela, o desenvolvimento das ciências, incluindo as ciências sociais, está muito vinculado à vida política, condicionada pela singular forma de sua organização e *"alienada ao sistema internacional"* (Albornoz, 1962).

Para o momento em que se realiza este primeiro balanço da sociologia venezuelana, Albornoz problematiza a atividade de pesquisa, afirma que esta é uma ferramenta que deve servir de eixo ao ensino da sociologia. Este princípio não rege a sociologia local, seu exercício baseia-se no exato ensino teórico, deixando de lado a prática.

Tal atitude justifica-se pela ausência de recursos humanos e materiais. Para início dos anos sessenta, quase uma década do estabelecimento da escola que formaria sociólogos e a quase cinqüenta anos do ingresso da sociologia como cátedra em outras escolas universitárias, Venezuela carecia de sociólogos ou de pesquisadores sociais especializados nas principais problemáticas sociais do país. O desafio, a partir de então, seria a continuidade dos profissionais

[27] Depois de concentrar-se no discernimento da situação em que estava a Escola de Sociologia de então, Albornoz desenvolve na mesma obra uma visão crítica do ensino nas Escolas de Direito, História, Educação e Economia da mesma Universidade Central da Venezuela

nos estudos de quarto nível, sobretudo no exterior, e o melhoramento da organização universitária – padronizada- no ensino das ciências sociais.

Em 1984, Rafael Rengifo publicou um artigo intitulado "A Sociologia na Venezuela: Institucionalização e Crise. O caso da Sociologia e Antropologia na Universidad Central de Venezuela". Sua preocupação centra-se na problemática da institucionalização da primeira Escola de Sociologia na Venezuela, desenvolvendo cinco itens que compõem a base de seu estudo. Resumidamente, o primeiro refere-se ao eterno problema da *especificidade das Ciências Sociais*; um segundo aspecto é desenvolvido entre a incerteza da origem da disciplina, *pré-sociologia ou fundação da sociologia na Venezuela*. O terceiro ponto está referido à descrição da *sociologia de cátedra*; e o quarto aspecto estuda o terceiro momento da evolução da disciplina, *a sociologia profissional: primeiro modo de implantação da sociologia*. Um quinto item é desenvolvido em torno ao quarto momento que se inicia no fim dos anos 60, chamado *Renovação: o país reencontrado*. Finalizando, Rengifo realiza um esboço da situação dos anos 70 e um balanço da disciplina.

No texto, o autor tenta construir uma definição e delimitação da sociologia dentro das fronteiras nacionais. Em sua concepção, esta ciência ainda se encontra em incipiente processo de institucionalização social, com pouca estrutura na prática profissional e pesquisadora na Venezuela. Para Rengifo, o complexo marco contextual da ciência venezuelana não permite demarcar limites da sociologia como disciplina científica.

Do mesmo modo que Albornoz, ainda que de maneira mais sintética, este autor interessou-se pelo conhecimento das primeiras práticas sociológicas na Venezuela, distinguindo-as entre determinadas correntes de pensamento sociológicos já existentes. Para Rengifo, falar de precursores é debater entre as "habituais" interpretações do desenvolvimento da sociologia e as recentes que se apresentavam na época, como a de corte academicista. Seu enfoque da sociologia orientou-se sobre esta, considerando pré-sociologia a todo saber sociológico prévio à institucionalização e profissionalização da disciplina na Venezuela, ou seja, a todo aquilo que antecede a implantação do modelo de prática sociológica norte-americana.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Sua abordagem considera a sociologia como um âmbito constituído por saberes e discursos cujo objetivo são as dimensões sociais do humano e que, podendo tomar diferentes formas de exposição, se reconhecem em qualquer dos paradigmas ou perspectivas teóricas que coexistem nas ciências sociais. Obviamente, entram na definição aquelas tentativas que apontam para novos paradigmas[28]. O problema da delimitação vai mais além da própria legitimação social da disciplina para tocar questões de teoria do conhecimento, de epistemologia, que excedem seu modesto e interessante trabalho.

Ao longo do texto, Rengifo compara a realidade venezuelana com as sociedades européias e norte-americanas; desenvolvidas, estruturadas e institucionalizadas em matéria de ciência. Ambas sociedades possuem enfoques instrumentalistas, aos quais ele chama de "*..prurido metodológico ou ênfase técnica*". Segundo sua visão, as condições particulares da sociologia venezuelana nos primeiros anos de sua evolução devem-se, em certa medida, à carência de uma orientação pragmática sobre ela e à falta de uma visão técnica e estratégica dos "benefícios" da sociologia como ciência. Disse Rengifo (1984:174) a respeito "*a sociologia se legitima enquanto ciência particular à medida que se assenta nesta exacerbação instrumental que a aproxima à física social comteana*".

Para Rengifo, a consideração dos aspectos instrumentais da sociologia marcam o início da produção da "sociologia científica" na América Latina. Os anos cinqüenta iniciam esta nova fase, devido ao exacerbado interesse dos norte-americanos que invade a etapa pré-sociológica para marcar o início de uma etapa superior na evolução da disciplina. Tais tentativas viram-se frustradas pelos problemas de definição e delimitação da sociologia, a incipiente e escassa estrutura científico-acadêmica e a politização do âmbito universitário latino-americano, que condicionava em grande medida a pesquisa.

Segundo a análise de Rengifo, a sociologia venezuelana passou por um processo de auto-rejeição, que se produziu pela "prática forânea" imposta a ele. No processo de desenvolvimento interno ocorre uma colisão entra as prenoções latino-americanas da sociologia venezuelana de estar

[28] Introdução esta que faz a partir de um projeto que realiza em CENDES-UCV, "Ciências Sociais na Venezuela: Utopia e Plano".

sendo imperializada ou "modernizada" – cujo que obedecia a uma politização - e a eclosão da sociologia de cátedra que vinha desenvolvendo-se a par com os problemas ou interesses próprios de cada localidade.

Finalmente, Rengifo afirma que o estudo da sociologia venezuelana precisa de uma revisão fora das fronteiras universitárias, como também um exame e dos processos técnicos e políticos, relacionados a esta produção de conhecimento.

Em 1987, o professor Gregório Castro publica a obra "Sociólogos e Sociologia na Venezuela", resultado de uma extensa e profunda pesquisa sobre a sociologia dentro da própria sociologia. Podemos dizer que o interesse de Castro na análise do campo sociológico em toda sua amplitude inicia-se com sua conscientização como sujeito social e como cientista, passando a assumir a sociologia como um estilo de vida até chegar à análise de seu trabalho dentro das categorias técnico-profissionais na Venezuela, no mesmo campo científico e nos espaços da burocracia e tecnocracia estatal. Um dos aspectos recentes do trabalho de Castro, à parte de seu enfoque estritamente sociológico, é a abrangência em sua análise de outras dimensões extra-universitárias, como o Estado, a política, os partidos políticos, a igreja, os setores empresariais e sindicatos, entre outros, e suas relações com o "que fazer" sociológico. Todas estas dimensões vistas, como temos falado, sob um grande esforço de análise teórico-sociológico.

Castro, como Rengifo, porém de forma muito mais ampla e profunda, entra no debate da sociologia –objeto e delimitação- como campo de estudo. Reconhece a grande influência da filosofia na concepção da sociologia, e as tentativas sociológicas por desprender-se dos influxos filosóficos e reconhecer que existe uma nova concepção do "sociológico, sociologia e sociedade". Neste sentido, localiza a prática sociológica venezuelana como manifestação desta nova "relação e concepção", considerando já estar suficientemente consolidada na Venezuela.

Em seu esforço para reconstruir a história e mostrar a evolução da sociologia venezuelana, Castro transcorre e problematiza as etapas da sociologia latino-americana[29]. Um dos grandes aportes de seu trabalho é a distinção dos grandes períodos do desenvolvimento desta ciência no país,

estabelecendo três grandes períodos. O primeiro período trata a adoção e adaptação do positivismo e as primeiras formas de institucionalização da sociologia. O segundo grande período é dividido em dois momentos: 1) a hegemonia da sociologia de cátedra à implantação institucional-universitária do modelo profissional na sociologia venezuelana e 2) o espaço universitário como fator determinante da configuração, institucionalização e legitimação do campo sociológico venezuelano. No terceiro período, Castro dedica-se à análise da pesquisa e ao registro da produção sociológica na Venezuela, sublinhando seus temas, problemáticas e tendências.

Ao longo destas fases, Castro vai reconhecendo a presença de um *discurso social e sociológico*, que transita pelas tendências teórico-metodológicas e conceituais, bem como a forma em que foram apropriadas internamente. Também outorga um lugar preponderante aos *agentes* que formam, a princípio, um colégio invisível de sociologia venezuelana e que dinamizam o processo de institucionalização da disciplina, configurando um sistema intelectual de origem acadêmico universitário e extra-universitário. Finalmente, explora a própria *prática* da disciplina, a qual envolve os esforços de inserção dentro da universidade, sua produção e a verdadeira consolidação desta como campo científico.

Neste último ponto, mais uma vez Castro é profundo em sua análise da produção científica na sociologia. Tendo percorrido um grande período de tempo desde a criação da Escola de Sociologia (1953), registra todo o concernente à produção: da tese de graduação de todas as cinco escolas existentes no país até os projetos de pesquisa de outras Ciências Sociais. Obviamente que realizar este trabalho hoje em dia seria praticamente impossível, sobretudo quando esta produção já chega a seus cinqüenta anos, os estudos de quarto nível foram estendidos, como também os departamentos na área e os órgãos de divulgação têm-se proliferado.

Augusto De Venanzi, sociólogo formado pela Universidade Central de Venezuela, como Castro, estuda este campo até a atualidade. Em 1990, publicou "La Sociología de las Profesiones y la Sociología como Profesión". A preocupação de De Venanzi não era exatamente oferecer uma visão panorâmica do ensino de sociologia como o fez Albornoz (1962), tampouco se limita aos

[29] Definidas por Germani (1964) no caso latino-americano, e sobre o qual voltaremos mais adiante.

problemas de institucionalização como o fez Rengifo (1984) e também não se inclina ao estudo da história conceitual e institucional da sociologia –especialmente dentro da universidade-, do modo como o faz Castro (1987). Sua motivação é conhecer as formas que assume o exercício da sociologia fora da universidade, especificamente na administração pública, espaço para o qual era outorgado maior número de emprego aos profissionais sociais.

O trabalho de De Venanzi, com uma orientação da sociologia das profissões, mostra um panorama distinto – ao universitário- dos conflitos que enfrenta o sociólogo uma vez que sai do âmbito universitário. Ressalta-se de sua contribuição o resgate dos múltiplos aspectos inerentes ao funcionamento dos grupos profissionais na sociedade, entre eles, como é que o sociólogo luta contra as tradições teórico-conceituais, dilemas ideológicos e éticos, assim como seu empenho frente a grupos interdisciplinares de trabalho e a imagem que refletem em tal atuação.

Estes, *grosso modo*, são os quatro enfoques ressaltantes que se têm dado à sociologia. Cada um está realizado sob uma perspectiva distinta, ressaltando diversos elementos que se podem estudar a sociologia como ciência. Nosso trabalho tem a intenção de continuar de forma modesta o estudo do estado da arte da sociologia venezuelana. As páginas seguintes servem de marco para a recriação do contexto no qual surge a disciplina e para a compreensão de seu estado atual, sobretudo no que se refere a produção. A construção da sociologia está baseada na história do que os sociólogos fazemos, como o fazemos e, em grande medida, em como transmitimos estes conhecimentos derivados de nosso trabalho.

2.2 ANTECEDENTES: O domínio norte-americano

O desenvolvimento das Ciências Sociais na América Latina está estreitamente vinculado ao processo histórico do capitalismo do século XX. Processo caracterizado inicialmente pela instauração progressiva das ditaduras militares nos países latino-americanos[30], por sua incipiente

[30] Durante o século XX latinoamericano, algumas ditaduras personalistas têm mantido características de caudilhismo: Juan Vicente Gomes na Venezuela, Rafael Leónidas Trujillo na República Dominicana ou Anastasio Somoza Dabayle e especialmente seu pai Anastasio Somoza na Nicarágua, repetiram algumas das principais características do caudilhismo americano. Inclusive os líderes carismáticos como o brasileiro Getúlio Vargas e o argentino Juan Domingo Péron, com suas políticas populistas, respondiam a uma certa tipologia caudilhista.

participação nos processos do capitalismo e pela agitação que produziam os ventos das Guerras Mundiais.

Na Venezuela, este processo adquire características próprias dividindo-se em dois momentos. O primeiro se conhece como a "*época da penetração imperialista*", envolvendo as quatro primeiras décadas do século. Inicia-se com a outorga de concessões aos estrangeiros e a submissão do país à ditadura de Juan Vicente Gómez, que permanecera em seu comando até 1936. Culmina durante os anos da Segunda Guerra Mundial, cujas conseqüências implicavam a transcendência do "império norte-americano" até nossas fronteiras. Este processo, iniciado durante a Primeira Guerra, estabelece seu domínio sobre os bens básicos da riqueza nacional venezuelana.

O segundo período chamado "*época do neocolonialismo*", iniciou-se no término dos anos quarenta e parece não acabar. O período da *Venezuela Contemporânea*, assim chamada desde então, se distingue do anterior não somente pela transformação do país de mono-produtor agrícola a mono-produtor extrativo-minério, mas principalmente pela mudança que sofreram todos os âmbitos da estrutura interna venezuelana. A economia, organização social e política e as formas culturais voltaram-se aos interesses dos "*monopólios norte-americanos*". A influência estadunidense penetrou até a esfera intelectual, fazendo que esta se distanciasse do "especificamente nacional-venezuelano para aproximar-se ao metropolitano-norte-americano" (Brito, 1975:710).

É evidente, então, que Venezuela adquire uma nova "cara", graças à consolidação da penetração capitalista. Seu contexto histórico no neocolonialismo está impregnado de transformações induzidas por um marco mais amplo, representado neste caso pelos Estados Unidos. Observa-se o abandono de "o local" para adentra-se ao ritmo ditado pelo "internacional", pelo "global"[1]. Isto não é mais que a conseqüência da dinâmica do processo de mundialização da ciência, na qual se tem inscrito os países latino-americanos como periféricos. A marcada orientação exógena da ciência venezuelana, que se acentuou no fim dos anos quarenta e permaneceu até os sessenta, é resultado de um processo histórico complexo e com escassos estudos até os anos oitenta quando se iniciam os estudos sobre mundialização da ciência[31].

[31] Ver: Lafuente (1986), Polanco (1986).

Em uma reinterpretação do modelo de Basalla (1967) sobre a mundialização da ciência ocidental, Polanco (1986) assinala que a situação da América Latina –e Venezuela não está isenta - e sua "ciência periférica" poderiam ajustar-se ao que se tem chamado a *fase 2* do modelo: *a ciência colonial*. Tal afirmação baseia-se na semelhança do cientista colonial de Basalla, cuja orientação é externa, proveniente das metrópoles científicas, com o comportamento do cientista latino-americano, que peca pelo mesmo. A justificação de Polanco, à diferença de Basalla, não é que este aspecto que caracteriza a ciência subdesenvolvida seja parte do processo de seu próprio desenvolvimento, mas sim a conseqüência estrutural do sistema científico mundial, ou seja, como a ciência universal se estrutura em um sistema internacional de conhecimento. Na prática concreta, para outros autores como Fernandez (1965), a expansão da ciência e tecnologia, até Venezuela, principalmente norte-americana, não é exatamente uma parte da dependência colonial, mas sim um aspecto crucial da diferenciação da herança cultural legada da formação histórica dos países latino-americanos, iniciada no século XVI e que parece não culminar.

Depois dos anos 40, América Latina converteu-se em um grande laboratório de pesquisa para os países desenvolvidos, principalmente para os Estados Unidos. Um laboratório descoberto pelos cientistas sociais, os quais encontraram um ótimo espaço de aplicação para seus estudos antropológicos sobre comunidade, sobretudo porque a região representava um sistema social de mudanças constantes. Cabe considerar que a penetração dos pesquisadores norte-americanos nos países latino-americanos não teria ocorrido da mesma forma não fosse pela abertura de fronteiras de muitos deles para a intensificação das relações exteriores; entre eles, Venezuela (Diegues, 1965).

Não é estranho que estas relações foram construídas sobre a base das ciências humanas, surgindo, em conseqüência, numerosos trabalhos sobre as particularidades da América Latina, conhecidos como as *comunidades maiores*, onde as características rurais e urbanas destes países são estudadas. Dentre eles, destacam-se: *Rural Cuba*, de Nelson Lowrie, *Chile: land and society* por George Mc. Bride, *Rural México*, de Nathan Wheteen; *Argentina Rural Life*, de Carl Tylor, *Brazil:people and institution*, por Smith Lynn; entre outros, - são uma mostra disto (Diégues, 1965).

A princípio, estes estudos realizados pelos intitulados "americanistas" tenderam para a problemática do progresso destas ciências sociais na região de uma perspectiva nacional e competitiva. Mas a preocupação pela acumulação pura e simples de conhecimento sobre a América Latina e seus dilemas humanos adquiriu outros interesses (Fernandez, 1965:115). O conhecimento direto sobre a realidade latino-americana e a aplicação de métodos de estudo por parte dos norte-americanos não foi mais uma ação de sua benevolência humana. A expansão dos Estados Unidos a esta região não é exatamente uma parte da dependência colonial, e sim um aspecto crucial da diferenciação de herança cultural recebida através da formação histórica dos países, iniciada no século XVI (Fernandez, 1965). No fim dos anos quarenta, o processo de conhecimento sobre o "*acontecer interno*" dos países da região levou-os a ocupar cargos importantes e fazer-se responsáveis por algumas instituições fundamentalmente do Estado e da "construção institucional", em geral. Não foi coincidência que tropas de sociólogos norte-americanos estenderam-se sobre o território em busca de "*materiais para a pesquisa*" patrocinadas pela Fundação Ford, Rockfeller e alguns departamentos de suas universidades (Brito Figueroa, 1975; Miceli, 1989).

No caso venezuelano, em 1952, a Creole Petroleum Corporation[32], em mútua ação com o departamento de Sociologia da Universidade de Wisconsin (Brito Figueroa, 1975), favoreceu a criação do primeiro Departamento de Sociologia e Antropologia, que logo passaria a ser Escola em 1956 (Albornoz, 1962; Castro, 1988). E durante o ano de 1959, Brasil e Argentina foram focos para o estudo da Ford, dentro de um projeto maior encomendado a cientistas sociais norte-americanos para conhecer as condições das sociedades destes países (Florestan Fernandes 1965).

Na realidade, o panorama latino-americano do fim dos anos quarenta e todo os anos cinqüenta e sessenta, revelou um *quase* total monopólio norte-americanos, se observarmos sua ingerência, tanto nas instituições do Estado, como nos centros de ciência e cultura. Na política, através dos partidos que faziam oposição à ditadura, introduziram, a princípio, pequenos postulados filosóficos que logo atuariam como grandes detonantes para a aplicação da política neocolonizadora (Brito Figueroa, 1975; Miceli, 1993). As Ciências Sociais então, passaram a ser

[32] Dependência pertencente ao grupo Rockefeller.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

ferramentas de "uma engenharia social" do desenvolvimento, em mãos deste monopólio. As mesmas se baseiam no crescimento econômico, fortalecendo as instituições democráticas e reforma social (Miceli, 1993) em prol de uma teoria –e práxis- de desenvolvimento para os próprios benefícios desses monopólios norte-americanos.

2.3 A EVOLUÇÃO DA SOCIOLOGIA NA VENEZUELA

O processo de institucionalização das disciplinas científico-sociais é descrito como atinado e diáfano pelos estudiosos da sociologia na Venezuela, os quais sustentam que este segue um padrão que permite diferenciar as distintas etapas ou estágios pelos que atravessam as disciplinas na América Latina: *dos fundadores*, *de retirada interna* (ou *rito da passagem*) e *da consolidação de uma estrutura diferenciada* (profissionalização).

Este padrão é reiterativo nos processos de formação da sociedade latino-americana, tal como descreveu Germani (1964). Esta classificação identifica a evolução desta ciência em três etapas de acordo com alguns critérios básicos como discernimentos primários sobre a realidade político social. Primeira etapa: "*Pensamento Pré-sociológico, Pré-positivista*"; segunda etapa: "*A Sociologia nas Universidades do fim do século XIX*", marcada pelo momento de ingresso do pensamento social às universidades e sua sistematização como ciência social; e uma última etapa "*Começos da sociologia científica*", onde se produz a incorporação da pesquisa como elemento chave para consolidação da "sociologia científica".

A extensão de cada período responde aos processos contextuais internos de cada país da região. Os mesmos serviam como condicionantes da duração e obtenção dos matizes locais desta ciência. Neste sentido, a classificação germaniana reflete-se na Venezuela nas seguintes etapas:

O estágio dos fundadores está motorizado por um conjunto de indivíduos: iniciados, acadêmicos, pensadores e/ou expertos em outras áreas científicas, distintas à ciência social que está surgindo, ou seja, por sujeitos que não são profissionais da disciplina, mas que se encontram altamente sensibilizados para a reflexão e o debate organizado da problemática social.

O estágio de viragem ou "***rito da passagem***" expressa o embasamento da consolidação/institucionalização de uma estrutura acadêmica-universitária, orientada a aprofundar e difundir os conhecimentos da disciplina. Tem um alcance maior ao estágio anterior, pois se orienta na ampliação dos trabalhos pioneiros, até a difusão do conhecimento gerado nas metrópoles científicas, e na produção de conhecimento a partir de problemáticas pertencentes ao âmbito local.

O terceiro ***estágio de ciência aplicada*** está estreitamente relacionado à aplicação dos conhecimentos próprios da disciplina no âmbito profissional (dentro e fora das fronteiras acadêmicas), transcendendo a discussão e a produção teórica. A aplicação destes conhecimentos está orientada, a sua vez, a satisfazer algumas necessidades "*societais*", através de ênfases na pesquisa e no exercício profissional.

2.3.1 A "Sociologia" dos Fundadores (1870-1899)

Os trabalhos de Albornoz (1962) e Rengifo(1984) –assim como os de Germani na América Latina-, assinalam a ocorrência de duas etapas na evolução da sociologia venezuelana: "pré-sociologia" e "sociologia científica". Estes autores argúem que na pré-sociologia não se evidencia um discurso sociológico propriamente dito, sendo mais notória, nesta etapa, a existência de constructos pertencentes a um "pensamento social" ou interpretações da realidade, que vão sendo muito lentamente sistematizadas.

Castro (1988,1996) inclina-se ao resgate do valor do pensamento social anterior ao último quarto do século XIX, através do qual critica, de certo modo, a divisão entre pré-sociologia e sociologia científica. Sustenta que, para este momento histórico ainda com a presença de um discurso social, poderia existir um incipiente discurso sociológico "deliberado", orientado à construção de uma visão do social na Venezuela. Esta divisão poderia eludir os aportes de alguns pensadores pioneiros na formação de um discurso sociológico.

Para Castro (1988), o discurso sociológico, além de sua deliberada finalidade de construir uma visão do social, deve estar associado a um modelo, paradigma ou tendência teórico-metodológica

existente nas ciências sociais e particularmente na sociologia. Na Venezuela, a base deste pensamento sociológico no século XIX provem do positivismo europeu e, mais tarde, do pensamento norte-americano do século XX.

Refletir sobre a gênese do pensamento sociológico venezuelano é pensar na criação do Instituto de Ciências Sociais (1877), formado pelos primeiros interessados na Sociologia –estágio dos fundadores-, os quais, incentivados pela busca de conhecimento científico, discutiam sobre os postulados positivistas e socialistas da disciplina (Albornoz, 1970). O Instituto ergue-se como o ícone da abertura acadêmica extra-universitária e como o primeiro escalão da cadeia que conduz à institucionalização da sociologia como ciência na Venezuela.

Nas décadas finais do século XIX, um grupo de venezuelanos, pertencentes à elite intelectual, começam a resgatar e a aglutinar informações relevantes, orientadas a permitir a sistematização do conhecimento sobre a realidade social e política posterior às lutas pela independência. Tomam como ponto de partida a articulação da disgregada produção existente desde 1830, a este grupo denominou-se: Os Positivistas[33], pelas razões que explicaremos à frente (Castro, 1996; Rengifo, 1984).

O máximo representante desta corrente, o Doutor Rafael Villavicencio, considerado o precursor do positivismo na Venezuela, influenciado pelo holismo e organicismo proveniente das ciências naturais, pensava que a sociedade funcionava como um todo e, semelhante ao organismo, estava formada por órgãos que trabalhavam de maneira independente, sem deixar de ser uma unidade.

Villavicencio, juntamente com Eugenio Maria Hostos e José Maria Samper, constituíram os pilares do Instituto Venezuelano de Ciências Sociais (em Albornoz, 1962:20). Junto a estes, destaca-se o trabalho de Adolfo Ernst, na divulgação do evolucionismo, do positivismo (comteano) e do emprego do método científico, em cátedras ministradas na Universidade Central

[33] Catro (1996:104) realiza uma classificação dos positivistas na Venezuela. Primeira geração: Rafael Villavicencio e Adolfo Ernst; segunda geração: José Gil Fortoul, Alejandro Urbaneja, Nicomedes Zuloaga, Lisandro Alvarado, Luis López Méndez, César Zumeta e terceira geração: Laureano Vallenilla Lanz, Peedro Manuel Arcaya, José Ladislao Andara, Elias Toro, Angel César Rivas, Carlos Siso, Júlio César Salas e Samuel Dario Maldonado.

de Venezuela (UCV em diante) e, posteriormente, os trabalhos de seu mais brilhante pupilo, José Gil Fortoul, com sua concepção evolucionista sobre a sociedade e sua relações (Albornoz, 1962).

Os principais referentes teóricos, filosóficos e doutrinários que se adotaram para a avaliação da ordem social, desde a segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX, provinham, na sua maioria, do positivismo francês que se constituía, para então na principal "moda" no que a paradigmas ou referentes teóricos se referem.

Como mencionamos anteriormente, o surgimento dos planejamentos de interpretação unitária da realidade venezuelana cruza-se com o postulado positivista, que enfatiza a importância da análise, originado mediante o emprego da metodologia científica. Este postulado permite estabelecer princípios causais, correspondendo-lhe um traço de primeira ordem junto à ciência, ao saber e ao conhecimento como ferramentas para o progresso. Desta maneira, o positivismo constitui-se no principal referente conceitual das elites intelectuais e políticas no fim do século XIX e princípio do XX (Rengifo, 1984).

A sociologia origina-se na Venezuela a partir de relações interdisciplinares[34], produto da adaptação, filiação ou assimilação epistemológica do evolucionismo das ciências físico-naturais, por parte do positivismo eurocêntrico. Tal positivismo marcava a pauta na institucionalização da disciplina no país (Castro, 1996) expressando-se como um "acriolamento" do positivismo de influência francesa (Rengifo, 1984). Seu "transplante" a América Latina assume traços particulares (transformações e/ou deformações), produto de circunstâncias e condições também próprias de uma região que se incorporava embrionariamente ao sistema Capitalista Mundial. As bases econômicas, políticas, sociais e culturais de toda América Latina eram muito distintas às da Europa e das origens do capitalismo. Esta distinção estendia-se também ao *status* dentro do sistema, pois os países latinos incorporavam-se como "países subordinados". Ainda assim, o positivismo "traduziu-se" nestes lares como sinônimo de "ordem e progresso" (Cardoso e Faletto, 1969).

[34] Estas relações interdisciplinárias estabelecem-se, então, entre as vertentes positivistas: biológico naturalista e sociológicas, influenciando de modo substancial áreas como a biologia médica (pela primeira); o direito, a história e a filosofia (pela segunda).

O surgimento da sociologia venezuelana coincide com o estabelecimento no poder de Antônio Guzmán Blanco. Tal circunstância resultou favoravelmente à ciência em geral, produzindo-se neste período um clímax intelectual, respaldado pelo regime. Este autocrata, a quem chamaram "o ilustre americano", como a maioria dos caudilhos latino-americano da época, professava "um progressismo limitado", baseado no impulso "relativo" das artes, das letras e das ciências, sem reparar em outros aspectos substanciais pertencentes à dinâmica da sociedade, nem em propiciar mudanças significativas na estrutura da mesma.

O modelo autocrático caudilhista de Guzmán nutriu-se da intelectualidade, que de alguma maneira o proveio de fundamentos filosóficos e políticos para afirmar-se como regime. No entanto, esta mesma intelectualidade também aproveitou os privilégios que lhe outorgava o sistema político, como vantagem para consolidar ou afiançar a institucionalidade. Um exemplo disto é o caso da sociologia onde se realizou um aporte "justificador" do status que, reforçado pelo "consumo" que simultaneamente fazia o regime da produção intelectual européia, representou "o outro fator" em seu afiançamento nos meios acadêmicos e universitários.

Paralelamente à supremacia positivista, o marxismo – como "modelo de interpretação e ação"- chegou a coexistir de maneira clandestina, desde esta época até o século XX, mais acentuadamente. Este paradigma orientava-se mais à prática política que ao debate e reflexão acadêmica[35] (Rengifo, 1984), como definitivamente chegaria a produzir-se no fim dos anos sessenta e princípio dos setenta, já não de maneira clandestina (aspecto que desenvolveremos mais à frente).

Durante a década de 1930, surgiram algumas obras catalogadas como produção do marxismo local: "El latifúndio", por Miguel Acosta Saignes (1937), "Hacia la Democracia", por Carlos Irazábal (1938) e "Venezuela, Política y Petróleo", por Rómulo Betancourt, escrita neste período e publicada vinte anos mais tarde.

[35] Isto é evidenciado sobretudo a partir da morte do General Juan Vicente Gómez, em 1936 – ditador durante o período 1908-1936-, na "produção" discursiva e interpretativa sobre a realidade venezuelana que fizeram os intelectuais pertencentes ao Partido Comunista (PCV), assim como outros representantes de agrupamentos de tendência marxista.

Até o fim deste período, é facilmente observável que o incipiente campo da sociologia tem três dimensões, os quais possibilitaram seu estudo. Tais âmbitos podem ser delimitados ao reconhecer a existência de um *discurso*, gerado explicita e deliberadamente, ao prover elementos para uma visão e compreensão crítica da sociologia. Basicamente seus conteúdos e orientações apresentam referentes teórico-metodológicos e conceituais próprios das ciências sociais já existentes. Em segundo lugar, podemos argumentar uma intencionalidade científica, ou seja, existe através desta pequena produção uma latente preocupação por identificar problemas de ordem social –próprios do campo sociológico- na realidade venezuelana.

Da mesma maneira, observa-se um paulatino incremento de *atores* que, ainda dispersamente nesta primeira, se vão sincronizando preocupados pelas mesmas problemáticas, chegando a formar mais adiante "colégios invisíveis" da sociologia venezuelana. Finalmente, pode-se evidenciar o peso específico da disciplina nas dinâmicas (*práticas*) do debate, na problemática e na difusão de temas de estrito caráter sociológico, utilizando-se para ele âmbitos como as associações, sociedades e instituições acadêmicas (Instituto Venezuelano de Ciências Sociais, Sociedade dos Amigos do Saber, etc), assim como a cátedra universitária e a imprensa.

2.3.2 A Sociologia de Cátedra (1900-1952)

Na Europa, as primeiras tentativas de fazer a sociologia uma cátedra foram produzidas na metade do século XIX, processo que se estendeu rapidamente a nosso continente. No fim deste século, a disciplina já era prática em vários países da América Latina, especialmente nas Faculdades de Direito (iniciando-se o estágio de viragem). Na Venezuela, as condições precárias dos sistemas político, econômico e educativo não impediram o curso deste processo (Rengifo, 1984).

Finalizado o século XIX e récem-iniciado o XX, avanços de significação são produzidos na evolução da sociologia venezuelana, com a introdução em 1899 da sociologia como disciplina universitária[36]. O campo sociológico tem na "sociologia de cátedra" a origem de seu processo de institucionalização acadêmico-universitária, desta maneira o debate sociológico transcende os

[36] Sociologia de Cátedra como assinatura, como matéria de estudo, mas não como carreira profissional.

espaços das associações e instituições científicas acima mencionadas, para instalar-se no âmbito universitário.

A primeira cátedra de sociologia foi detectada na Faculdade de Ciências Políticas pelo professor Carlos Leon, que também foi autor do primeiro manual de sociologia na Venezuela. Albornoz (1970) e Castro (1988) proporcionam dados interessantes sobre o começo do ensino sociológico na Universidade (existe confusão em torno da sua data exata), segundo suas averiguações, já em 1900 se ministrava a cátedra pelo doutor Terrero Atienzo, sob o nome de "Sociologia e Direito Natural". Ainda assim, a tese de que o doutor Leon foi o fundador da primeira cátedra tem sido validada por outros autores que escreveram a respeito[37].

Em 24 de novembro de 1908, o então presidente da Venezuela Cipriano Castro partiu para a Europa por razões de saúde, assumindo em seu lugar Juan Vicente Gómez, que impôs um regime ditatorial até 17 de dezembro de 1935, data de sua morte. Com Gómez inicia-se um novo período de modernização da sociedade venezuelana, "a etapa de desenvolvimento nacional", pois quando o país ainda era mono-produtor agrário, seu processo de incorporação ao sistema capitalista mundial aprofundava-se e intensificava-se com a penetração desmedida da inversão estrangeira, especialmente norte-americana. Configura-se, assim, uma estrutura econômica que coloca a Venezuela definitivamente como área dependente dos centros capitalistas mundiais (Brito-Figueroa, 1996, Santaella, 1985).

Gómez, em seu afã de manter-se no poder, fez algumas contribuições –entre aspas- que redundaram no estabelecimento de um estado nacional mais sólido, o que às vezes permitia-lhe maximizar, para proveito próprio, os benefícios da grande fazenda, que para ele representava o país. Desta forma, promove-se, juntamente com o capital estrangeiro, uma política econômica perversa[38], que se fortalece com a exploração petroleira. O exercício do poder, para General Gómez, estava intimamente associado ao monopólio da força militar e ao reconhecimento do

[37] Ver: Caldera (1956), Tosta (1958), Mendoza (1938), Silva Michelena (1960), Rengifo (1984).

[38] A política econômica é perversa porque os altos ingressos que começa a receber o país ao converter-se de mono-produtor agrícola a mono-produtor petroleiro gerou no imaginário coletivo, uma "ilusão de riqueza". Não se gerou, a partir destes ingressos, uma estrutura econômica produtiva diversificada que empregasse a maximização da renta petroleira. Ao contrário, desencadeou uma espiral de nova pobreza ao converter os camponeses em operários, novos habitantes dos cinturões marginais urbanos.

território venezuelano, razões pelas quais cria o exército nacional, permitindo-lhe desmembrar a oligarquia da terra que possuía pequenos bandos de milicianos.

Na Universidade, as primeiras disciplinas de sociologia foram impartidas nas faculdades de direito. A razão fundamental deste fenômeno apóia-se em que a advocacia, como carreira que mantem tradicionalmente estreitos laços com a política e com o poder político, devia reafirmar-se, assumindo alguns elementos do novo corpo de conhecimento *–A Sociologia-*, o qual era concebido como "onicompreensivo e moderno"[39]. Esta circunstância origina a concepção juridicista do social, segundo a qual os fatos sociais são tratados como fenômenos jurídicos, marcando-se desta maneira uma tendência no pensamento sociológico da época (Rengifo, 1984).

Em outro plano, encontramos aqueles pensadores que refletiram sobre a questão social nos âmbitos distintos ao universitário: sociologia ex-cátedra[40]. Assim, temos Laureano Vallenilla Lanz, pensador que fez aportes à história da sociologia venezuelana, ainda que não estivesse ligado à academia. Seu apego ao pensamento positivista está manifesto em suas obras: "Cesarismo Democrático: Estudio sobre las bases sociológicas de la constitución efectiva de Venezuela", publicada em 1919 e mais tarde, em 1930, "Disgregación e Integración". Neste mesmo ano, encontramos a obra de Pedro Manuel Arcaya (19XX), "Estudios de Sociología venezolana". Em 1938, o professor Augusto Mijares publica "Interpretación Pessimista de la Sociologia Hispanoamericana" , em cujo primeiro ensaio rebate um dos escritos de Vallenilla Lanz, "El Gendarme Necesario", conteúdo em sua obra "Cesarismo Democrático".

Posteriormente, outras contribuições são feitas à produção sociológica venezuelana.: em 1941, Carlos Siso, com sua obra "La Formación de Pueblo Venezolano"; em 1942, Francisco Alfonzo

---

[39] Ciência recente e de moda que podia outorgar respostas a um sem-fim de problemas sociais e de outras índoles.

[40] Pode-se dizer que a diferença entre a sociologia de cátedra e "ex-cátedra" radica em grande carência reflexiva e uma prática (local) da disciplina, por parte da primeira, a qual manteve-se até a criação do departamento de sociologia da Universidade Central de Venezuela (1952). Em troca, a sociologia ex-cátedra tinha uma maior aproximação com o âmbito político-econômico do país. O estancamento da sociologia, em geral, explica-se pela persistência das tendências conservadoras da disciplina sociologia na Venezuela (Albornoz em Rengifo, 1970), originadas em grande parte desde o período gomecista até o início dos anos cinqüenta, onde a precariedade socioeducativa manteve-se pensando nas tentativas de modernização depois de 1936, com a planificação social e o desenvolvimento socioeconômico do país (Rengifo, 1970).

Ravard, com "La Cuestión Social" e Jesús M. Rísquez, com a publicação "Introducción a la Sociología Venezolana".

Até este momento, havia na Venezuela um crescente interesse em identificar problemáticas sociais locais e fazer da sociologia uma prática que respondesse a tais problemáticas. A incipiente produção sociológica, com um forte enfoque forâneo e longe de ser científica strictu sensu, estava ajudando no reconhecimento dos elementos sociais próprios e, de alguma maneira, localizando-se no quadro das ciências que pudessem fazer aportes tangíveis. A prática sociológica tem, então, uma orientação marcadamente utilitarista.

Na Universidade Central de Venezuela, no começo dos anos 30, José Rafael Mendoza começava a dedicar-se ao ensino da Sociologia, tarefa que desenvolveu somente por três anos –substituído posteriormente por Cristóbal Benítez-, já que logo se dedica à cátedra de Direito Penal. Escreveu o Manual de Sociologia (1934), até então "o texto didático mais completo que sobre a matéria se tinha publicado no país" (Albornoz, 1970:50), três vezes editado. Em 1960, publica "El Problema Sociológico de los adolescentes denominados "pavitos"[41]" e posteriormente a terceira parte deste: Orígenes y Evolución de la Sociología Venezolana , editada na revista Mexicana de Sociologia (maio-agosto) e, em 1968: Sociologia, Ideologia e Moral. Fundou, durante seu trabalho de ensino da cátedra de sociologia, a Revista Interamericana de Sociologia, a primeira revista nesta matéria. Posteriormente se dedica ao ensino das cátedras já mencionadas na Universidade "Santa Maria", compartilhando este trabalho com seu cargo de reitor, em 1956.

A morte de Gómez, em 1935, significou a abertura da Venezuela para um processo de modernização apegado a uma racionalidade distinta à existente, encabeçada pelo General Eleazar López Contreras, que desde 1936 até 1941 detinha o poder. A ação de Estado transforma-se complexando, de maneira crescente, as funções administrativas do Estado, ainda que mantivesse, em alguns aspectos, continuidade com o regime gomecista. Aumenta o interesse de criar-se uma plataforma para o progresso, sob a visão do regime, estando de acordo com os processos de industrialização associados a já adiantada exploração petroleira. Por esta razão, a

[41] "Pavitos" se chamava assim aos jovens.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

ciência venezuelana assumiu um caráter utilitário antes que um exercício cultural, orientado à busca do conhecimento (Ruiz Calderón, 1992).

Esta é a época na qual se promove a formação da estrutura científica venezuelana diversificada, ou seja, o surgimento de outras áreas distintas da medicina, área mais consolidada devido ao interesse do Estado nos benefícios que produz em termos de saúde pública. O desenvolvimento da atividade científica venezuelana, a partir deste momento e até fim dos anos cinqüenta, esteve assinado pelo crescimento e complexidade do Estado, como conseqüência da prática modernizadora posterior à ditadura de Gómez, facilitando com sua intervenção recursos econômicos e infra-estruturais que favoreciam a institucionalização da ciência.

Paralelo a este desenvolvimento da Sociologia na Universidade Central da Venezuela, no seio do Instituto Pedagógico Nacional durante os anos de 1938-1939, o professor e advogado Rafael Lara dirige o primeiro curso de sociologia, chamado "Elementos de Sociologia e Sociologia Educativa", ministrado no último ano dos estudos realizados nesta casa.

Os estudos realizados pelo professor Lara, no Chile, e logo transmitidos aqui, não constituíram grandes avanços na reforma (progresso) da didática da matéria, no entanto, a propagação da sociologia como disciplina é elemento importante no seu desenvolvimento (Albornoz, 1970). A partir de 1942, prosseguiram como professores encarregados da matéria o doutor J.F.Reyes Baena, seguido pelo doutor César Tinoco Ritcher e o presbítero Manuel Montaner. Esta cátedra ainda segue sendo ministrada nos Institutos pedagógicos do país, adscritos à Universidade pedagógica experimental Libertador (UPEL).

No ano de 1938, a Escola Livre de Ciências Econômicas e Sociais é aberta (hoje com grau de faculdade), começando os cursos de sociologia que previamente os estudantes haviam iniciado na Escola de Ciências Políticas da Faculdade de Direito.

Com o início do período constitucional, encabeçado por Gral. Isaías Medina Angarita (1941-1945), Venezuela encaminha com passos mais firmes a um prometedor processo de democratização político e social. Em 1944, um novo curso é iniciado na UCV, ditado pelo doutor

Rafael Caldera, que seguiu como único professor da cátedra até 1950, quando Villalba, Tosta e Tamayo, entre outros, começam em outras seções da mesma Faculdade de Direito.

Em 1946, cria-se a faculdade de Filosofia e Letras da UCV e, um ano mais tarde, as cátedras "Sociologia e Antropologia" são atribuídas a Miguel Acosta Saignes, até então encarregado do Departamento de Antropologia, surgindo uma nova fase na didática da sociologia na Venezuela. Estas matérias passam a ter uma orientação científica, diferente à que lhes haviam outorgado, dando maior ênfase à pesquisa.

Posteriormente, sob a direção do mesmo Acosta Saignes, ampliou-se os estudos de sociologia nesta Faculdade. Seu trabalho acadêmico e seus estudos especializados na etnologia venezuelana converteram-no em um dos grandes impulsores das ciências sociais, tanto pelo prolífero de sua produção (publicação), quanto pelo incentivo dos trabalhos de pesquisa que realizou junto a seus alunos.

2.3.3 Implantação do Modelo profissional (acadêmico-universitário) 1952-1958

A consolidação institucional acadêmico-universitária da sociologia como disciplina inicia-se em 1952, –coincidentemente ano em que começa a última ditadura militar venezuelana, encabeçada pelo General Marcos Pérez Jiménez- com a assinatura de um convênio de cooperação entre a Universidade Central de Venezuela e a Universidade norte-americana de Wisconsin (tendo como encarregado por parte desta última o doutor George W. Hill)[42]. Em 1953, cria-se o Departamento de Sociologia e Antropologia na Faculdade de Economia, ingressando com o ano 1956 a primeira geração de Sociólogos e Antropólogos Culturais. A vida do Departamento durou pouco, já que rapidamente foi promovido à Escola em 1956, iniciando seu primeiro curso com aproximadamente cinqüenta estudantes. Com este convênio, Venezuela implantou o modelo

[42] O doutor Hill, sociólogo especializado na área Rural, serviu de vínculo para as relações que a UCV estava estabelecendo com a Universidade de Wisconsin. Em 1945-46, realizou um trabalho sobre imigração, como Assessor Técnico do Governo da Venezuela e, em 1950, retorna ao país para trabalhar no Instituto Agrário Nacional, novamente na matéria de Imigração (Albornoz, 1970)

profissional[43] na sociologia antes que muitos o fizessem na América Latina e em alguns países europeus[44].

Em 1951, o doutor Hill presenteou um informe intitulado Anteprojeto do Programa de Cooperação Intelectual, com o objetivo de formar, em um organismo adequado, "especialistas em ciências sociais", referindo-se além que a Universidade de Wisconsin poderia dotar de pessoas preparadas para tal finalidade. A proposta foi aceita e o doutor Hill foi contratado por "um tempo convencional", na Faculdade de Ciências Econômicas (Albornoz, 1970).

Após transcorridos vários meses, Hill firmou um segundo contrato e, baseando-se nas liberdades, facilidades, atribuições e "poderes" que correspondiam a ele, "exigiu" a contratação dos professores provenientes da Universidade de Mihigan, Norma Painter e Thomas Norris. Este último somente ministrou aulas durante um ano, tendo sido substituído pelo professor James Silverberg, da Universidade de Wisconsin. Este segundo contrato foi cancelado em 1958 pelo doutor Francisco De Venanzi, porém somente em 1961 tal rescisão foi efetivada. Durante este período, o doutor Hill permaneceu como pesquisador no mesmo Instituto de Pesquisas Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas.

A princípio, a estrutura do curso compreendia dois anos de formação básica e dois de especialização, porém os primeiros estudantes do Departamento de Sociologia e Antropologia, não realizaram o período de especialização, cursando quatro anos de formação geral. No ano em que se inicia o primeiro curso (1952), ainda não se tinha elaborado um *curriculum* da carreira, tampouco se havia estipulado o tempo de duração da mesma. Assim, o que se fez foi desenhar um compendio de disciplinas, segundo o avanço dos estudantes (Albornoz, 1970). Em relação aos paradigmas dominantes na formação do sociólogo sob este modelo profissional, encontravam-se o Funcionalismo e o Empirismo Metodológico, que também serviram de marco à incipiente pesquisa universitária.

[43] Castro refere-se ao modelo profissional como o processo de formação acadêmico-universitária, orientado a formar profissionais na disciplina (especificamente os estudos de graduação), enquanto que De Venanzi (1990) refere-se à profissionalização como o conjunto de atividades desempenhadas pelo sociólogo fora do âmbito acadêmico.
[44] França em 1957 e na Itália em 1970.

O auge dos estudos universitários da Sociologia, juntamente com a decadência do modelo positivista de análise da sociedade venezuelana, influíram na restrição dos estudos e da discussão sociológica ao âmbito acadêmico.

Neste contexto, a transferência do novo paradigma de referência (o funcionalismo) produz-se da mesma forma que o positivismo se impôs no *Estágio dos Fundadores*, ou seja, mediante a adoção acrítica[45] do novo paradigma. Destaca-se, aqui, a diferença de que a "provisão" ideológico-teórica já não é diretamente européia, mas sim da interpretação e translado da América do Norte, valendo-se principalmente do modelo profissional implantado.

A partir dos anos cinqüenta até a segunda metade dos anos sessenta, o funcionalismo de vertentes parsoniana e mertoniana é implantado e prevalece no recém instaurado modelo profissional da sociologia venezuelana como paradigma teórico, combinado com a ênfase no empirismo metodológico. Esta implantação e prevalência produzem-se segundo Castro (1996), por duas razões fundamentais:

a) A transcendência por omissão ou desconhecimento do "positivismo crioulo" e seus conteúdos, por parte dos professores norte-americanos e dos primeiros estudantes da sociologia como disciplina.

O positivismo local baseava sua produção e análise da realidade, na referência de idéias de ordem, evolução e progresso provenientes do paradigma comteano-spenceriano, as quais eram depositadas no grupo "grande ensaio". Por sua parte, a sociologia que privilegiava os professores norte-americanos é a que já tínhamos mencionado como "empirista", baseada no manejo instrumental de operações técnicas e ferramentas, superadora da fase ensaística da sociologia venezuelana.

b) Não se produziu a transferência de conteúdos políticos e ideológicos ao campo teórico (que privilegiaram ao marxismo como paradigma), mesmo quando o espaço universitário foi cenário

[45] A respeito, Castro (1996:121) afirma: "A *filiação paradigmática positivo-funcionalista, ou seja, a versão leitura e conversão da sociologia européia por parte da sociologia norte-americana de pós-guerra, é transferida à Venezuela via modelo de formação universitária de profissionais, sem resistências internas.*

dos grandes debates, com participação de ilustres intelectuais progressistas e de esquerda, posterior ao derrocamento do ditador Pérez Jiménez, em 1958.

Em resumo, podemos dizer que a força do desenvolvimento da sociologia na Venezuela começou com o interesse em sua profissionalização, cujo primeiro passo foi a fundação da Escola de Sociologia na UCV, a princípio como Departamento (1952), por um grupo de professores da Universidade de Wisconsin e, posteriormente, em 1956, quando se eleva a categoria de Escola. Durante sua existência, a Escola tem passado por muitas mudanças originadas tanto pelo contexto político-social que a envolve, quanto pelas variações em seu curriculum, pelo afastamento de seus professores (norte-americanos) da primeira geração ingressada na escola, por sua conversão em Escola Experimental (1969) e em Escola de Sociologia independente da Escola de Antropologia, no começo dos anos 80.

2.3.4 Consolidação do Modelo Profissional e a Pesquisa Sociológica na Venezuela (1958 adiante)

Em 1958 se inicia a vida democrática venezuelana, e já os cinco departamentos da FACES eram Escolas, graças a modernização e a as transformações econômicas e políticas que haviam sucedido entre 1946 e 1958 (Michelena, 1998). Até este mesmo ano a pesquisa na Escola de Sociologia mantinha-se circunscrita ao âmbito acadêmico-universitário, ou seja, desenvolve-se no contexto das disciplinas do Departamento e posteriormente da recentemente criada Escola de Sociologia da UCV.

A importância da pesquisa na década dos anos sessenta é atribuída a dois aspectos particulares: por um lado, o contexto sociopolítico da Venezuela e da América Latina nestes anos e, por outro, o processo de reflexão e crítica à ordem institucional interna, vivida no contexto da universidade, conhecido como "a Renovação Acadêmica"[46], de 1969.

No começo dos anos sessenta (1961-1962), a pesquisa acadêmica segue além do *marco* de formação profissional (os estudos da graduação). É assim como o *Instituto de Investigaciones* da

[46] A Renovação acadêmica foi um processo de revisão da Universidade voltada a seu interior. Este movimento foi impulsionado principalmente por estudantes e professores críticos do *status quo* universitário, em sua maioria, com pensamento de esquerda e inspirados, em grande medida, pelos acontecimentos de maio Francês de 1968.

Faculdade de Ciências Econômicas e Sociais da UCV e o Centro de *Estudios del Desarrollo* (CENDES) da mesma universidade[47] encabeçam os principais projetos de pesquisa sociológica da época. Estas instituições encarregam-se da pesquisa em grande escala ou macro-sociológica, que não eram desenvolvidas nas recém-criadas Escolas de Sociologia[48], nas quais as pesquisas estavam dirigidas ao adestramento dos estudantes para os trabalhos de campo[49] e preocupados em "*...por em prática os métodos e técnicas da pesquisa...*" (Albornoz, 1962:165).

Nesta ordem de idéias, é importante destacar o trabalho de pesquisa desempenhado (e docência) de duas relevantes figuras do campo sociológico venezuelano: Jeannette Abouhamad e José Agustín Silva Michelena. Ambos, desde sua atividade no pós-graduação, marcaram uma pauta transcendental na pesquisa sociológica no país, com uma linha de pesquisa denominada "Conflito e Consenso", na área de análise sócio-histórica. Da mesma forma, é relevante a atuação de Rodolfo Quintero, à frente do Instituto de Pesquisa da Faculdade de Ciências Econômicas e Sociais da UCV, onde desenvolveu pesquisa de escala similar à Silva e Abouhamad, nas áreas de "Antropologia Cultural" e "Sociologia do Trabalho".

Está claro que, a partir desta época, a UCV e sua Escola de Sociologia, assim como institutos de pesquisa, começaram a ocupar espaço importante no campo da pesquisa sociológica. Por outro lado, as pesquisas realizadas no âmbito da Administração Pública concentravam-se em organismos do Estado[50], que baseavam seu interesse pela pesquisa na possibilidade de gerar e viabilizar, através destas, as políticas públicas e sobretudo as políticas sociais (Rengifo, 1984).

---

[47] O Instituto de Pesquisas Econômicas, além de realizar tarefas pesquisadoras, tinha a faculdade de resolver problemáticas acadêmicas da Escola de Economia. O Centro de Estudos do Desenvolvimento (CENDES) está encarregado de "*capacitar em alto grau aos profissionais dos campos vinculados ao desenvolvimento, a fim de permitir-lhes contribuir adequadamente à solução dos complexos problemas econômicos, sociais e físicos...*" (Albornoz, 1970:166).

[48] Atualmente, a maioria das universidades, em maior ou menor escala, tem desenvolvido pesquisas na área científico-social, já que, geralmente, contam dentro de sua estrutura com departamentos de sociologia e/ou ciências sociais.

[49] Os principais objetivos estavam orientados a observar e explicar as condutas coletivas, para logo produzir diagnósticos socioeconômicos.

[50] Tal é o caso da Oficina Central de Coordenação e Planejamento, o Ministério da Saúde e Assistência Social, o Ministério da Educação e o Ministério de Agricultura, e atualmente em Ministérios como da Família e Ambiente, entre outros. Aqueles que ocupavam os departamentos de pesquisa da administração pública tinham a vantagem de contar com todos os recursos para os fins pesquisadores. A maioria das pesquisas dirigidas nestes departamentos de planejamento estavam orientadas à elaboração de planos econômica-sociais, assim, os projetos elaborados baseavam-

As Empresas Privadas, por sua parte, podiam outorgar aos sociólogos a oportunidade de serem empregados nas áreas de pesquisa, sobretudo aquelas encarregadas da análise de dados, opinião e mercado[51].

2.3.4.1 Fim dos anos 60 e início dos anos 70

No fim dos anos sessenta, no que concerne à matriz epistemológica predominante, dá-se início a coexistência de paradigmas na interpretação e crítica dos processos de desenvolvimento, ainda que sob a primazia do funcionalismo e do positivismo. Diante dos questionamentos à legitimidade dos pré-requisitos funcionais e das pautas parsonianas do equilíbrio social (para explicar a dinâmica do desenvolvimento na Venezuela e América Latina), o marxismo coexistira com o funcionalismo, no sincretismo teórico epistemológico que proporcionava as respostas a tais processos (Castro, 1996).

Muito antes do processo de Renovação Acadêmica do fim dos anos sessenta, o debate entre posturas teórico-políticas e ideológicas já existia na sociologia venezuelana (e latino-americana). Discutir o marxismo e o estrutural-funcionalismo e suas subseqüentes críticas sobre a relação e/ou o compromisso do intelectual –neste caso o sociológico - nos processos de mudança sociopolíticas e econômicas é um exemplo desta prática antiga[52].

Neste contexto, com o movimento de Renovação Acadêmica (1969), começa o processo de ruptura com o modelo da sociologia norte-americana dos anos cinqüenta. Este movimento representou a quebra do modelo tecnicista que imperava – e que foi transcendido-, para instalar um modelo de "sociologia crítica", com maior presença de elementos ideológico-políticos, orientados à análise e à participação da sociologia e das ciências sociais na mudança sociopolítica, denominada "sociologia comprometida". Assim sinaliza Castro (1996:132), ao

---

se nos planos de desenvolvimento e diagnósticos ou estudos socioeconômicos dirigidos principalmente às populações rurais.

[51] Incontáveis pesquisas concentravam-se na busca de audiência, hábitos de consumo de determinadas marcas, estudo dos meios de comunicação e publicidade.

[52] O intelectual como agente político, "intelectual orgânico" (Gramsci), comprometido com orientações radicais até a transformação e a mudança social ou como "cientista" que pudesse prover de fórmulas técnicas, para a explicação e tratamento de distintas problemáticas

referir-se às duas grandes opções à respeito da formação acadêmica na área da sociologia, *"...a opção profissionalizante-tecnicista, distanciada das utopias do momento, com ausência de preocupação ético-política pela troca das possibilidades de aporte da sociologia em tal sentido, e a opção que registramos como* ***vocação crítica e transformadora da sociologia***"[53]. E De Venanzi (1991,12:30) afirma: "o primordial era o debate entre correntes sociológicas encontradas...e existia já uma ênfase muito forte no compromisso político-ideológico do intelectual latino-americano".

Estas posições, que marcaram em boa parte a orientação sociológica como disciplina e um maior interesse por determinadas áreas sobre outras, esteve mediada por algumas circunstâncias de índole ideológico-política. Se um estudante ou pesquisador interessava-se por outras áreas distintas à análise econômica ou política, significava para muitos "trair" o papel transformador que devia julgar o sociólogo, estigmatizando-o como "não-comprometido" e reafirmador do *status quo*, sobretudo quando distanciavam-se significativamente da ótica marxista –como por exemplo, o manejo de outros conhecimentos de "alta abstração" em teoria social, proveniente da produção sociológica francesa e norte-americana, entre outra (De Venanzi, 1990).

Por outro lado, encontram-se uma série de eventos sociopolíticos significativos, que reforçaram a tendência ao tratamento e maior atenção à pesquisa na área de análise política e econômica como o foram, a revolução cubana e seu impacto na América Latina, a guerra de Vietnam, os assassinatos de líderes como Che Guevara e Martín Luther King, a invasão russa a Praga, o genocídio de Biafra e os sucessos de maio de 68, na França. Tratando-se da América Latina, as críticas também tiveram incidência na preferência por estas temáticas, que desde o marxismo podiam-se fazer aos postulados político-econômicos da Comissão Econômica para América Latina (CEPAL) e a teoria da dependência.

Em meados da década de setenta, com o advento da bonança econômica, produto do incremento dos preços do petróleo, juntamente com a consolidação da democracia como regime político, produz-se um esfriamento –o imaginário coletivo- no clima político motivador da necessidade urgente de transformação sociopolítica. Diante desta situação, "utilidade" das ciências sociais

[53] Destaque nosso.

pareceu perder relevância, traduzindo-se em um processo de desvalorização das disciplinas durante o resto da década.

No que se refere à vinculação teórica para a análise do processo de desenvolvimento da América Latina, a teoria da dependência permanece ainda dominante como principal referente, nos anos setenta.

Deste modo, podemos resumir que o Marxismo, como superação do Funcionalismo, torna-se um paradigma de primeira ordem para a interpretação da realidade durante toda a década dos setenta. Tal processo produz o translado do debate ideológico-político –que na época estava "catalisado" com o auge e decadência da luta armada interna e a crise de governabilidade da ainda jovem democracia-, ao âmbito teórico-acadêmico.

Estes elementos marcaram a pauta da reflexão, da produção e do debate das ciências sociais – sobretudo da sociologia- nos anos sessenta e setenta, além de estabelecerem a "tradição" a serem seguidas pelas gerações que os sucederam, sob diferenças de medidas e matizes.

2.3.4.2 Os anos 80

Na década dos anos oitenta, começa o declínio do marxismo como teoria sociológica preeminente, abrindo espaço a perspectivas mais ecléticas de análise da realidade social. Tal espaço decorre ,entre outras razões, da incorporação na reflexão sociológica venezuelana de autores inscritos em distintas correntes teórico-epistemológicas e, conseqüentemente, o processo geral de crise dos paradigmas ou o esgotamento dos modelos totalizantes de interpretação do social (Castro, 1996).

Reunida a esta tendência "pluriparadigmática", mantem-se nos anos oitenta a tendência à escassez de produção teórica, devido a ênfase dada à pesquisa empírica, produto do resgate da especificidade no sociológico. "Isto é assim, à medida que o trabalho teórico na sociologia venezuelana segue exibindo um déficit significativo que se traduz no pouco esforço construtivo.

Ou seja, não há uma elaboração teórica e isto, na década de oitenta, se enfatizou como um efeito anômalo do prejuízo existente frente à teoria" (Castro, 1996:139).

Com a acentuação da crise econômica no fim dos anos setenta e princípio dos oitenta e seu impacto sobre a sociedade venezuelana, uma revalorização das ciências sociais é produzida, especialmente da sociologia, como disciplina apropriada para intervir no diagnóstico das distintas problemáticas e oferecer interpretações e respostas ao país sobre as mesmas.

Este resgate da importância da sociologia, como ciência no seio da sociedade venezuelana, manteve-se nos anos noventa. A disciplina tem colaborado com distintos ângulos e pontos-de-vista, elementos para a reflexão, a análise crítica e a ação, nesta década de profundas transformações na ordem social. Isto traduziu-se em esforços orientados para a formação de um campo sociológico que atenda a nossa singularidade como sociedade, ou seja, à "construção" de uma sociologia conectada –sem negar os processos globais- estreitamente a nossa coordenadas espaço-temporais; uma sociologia baseada na reflexão e análise próprias, sobre nossa problemáticas, neste tempo, para responder a nossos povos, nossas sociedades em suas singularidades e suas urgências ou responder a nossas épocas, a seus tempos, aos requerimentos que o rigor científico e o saber universal demandam em cada momento histórico (Sonntag, 1999).

A sociologia venezuelana dos anos noventa se centrou no resgate da crítica, para erradicar as tendências que no passado insistiam no translado ou "cópia" de modelos originados em outras realidades. A sociologia venezuelana frente ao novo século tem aspirações de contribuir a "nossa própria modernidade" (Sontag, 1999).

2.4 INSTITUCIONALIZAÇÃO DA SOCIOLOGIA. BREVE CRONOLOGIA

Os acontecimentos mais importantes na institucionalização da sociologia como modelo profissional e a conseguinte maior legitimidade institucional como ciência no seio da sociedade venezuelana pode ser sintetizada da seguinte forma:

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Quadro 1

ANO	**PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO**
1951	Cria-se a **Associação Venezuelana de Sociologia**, idéia do Doutor Rafael Caldera e outros profissionais venezuelanos, com a finalidade de convocar a todos os interessados ao desenvolvimento e divulgação da disciplina sociológica. A Associação é resultado de uma reunião da Associação Latino-americana de Sociologia, na qual o doutor Caldera participa como organizador.
1956	O Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Central de Venezuela (UCV), criado em 1953, é **elevado à categoria de Escola**.
1958	Começa a funcionar o **Colégio de Sociólogos e Antropólogos de Venezuela**, em seu 1°. artigo se auto-define como uma "associação civil de caráter profissional constituída pelos graduados em especialidades de Sociologia ou Antropologia..." (Albornoz, 1971:62)
1959	Cria-se a **Segunda Escola de Sociologia na Venezuela, na Universidade Católica Andrés Bello**, sob o nome de Escola de Ciências Sociais. "Esta escola aspira formar sociólogos especialistas em Relações Industriais e Serviço Social. Os estudos contemplam dois anos comuns para as três especialidades e três de especialização" (Albornoz, 1970:71). A primeira geração desta Escola ingressou em 1964.
1961	Cria-se o **Centro de Estudos de Desenvolvimento (CENDES) da UCV**, logo transformando-se no centro de estudos de pós-graduação mais importante associado ao campo social e em um instituto "eixo" da pesquisa sociológica. A sociologia como profissão ingressa no manual de classificação de cargos da *Oficina Central de Personal* de Venezuela.
1963	Realiza-se **I Congresso de Sociologia e Antropologia em Caracas**.
1969	Cria-se a **Escola de Sociologia da *Universidade de Oriente*** (com as menções de Sociologia do Trabalho e Sociologia Rural).
1969	Realiza-se o **I Congresso Venezuelano de Sociologia e Antropologia**.
1977	Criam-se as **Escolas de Sociologia da *Universidad del Zulia*** (LUZ) e da ***Universidad Experimental de Los Llanos Ezequiel Zamora*** (UNELLEZ).
1979	Abertura do **doutorado em Ciências Sociais** da Faculdade de Ciências Econômicas e Sociais
1980	Cria-se a **Sociedade Venezuelana de Escolas de Sociologia** (SOVES);
1981	Realiza-se, em Caracas, o **II Congresso de Sociologia e Antropologia**, cujo tema central foi "A Venezuela atual vista pelos sociólogos".
1982	Realiza-se, em Mérida, o **III Congresso de Sociologia e Antropologia**, tendo como tema central "A interdisciplinaridade na sociologia venezuelana"

	tema central "A interdisciplinaridade na sociologia venezuelana".
1990	Realiza-se o **IV Congresso de Sociologia e Antropologia**, em Nova Esparta, cujo tema central foi "Impacto Social da Crise".
1994	Realiza-se o **V Congresso**, em Maracay, tendo como tema central "Pobreza, Diversidade e Desenvolvimento Sustentável";
1997	O **VI Congresso** é realizado em Caracas, com o tema central "Da República Petroleira à Sociedade Sustentável".
1999	Promulga-se a **Lei de Exercício Profissional da Sociologia**

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Capítulo III

A SOCIOLOGIA VISTA ATRAVÉS DE SUA PRODUÇÃO:

Estudo da "Revista Venezolana de Ciencias Economicas y Sociales"

"a excelência da pesquisa não se relaciona em forma simples e direta com o volume de produção...mais também com qualidade"
Hebe Vessuri, 1997:313

A sociologia converteu-se, então, em uma tendência em si, converteu-se na filosofia dos não filósofos, em uma tentativa de descrever e classificar esquematicamente fatos históricos e políticos segundo critérios construídos com o modelo das ciências naturais..."
Antonio Gramsci,1971:16

Introdução

Nos capítulos anteriores construímos um marco referencial de dupla dimensão; o primeiro de caráter teórico, no qual traçamos algumas linhas pertinentes às correntes que pensamos aproximam-se mais à análise da construção sociocultural da ciência. Em um segundo referencial de limites histórico-científico-social, reconstruímos a história da *sociologia na Venezuela* com a finalidade de contextualizar o estudo da *Revista Venezolana de Ciências Económicas y Sociais*.

Além da intenção de encadear nestes contextos a racionalização de "o social", através da interação dos cientistas, do meio em que se desenvolvem e dos fatos socio históricos que lhes servem de cenário, este trabalho busca também explicar a maneira em que a atividade científica se estende além do círculo dos pares que agem como público e como árbitro. A forma mais explícita de extensão da produção científica é a publicação, que está convertida na indubitável prova do crescimento da ciência. É a publicação que expõe os interesses competentes à comunidade científica, revela os resultados das atividades de pesquisa da mesma forma que a legitima e difunde como parte essencial da dinâmica do próprio "que fazer" científico.

A publicação e, mais concretamente, os artigos científicos –expressão da ciência moderna- convertem-se no objeto empírico e centro de estudos desta tese. Os artigos, juntamente com outros espaços de expressão científica, como os congressos[54], apresentam-se como o principal meio de comunicação e contato com a ciência, no âmbito que ostenta a informação sobre seu "estado da arte". A inclusão da revisão dos artigos da *Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales* desde seu início, em 1958, até o ano 2000, sob nosso ponto de vista, constitui uma das perspectivas nas quais se pode estudar a evolução da sociologia como disciplina científica.

[54] Obviamente poderiam entrar aqui os centros e exibições interativos da ciência e tecnologia, o importante papel da educação formal na aprendizagem das mesmas e os meios de comunicação em massa. Entretanto, nosso trabalho limita-se a definir os espaços formais (e de escrita) do "estrito" público científico e não dos espaços que popularizam a ciência.

3.2 SOBRE A REVISTA

A gênese desta revista data do ano de 1958, época em que estava intitulada *Economia e Ciências Sociais*. Seu surgimento deve-se ao trabalho de um grupo de profissionais sociólogos e economistas que, durante os anos cinqüenta, eram integrantes do *Instituto de Investigaciones* de la FACES[55]. Este grupo de pesquisa buscava a criação de um espaço próprio que manifestasse o pensamento social da época, o qual proporcionaria, conseqüentemente, a oportunidade de legitimar o corpo de pesquisadores sociais e suas inclinações temáticas que naqueles anos estava formando-se.

O projeto inicial, das primeiras gerações de cientistas sociais, constituía-se na criação de duas revistas que compilassem artigos escritos em torno de um tema central e previamente designado por uma comissão editora. Assim, em setembro de 1958, nasce a *Revista de Ciencias Económicas y Sociales* editada pela FACES da UCV, iniciando-se a primeira das cinco épocas que dividem sua trajetória. Anos depois, surge *"Análisis de Conyuntura"*, a segunda revista da FACES, criada unicamente para a discussão de temas da área político-econômica[56], ainda em circulação.

Ao longo dos últimos trinta anos, em prol da criação de espaços para a publicação, os esforços da comunidade científico-social venezuelana materializaram-se na criação de diversas revistas: *"Cuadernos del Posgrado"*, *"Revista CODEX"*, *"Cuadernos com fines docentes"* e *"Relea"* na FACES. Trata-se, esta última, de uma revista especializada em sociologia que, desde 1995, circula nacional e internacionalmente. Também observamos a proliferação de revistas em outras universidades nacionais: o departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Los Andes (ULA), em Mérida, cria a revista "Fermentum", que até a presente data tem sido publicada trimestralmente; a escola de Sociologia da Universidade de Zulia (LUZ), no estado de Zulia, cria a revista "Espaço" e mais tarde, em 1995, a Faculdade de Filosofia da mesma universidade dá vida a "Utopia e Práxis".

[55] Este Instituto, mais tarde, recebeu o nome de "Instituto de Pesquisa Dr. Rodolfo Quintero".

Na Venezuela as revistas aparecem como parte do processo de consolidação das ciências sociais na Venezuela. Sua criação está vinculada ao processo de institucionalização dos colégios invisíveis e da socialização de seus integrantes na busca de um "espaço de interação escrita". Assim sendo, as revistas são meios de comunicação que, além de *"anunciar informação técnico-científica para um grupo seleto formado por especialistas"* (Bueno, 1985), proporcionam aos cientistas a oportunidade de (auto)reconhecimento entre os pares e de atualização das áreas de pesquisa nas quais trabalham.

Durante os últimos anos, observa-se na Venezuela um crescimento exponencial de publicações científicas, sobretudo[57] na área das ciências sociais. Este aumento na produção, especialmente das revistas científico-sociais, aunado a própria diversificação da disciplina, tem permitido distinguir entre revistas científicas gerais e especializadas, de divulgação ou acadêmicas. Esta eclosão de revistas coloca a Venezuela dentro da grande tendência regional e mundial do crescimento das revistas especializadas.

3.2.1 Considerações Metodológicas

O estudo da existência de uma revista é algo complexo, ainda mais se é desejo realizar um estudo de cunho mais qualitativo que quantitativo. A cientometria oferece algumas formas de estudo que medem o crescimento da ciência através do chamado *fator de impacto*, uma análise fatorial de dados das citações de revista a revista. Este se concentra na construção de uma rede de revistas a partir de uma primeira que proporciona determinada porcentagem de citações, ou que recebem uma porcentagem desta primeira. Este é o chamado "*ambiente de citações*" para a "revista objetivo" ou revista meta, método aplicado pela Nacional Science Fundation para mensurar a produção científica. A análise se faz a partir de uma matriz fatorial construída, passando a rede de revistas a ser a unidade de análise para elaboração de indicadores. *"Este método permite representar cartograficamente a*

[56] No entanto, os resultados do estudo –como veremos mais à frente- criaram controversa frente a esta afirmação.

[57] Em 1962, Albornoz conseguiu elaborar um registro das obras escritas em sociologia, em 1987 Castro efetuou uma tarefa similar. Vessuri (1987) tem trabalhando durante as últimas duas décadas no fenômeno das revistas das ciências sociais na Venezuela e países periféricos.

organização dos fluxos de comunicação de um campo(s) do conhecimento(s) dado(s)." (Vessuri, 1997:308).

Este método poderia aplicar-se e ser efetivo se existisse uma base de revistas venezuelanas de padrões compatíveis aos das publicações internacionais. No entanto, para os países da América Latina este método não existe, devido às escassas bases de revistas nacionais de cobertura na região, que tornam-se ínfimas nas bases de dados internacionais. (Vessuri, 1997).

Nosso estudo empregou como unidade de análise os artigos publicados na *Revista de Ciencias Económicas y Sociales*, contudo, não utilizamos a análise fatorial de citações já que nossa prioridade não é mensurar quantitativamente a produtividade na sociologia, mas sim caracterizar o conteúdo da sua produção, para estabelecer os vínculos entre esta e o contexto social. Baseamo-nos no estudo das áreas temáticas desenvolvidas nas ciências sociais através da caracterização do conteúdo dos artigos, mesmo conscientes de que é realmente difícil dissociar do todo áreas estritamente especializadas nesta ciência.

A análise dos dados baseou-se em duas fases. Na primeira fase, construímos uma matriz de dados fundamentada nos artigos das revistas. Somente incluímos aqueles sob o qualificativo de *"Tema Central"* e os pertencentes às seções livres. Posteriormente, contabilizamos os artigos, enumerando-os com o propósito de formar um registro geral dos mesmos e facilitar o conhecimento de sua magnitude numérica, tanto em termos totais, como desagregados por revistas e áreas. Posteriormente, organizamos os dados, para proceder à análise do conteúdo dos artigos e, então, estabelecer categorias de análise[58]. Nas ciências sociais é difícil delimitar campos de estudos, mas na sociologia, parece ainda mais difícil, a razão . A sociologia é uma disciplina "*generalizadora*", sua principal ocupação é a modernidade, ou seja, o caráter e a dinâmica das sociedades modernas ou industrializadas.

[58] Estas categorias de analise, foram construídas a partir dos denominadores comuns que achamos nos artigos. Não foi possível ajustar exatamente estes denominadores a categorias ou indexações já existentes como por exemplo os Tesauros –usados como ferramentas para bibliotecas, centros especializados em informação y documentação e revistas especializadas- que utilizam palavras chaves como descritores de de los resumos.

E ainda mais, divide muitas das suas problemáticas e estratégias metodológicas com todas as outras ciências sociais (Giddens, 1995).

Esta definição é suficiente para manifestarmos que a tarefa de classificar os artigos por temas foi complexa. Após a revisão dos 503 artigos (1958-2000), observamos a existência de temas específicos e outros mais amplos. Construímos, então, um "guia de categorias", vinte ao total (ver apêndice). Cada categoria corresponde às possíveis temáticas que resultam ser os amplos campos de especializações da sociologia, a esta primeira codificação denominamos "Temática 1". Esta classificação refere-se a áreas globais, como: "Análise Econômica", "Análise Sócio-política", "Teoria Social", "Estudos Sociais da Ciência" entre outras.

Posteriormente, realizamos uma segunda classificação, a qual está associada a temáticas mais concretas. Esta "reclassificação" foi chamada "Subtemática", e está referida essencialmente aos aspectos mais concretos da "Temática 1". Assim, encontramos dentro da área "Análise Econômica", subtemáticas como "Petróleo", "Teoria Econômica", "Microeconomia", "América Latina e desenvolvimento", entre outras; e na área de "Análise Sócio-política", subtemáticas como "Sistemas Políticos e Poder", "Movimentos Sociais e Políticos", "Geopolítica e Política Internacional", entre outros.

Uma vez classificados os artigos, procedemos ao processamento dos dados, elaborando tabelas e gráficos para ilustrar os resultados. Os mesmos, além de mostrar os totais de artigos por ano, baseiam-se na classificação das temáticas tratadas em cada um dos cinco períodos da revista. Finalmente, estes dados nos conduziram a uma aproximação da realidade sobre a construção da sociologia durante os últimos anos e as relações estabelecidas entre seus pesquisadores com a mesma ciência.

3.2.1 Periodicidade

O estudo da Revista está associado a sua trajetória no tempo. A primeira edição da *Revista de Ciencias Económicas y Sociales* circulou em setembro do ano 1958. A mesma foi criada

com a intenção de uma periodicidade trimestral, porém a *práxis* mostra-nos outra realidade. A Revista circulou durante os primeiros três anos sob o qualificativo de Primeira Época". O quadro 2 apresenta a distribuição do número de revistas publicadas ao ano e os meses de circulação.

Observa-se que o *primeiro período* –ou primeira época com enuncia a Revista- compreende quatro anos (1958-1961), nos quais foram editadas 12 revistas. Durante este período, mesmo sendo indicada uma periodicidade trimestral, em alguns anos a Revista não conseguiu cumprir com todas as edições.

Quadro 2

REVISTA VENEZOLANA DE CIENCIAS ECONOMICAS Y SOCIALES
Distribuição de Revistas por Ano, classificadas por número e mês
Primeiro Período (1958-1962)

PERÍODO	ANO CALENDARIO	ANO REVISTA	NÚMERO	MÊS
PRIMEIRO	1958	I	1	SET
			2	DEZ
	1959	II	3 e 4	MAR-JUN
			1	SET
	1959 - 1960	III	2-3 e 4	DEZ-JUN
	1960 -1961	IV	1-2 e 3	SET-MAR
	1961		4	JUN
	1962	V	1 e 2	SET-DEZ
			3 e 4	MAR-JUN

Fonte: Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales, anos 1958-1961
Classificação e Cálculos Próprios Y.L.

Esta situação de "periodicidade irregular" repete-se ao longo dos outros períodos. No mês de junho de 1961, edita-se a última revista deste período. Passou mais de um ano para que a revista saísse novamente. Ao final de 1963, no mês de dezembro a capa publicou-se uma revista que apontava em sua capa o inicio da "Segunda Época".

O quadro 3 apresenta este segundo período (1962-1974), com um incremento extraordinário da produção, sendo apresentados um total de 30 revistas distintas. Além de ser o mais extenso, este período caracteriza-se pela apresentação quase ininterrupta das

revistas, exceto em 1966, quando não ocorreu nenhuma publicação nos dos primeiros trimestres, vindo a publicar no fim do ano apenas um número especial.

Um fato importante é que a partir de 1963, a revista começa a circular em universidades internacionais. Esta ação, a princípio, possui um interesse: o de buscar novas fronteiras, ao mesmo tempo que legitima o conhecimento produzido ao nível nacional, através do reconhecimento não somente dos pares da comunidade interna, mas também da comunidade internacional.

Quadro 3

REVISTA VENEZOLANA DE CIENCIAS ECONÓMICAS Y SOCIALES

Distribuição de Revistas por Ano, classificadas por número e mês

Segundo Período (1963-1974)

PERÍODO	ANO CALENDARIO	ANO REVISTA	NÚMERO	MÊS
SEGUNDO	1963	V	1	ENE-MAR
			2	ABR-JUN
			3	JUL-SET
			4	OUT-DEZ
	1964	VI	3	JUL-SET
			4	OUT-DEZ
	1965	VII	1	ENE-MAR
			2	ABR-JUN
			3	JUL-SET
			4	OUT-DEZ
	1966	VIII	Especial	ENE-DEZ
	1967	IX	1	ENE-MAR
			2	ABR-JUN
			3	JUL-SET
			4	OUT-DEZ
	1968	X	1	ENE-MAR
			2	ABR-JUN
			3	JUL-SET
			4	OUT-DEZ
	1969	XI	1	ENE-MAR
			2	ABR-JUN
			3	JUL-SET
			4	OUT-DEZ
	1970	XII	1	ENE-MAR
			2	ABR-JUN
			3	JUL-SET
			4	OUT-DEZ
Não explicita	1972	XIV	Especial	ENE-DEZ
	1973	XV		
	1974	XVI		ENE-JUN

Fonte: Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales, anos 1962-1974

Classificação e Cálculos Próprios Y.L.

Os números das Revistas publicados entre 1972-1974 não foram identificados como pertencentes a uma época, por tanto, devido a proximidade os consideramos como da segunda época. Na realidade, surgem no ano de 1970 os três primeiros números, correspondentes a janeiro-março, abril-junho e julho-setembro. O último número, correspondente a outubro-dezembro, foi publicado em 1972 e não no ano registrado no exemplar. Tal fato indica que não houve edição da revista durante a ano de 1971. A explicação dada em um editorial da própria revista é que tal publicação foi feita com data "atrasada" para manter a seqüência e a ordem referencial da revista.

Nosso estudo revelou que de 1972 a 1974, a revista editou somente um número por cada ano. Nos anos seguintes, de 1975 a 1977, as publicações permaneceram em silencia até 1978, quando a revista inicia seu terceiro período (ver quadro 4). Seria um período curto, não somente pelos três anos compreendidos (1978-1980), senão porque no último ano sua única edição é uma revista em homenagem a uma figura importante das ciências sociais venezuelanas: Max Flores. Esta revista contem 12 artigos, todos de autoria deste importante sociólogo, tendo sido quatro deles já publicados em números anteriores. A primeira metade da década dos anos oitenta permanece sem produção alguma; é só a partir da sua segunda metade que se inicia a denominada quarta época.

Quadro 4

REVISTA VENEZOLANA DE CIENCIAS ECONÓMICAS Y SOCIALES

Distribuição de Revistas por Ano, classificadas por número e mês

Terceiro Período (1978-1980)

PERÍODO	ANO CALENDARIO	ANO REVISTA	NÚMERO	MÊS
TERCEIRO	1978	XXVII	1	JUL-SET
			2	OUT-DEZ
	1979	XXVIII	1	ENE-MAR
			2	ABR-JUN
			3	JUL-SET
			4	OUT-DEZ
	1980	XIX	1 Y 2	ENE-JUN

Fonte: Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales, anos 1989-1989

Classificação e Cálculos Próprios Y.L.

O quadro 5 (p.89) mostra a distribuição da revista durante o quarto período (1986-1989), cujo número total é 7. Este período caracteriza-se pela irregularidade da produção da revista, começando pelo primeiro ano que publica somente no último trimestre. Em 1987, consegue editar as três revistas previstas, porém no ano seguinte não edita a última revista pautada para agosto-dezembro. No ano de 1989, circula apenas um número especial, publicado em dezembro.

Quadro 5

REVISTA VENEZOLANA DE CIENCIAS ECONÓMICAS Y SOCIALES

Distribuição de Revistas por Ano, classificadas por número e mês

Quarto Período (1986-1989)

PERÍODO	ANO CALENDÁRIO	ANO REVISTA	NÚMERO	MÊS
QUARTO	1986	XXV	1	OUT-DEZ
	1987	XXVI	1	JAN-ABR
			2	ABR-JUL
			3	AGO-DEZ
	1988	XXVII	1	JAN-DEZ
			2	ABR-JUL
	1989	XXVIII	Especial	JAN-DEZ

Fonte: Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales, anos 1989-

Classificação e Cálculos Próprios Y.L.

Durante 1990 até 1992, a revista não é editada. Em 1993, ressurge sua publicação –agora sem identificação de período-, sendo que as edições deste ano, como também as do ano seguinte, seriam especiais, circulando apenas um número de janeiro a dezembro. Este foi um período de transição para a revista, tendo sido publicados pouquíssimos artigoscomo veremos adiante. Segundo o prof. Parker[59], *"foi um período de propostas e elaboração de projetos para uma «nova época»"*.

Em 1993, O prof. Dick Parker e o Prof. Carlos Padrón, apresentam uma proposta para a comissão editorial da revista, e em 1994 o projeto é aprovado. A revista passa, então, por uma transformação de fundo, reestruturando desde seu nome até seu conteúdo. A revista adquire um qualificativo que a identifica nacionalmente, passando a titular-se *Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales.* Ao público leitor oferece, além dos artigos que identificam um tema central (em diferentes estilos: monografias, ensaios, acadêmicos),

[59] O Prof. Dick Parker, ex-diretor da revista e autor (juntamente com prof. Carlos Padrón) da nova proposta da Revista apresentada ao Conselho Técnico da mesma, em 1993.

outras seções de *publicações de divulgação,* tais como resenhas de livros, entrevistas escritas, convites a eventos e outros documentos de interesse à comunidade científica.

Um dos principais objetivos desta nova versão eram, segundo prof. Parker, era "*ampliar o leque de temáticas tratadas nos antigos números e evitar a repetição dos artigos*"[60]. Para isto, a revista precisaria, primeiramente, definir um tema central para cada número. Em segundo lugar, definir uma política de publicação, dando maior regularidade à edição de exemplares. E, finalmente, expandir e fazer acessível ao público acadêmico de qualquer nível o conhecimento gerado por um grupo de pesquisadores sociais, através de uma "*linguagem pouco obscura*" [61].

A periodicidade torna-se, então, quatrimestral, tal e como indica o quadro 5, e já não se falava de "épocas", mas sim de volumes. Esta nova periodicidade proporcionou maior tempo para que o comite editor escolhesse o tema central da revista e, conseqüentemente, para que os pesquisadores submetessem seus artigos à publicação.

Quadro 5

REVISTA VENEZOLANA DE CIENCIAS ECONÓMICAS Y
Distribuição de Revistas por Ano, classificadas por número
Quinto Período (1995-2000)

PERÍODO	ANO CALENDÁRIO	VOLUME	NÚMERO	MÊS
QUINTO	1995	1	1	JAN-MAR
			2	ABR-SET
			3	OUT-DEZ
	1996	2	1	JAN-MAR
			2	ABR-SET
			3	OUT-DEZ
	1997	3	1	JAN-MAR
			2	ABR-SET
			3	OUT-DEZ
	1998	4	1	JAN-MAR
			2	ABR-SET
			3	OUT-DEZ
	1999	5	1	JAN-MAR
			2	ABR-SET
			3	OUT-DEZ
	2000	6	1	JAN-MAR
			2	ABR-SET
			3	OUT-DEZ

Fonte: Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales, anos 1995-2000
Classificação e Cálculos Próprios

[60] Esta afirmação foi feita sobre a base de que os artigos, cujo tema central era o Petróleo, levavam à vanguarda (sobre isto, voltaremos mais à frente).
[61] Palavras que, segundo Dirk Parker, caracterizam a linguagem das ciências sociais, em especial a sociologia

Em geral, podemos dizer que não prevaleceu uma regularidade na periodicidade das publicações da revista durantes os três primeiros períodos, não ocorrendo nenhuma publicação em 1971, 1976 e 1977. Assim sendo, nestes períodos, os quatro números propostos no projeto inicial das duas primeiras décadas não foram editados na sua totalidade, tendo sido a revista publicada trimestralmente apenas nos anos de 1963, 1965, 1967-1970 e 1979. Posteriormente, nas últimas duas décadas de estudo, encontramos uma lacuna temporal maior, de 1981 a 1985. As publicações reiniciam-se na segunda metade dos anos oitenta, ainda com pouca produtividade, exceto no ano 1987, que sobe abruptamente de 10 (em 1986) para 33 artigos, distribuídos em três revistas. Em 1990, novamente a revista não circula, reaparecendo somente em 1993, com menos de 10 artigos. E em 1995 inicia-se a nova época que permitira uma maior regularidade da circulação da revista e, em conseqüência, maior oportunidade para a publicação.

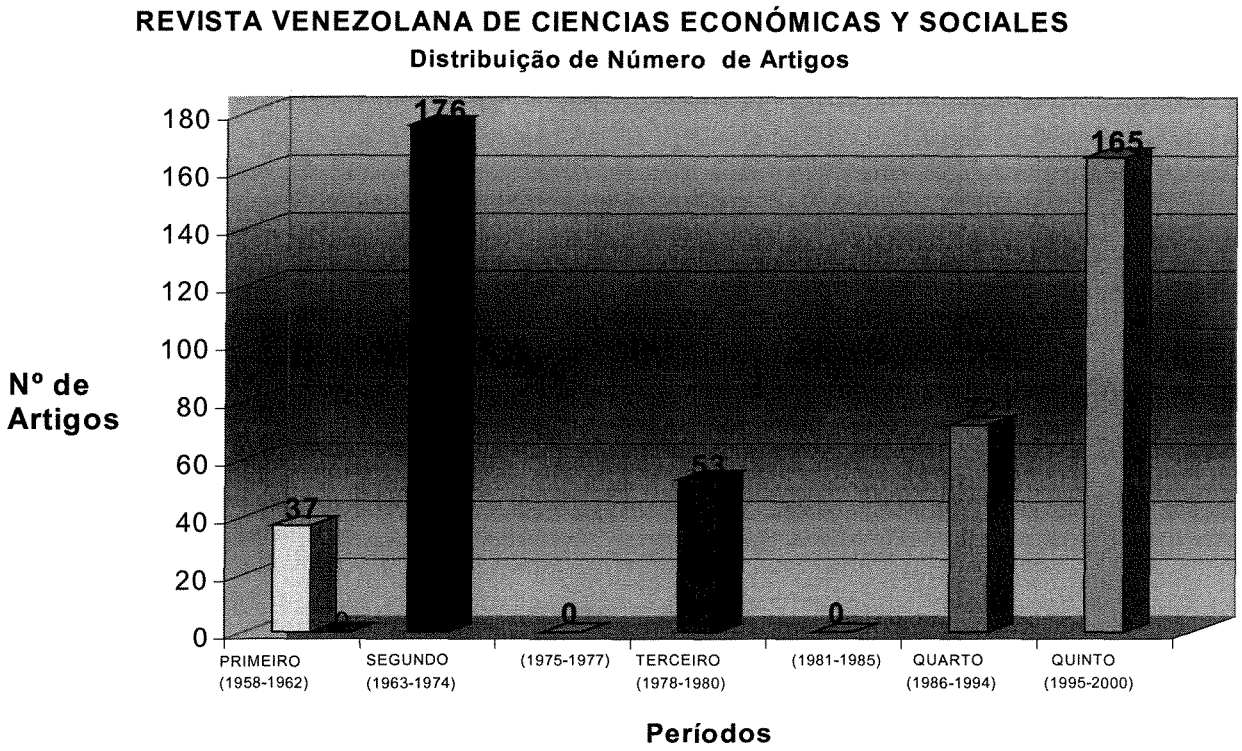
O estudo destas cinco épocas dizem ao respeito da maturidade que a comunidade científica estava tentando alcançar. Independente dos problemas como orçamentos, circulação de volumes, pouca produção, etc.; existiu a perseverança. A continuidade ao longo dos quarenta e dois anos de estudo, são prova, de uma insistente comunidade de cientistas querendo legitimar conhecimento, querendo construir e compartilhar seus interesses, suas "interpretações". A *"Revista de Ciencias Económicas y Sociales"* é produto da junção de esforços, de um *ethos*, onde a institucionalidade, o progresso e/ou crescimento científico têm lugar.

3.2.2 Produtividade

A produção está associada, entre muitos elementos, à periodicidade da revista. A revista estudada apresentou 503 artigos no período de 1958 a 2000. O gráfico 1 (p.92) expõe os artigos distribuídos em cada um dos cinco períodos, considerando também aqueles em que a revista não foi editada. Nos cinco primeiros anos de vida da revista (primeiro período 1958-1962) foram apresentados 37 artigos, 7,36% do total geral. Seguidamente, observamos uma alta porcentagem de artigos publicados durante o segundo período (1963-1974). Durante os anos que compreenderam este período, foram apresentados 176 artigos, ou seja, 34,99% do total de artigos publicados durante o período de estudo. Posteriormente, há um intervalo de três anos, onde não há circulação da revista. O reinício da publicação

marcou novo período, o período "isolado" de 1978 a 1980, apresentando uma produção de 53 artigos, 10,54% do total final. Novamente, outro novo *lapsus,* aguardando, então, cinco anos até a próxima publicação que dera início ao quarto período. Este novo período compreende nove anos e de sua análise resultam 72 artigos, 14,31% do total dos artigos entre 1958 e 2000. Finalmente, o quinto período, iniciado em 1995, com 165 artigos, correspondendo a 32,80% do total apresentado até o ano 2000.

Gráfico 1



Fonte: Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales anos 1958-2000
Classificação e cálculos próprios Y.L.

Concluindo, podemos dizer que há dois grandes períodos nos quais é possível analisar a *Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales*, cada um englobando duas décadas. O primeiro compreende desde o início da revista, de 1958 a 1980, ou seja, o primeiro, segundo e terceiro períodos. E o segundo estágio, de 1986 até o ano 2000, abrangendo o quarto e quinto período. No primeiro estágio, a produtividade eclode devido à continuidade na publicacão dos anos sessenta, já o segundo estágio parece demonstrar uma tendência ao crescimento da publicação durante os últimos anos.

3.2.3 O passo dos anos cinqüenta aos sessenta: A Primeira e Segunda Épocas

3.2.3.1 Primeira Época

Tabela 1

REVISTA VENEZOLANA DE CIENCIAS ECONÓMICAS Y SOCIALES
Distribuição de Artigos Publicados por Área Temática
Primeiro Período (1958-1962)

TEMÁTICAS	ANOS					TOTAL	%
	1958	1959	1960	1961	1962		
ANÁLISE ECONÔMICA	2	5	2	3		12	2,70
ANÁLISE SOCIO-POLÍTICA	3	1				4	2,70
ANTROPOLOGIA			1		1	2	35,14
DEMOGRAFIA E ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL		1	1		1	3	100,00
HISTÓRIA	1			1		2	0,00
MÉTODOS E ESTATÍSTICA					1	1	0,00
QUESTÃO AGRÁRIA	3	2	1	7		13	0,00
TOTAL	**9**	**9**	**5**	**11**	**3**	**37**	**0,00**

Fonte: Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales, anos 1958, 1959, 1960, 1961
Clasificação e Calculos Próprios Y.L.

A primeira época foi constituída pelo período 1958-196. A tabela 1 mostra a distribuição dos artigos da Revista por ano, discriminados por áreas temáticas nas quais estão centrados. Neste lapso registra-se uma produção de 37 artigos, distribuídos em seis áreas distintas. Os temas referidos à "Questão Agrária" e à "Análise Econômica" são os mais tratados, com 13 e 12 artigos, respectivamente. E com menor produção encontram-se outras áreas, como: "Análise Sócio-política", com 4 art., "Demográfica e Estratificação Social" apresentando 3 art. e, finalmente os artigos na área da "Antropologia" e "História" com 2 art. cada uma.

3.2.1.2 Segunda Época

A segunda época inicia-se compreende praticamente toda a década dos anos sessenta (1962-1974). A Tabela 2 (p.94) mostra que, durante estes doze anos de produção, ocorreu um incremento do número total de artigos –a produção é triplicada-, passando de um total de 37 ao final do primeiro periodo para 176 artigos, ao final do segundo período.

Tabela 2

REVISTA VENEZOLANA DE CIENCIAS ECONÓMICAS Y SOCIALES
Distribuição de Artigos Publicados por Área Temática
Segundo Período (1963-1974)

TEMÁTICAS	ANOS												TOTAL	%
	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974		
ANÁLISE ECONÔMICA	9	7	7	5	8	4	7	6		3	5		61	34,66
ANÁLISE SOCIO-POLÍTICA		2	1	3	2	2	5	3			2	10	30	17,05
ANTROPOLOGIA	1	3		1	2	9		14					30	17,05
ESTUDOS SOCIAIS DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA			1										1	0,57
MÉTODOS E ESTATÍSTICA	2		1	2	1	2	3						11	6,25
QUESTÃO AGRÁRIA			1			1							2	1,14
TEORIA SOCIAL		1	1		1			1		1		1	6	3,41
HISTORIA	3		2				1	1					7	3,98
SOCIOLOGIA RURAL E URBANA			1		1								2	1,14
DEMOGRAFIA E ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL	1	3	1	1		1	1	1		1			10	5,68
SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO								1					1	0,57
SOCIOLOGIA DAS ORGANIZAÇÕES			1										1	0,57
TRABALHO, OCUPAÇÃO E EMPREGO	3	1		1	1								6	3,41
GEOGRAFIA		1			1	2	1	2					7	3,98
PSICOSOCIOLOGIA								1					1	0,57
TOTAL	19	18	17	13	17	21	18	30	0	5	7	11	176	**100,00**

Fonte: Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales, anos 1958, 1959, 1960, 1961
Clasificação e Calculos Próprios Y.L.

A Revista apresentava com regularidade três ou quatro números o inio do período, exceto o ano de 1966, que publicou um número extraordinário com 13 art.. A primeira interrupção da revista ocorre, então, em 1971, no seguinte ano, inicia novamente sua publicação, com uma revista contendo 5 artigos. No ano de 1973 apresentam-se 7 art. em uma revista e, em 1974, 11 art., também em uma única revista[63].

Nesta época também ocorre uma ampliação das áreas estudadas por parte dos pesquisadores. Na primeira época trabalhavam-se seis áreas temáticas, as quais se mantêm e, ao final da segunda época, incrementam-se completando um quadro de catorze áreas temáticas. As novas áreas são: "Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia", com 11 art., "Geografia", com 2 art., "História", com 4 art., "Métodos e Estatística", com 7 art., "Psicosociologia",com 2 art., "Sociologia das Organizações", com 1 art. e "Teoria Social", com 6 artigos.

[63] No ano de 1974, publicou-se uma segunda revista que representaria o número três e quatro deste ano. Lamentavelmente não pudemos incluí-la no estudo, devido a que nenhum centro de documentação possuía tal Revista

3.2.3.3 Terceira Época

Observamos na tabela 3, quatro anos sem publicação e é então, a partir deste ano de 1978, que inicia-se a Terceira Época, designada pelo mesmo corpo editor. Este curto período de 1978 a 1980 também apresenta alguns elementos importantes que merecem destaque. Na comparação à década anterior, o reinício da Revista é débil, pois se publicam 2 números no primeiro ano, com 5 art. e o segundo 7 artigos, respetivamente. No ano de 1979, observamos a intenção de cumprir com os quatro números pautados por ano (volver ao quadro 4, p.88). O primeiro (JAN-MAR) e o segundo (ABR-JUN) números deste ano apresentam 5 artigos cada um; o terceiro (JUL-SET) número, 8 artigos e o último (OUT-DEZ), 11 art. –devemos apontar que nesta última revista todos os artigos, exceto um, referem-se à "Antropologia".

No terceiro período observamos a mesma tendência dos anteriores em relação às temáticas abordadas nos artigos publicados. Os temas econômicos (37,74%), políticos (20,75%) e antropológicos (20,75%) ganham terreno sobre as outras temáticas. Algumas das mesmas áreas trabalhadas nos períodos anteriores permanecem, como "Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia" e "Teoria Social" com 3 art. cada uma (5,66%). Apresentam-se também as áreas da "Demografia e Estratificação Social" e "Psicologi a", contando apenas com 1 art. cada uma . A novidade nestes anos é a publicação de dois artigos na área da "Educação", referidos especificamente à educação superior.

Tabela 3

REVISTA VENEZOLANA DE CIENCIAS ECONÓMICAS Y SOCIALES
Distribuição de Artigos Publicados por Área Temática
Terceiro Período (1978-1980)

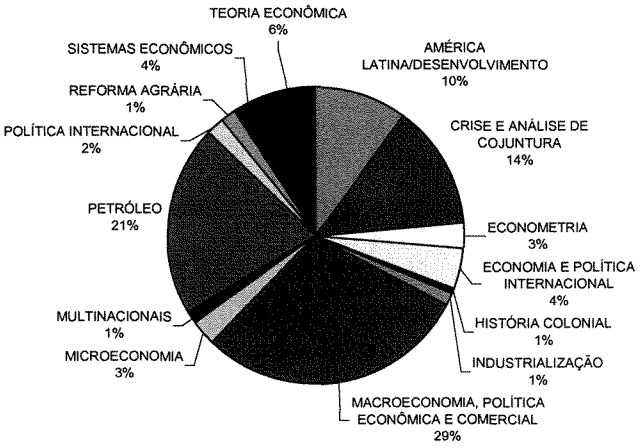
TEMÁTICAS	ANOS						TOTAL	%
				3º período				
	1975	1976	1977	1978	1979	1980		
ANÁLISE ECONÔMICA				6	5	9	20	37,74
ANÁLISE SÓCIO-POLÍTICA				3	7	1	11	20,75
ANTROPOLOGIA					10	1	11	20,75
ESTUDOS SOCIAIS DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA					3		3	5,66
TEORIA SOCIAL					2	1	3	5,66
SOCIOLOGIA RURAL E URBANA				1	1		2	3,77
DEMOGRAFIA E ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL				1			1	1,89
EDUCAÇÃO					1		1	1,89
PSICOSOCIOLOGIA				1			1	1,89
TOTAL	**0**	**0**	**0**	**12**	**29**	**12**	**53**	**100,00**

Fonte: Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales, anos 1978-
Classificação e Cálculos Próprios Y.L.

Analise Econômica

Gráfico 2

REVISTA VENEZOLANA DE CIENCIAS ECONÓMICAS Y SOCIALES
Distribuição de Artigos por Sub-Temática na Área Análise Econômica. (1958-1974)



Fonte: Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales anos 1958-1974
Classificação e cálculos próprios Y.L

No interior destes grandes blocos temáticos, também há uma ampla gama de tópicos, valendo destacar entre eles a diversidade nos temas de economia. O Gráfico 2 mostra a distribuição dos artigos na área "Análise Econômica". Esta área está composta por 13 temas, entre os quais os referidos à "Macroeconomia, Política Econômica" obteve a maior porcentagem de publicação, ou seja, foram apresentados 41 artigos nesta temática. A segunda maior porcentagem apontou para os temas referidos ao Petróleo, com 29 artigos. Estes dois blocos estão presentes em cada uma das revistas durante o período de 1962-1963. Em terceiro lugar estão os temas que analisam os problemas conjunturais da Venezuela durante as décadas de sessenta e setenta. Esta área, que chamamos "Crise e Análise de Conjuntura", apresenta 19 artigos entre os anos 1964 e 1968.

Ocupando o quarto bloco mais desenvolvido dentro dos temas da economia estão os referidos à América Latina à Dependência e/ou Subdesenvolvimento. No ano de 1963, a *Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales* publica pela primeira vez na América Latina um ensaio inspirado pelo Professor Mieres e escrito pelos Professores Armando Córdoba e Héctor Silva Michelena, todos figuras importantes das Ciências Sociais Venezuelanas. Este artigo trata do que anos mais tarde se chamou Teoria da Dependência, havendo então um grande impacto causado pela FACES da UCV nas Ciências Sociais na América Latina. Este fato foi seguido pelo Congreso de la Asociación Latino Americana de Sociología desde 1963 até 1969. A partir deste ano, os temas aqui referidos começam a ser trabalhados com maior freqüência na revista.

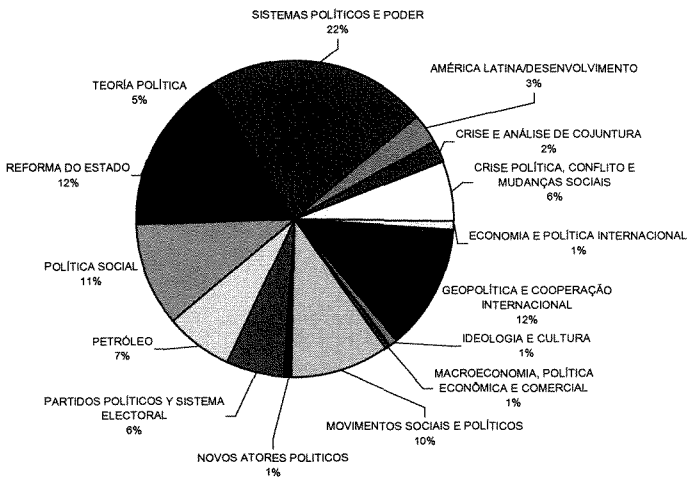
As outras subtemáticas referidas à "Teoria Econômica", "Política Internacional" e avaliação de "Sistemas Econômicos", "Microeconomia" e "Econometria" aparecem com menor assiduidade. É importante assinalar que a quantidade de artigos referidos à "Questão Agrária" diminui consideravalmente. No primeiro período, esta subtemática constituía uma categoria de análise devido à diversidade de temas referidos aos problemas da propriedade territorial. Neste segundo período a inserimos dentro da categoria de "Análise Econômica", devido ao enfoque dado pelos dois únicos artigos que apareceram nas revistas de 1962-1974.

Análise Sócio-política

Gráfico 3

Esta categoria de análise está dividida em 9 subtemáticas distintas (Gráfico 3), destacando-se "Sistemas Político e Poder" pelo maior número de artigos publicados durante o segundo período. Os anos sessenta sofreram múltiplas mudanças na esfera sócio-política. Em meados desta década, começam a surgir temas que tratavam dos "Movimentos Sociais e Políticos" e das "Políticas Públicas" e, a seu final, já se desenvolviam debates sobre a "Reforma do Estado". Observamos que, da mesma forma que são tratados na "Análise Econômica", os temas sobre "Petróleo" também foram considerados dentro do âmbito político, além do que encontramos neste período artigos em referência à América Latina e à problemática da dependência. Estes temas também aparecem estudados quase no fim do período, de 1969 adiante.

REVISTA VENEZOLANA DE CIENCIAS ECONÓMICAS Y SOCIALES
Distribuição de Artigos por Sub-Temática na Área Análise Sócio-política
(1958-1974)



Fonte: Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales anos 1958-1974
Classificação e cálculos próprios Y.L

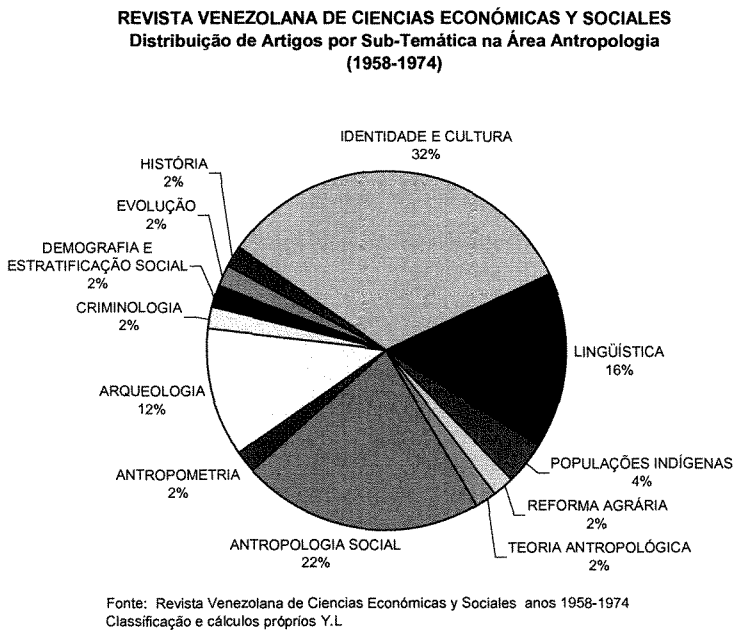
Durante o segundo período da revista, esta área de Análise Sócio-política estuda tanto a realidade nacional quanto a internacional. Observando a tabela 2 (pág.94), verificamos que

no ano de 1974 publica-se um considerável número de artigos, em parte, devido ao tema central da única revista publicada neste ano: "Chile Vencerá".

Como no período anterior, a área de "Análise Econômica" destaca-se com 37,89% da produção. Em níveis significativos sobressaem-se as áreas de "Análise Sócio-política", com 14% e "Antropologia", com 15%. Entretanto, os temas da "Questão Agrária", tratados pelo menos uma vez ao ano, terminam o período com 8 artigos. É interessante observar que os temas referentes à "Sociologia da Ciência e Tecnologia" são freqüentes ao longo do período.

Antropologia

Gráfico 4



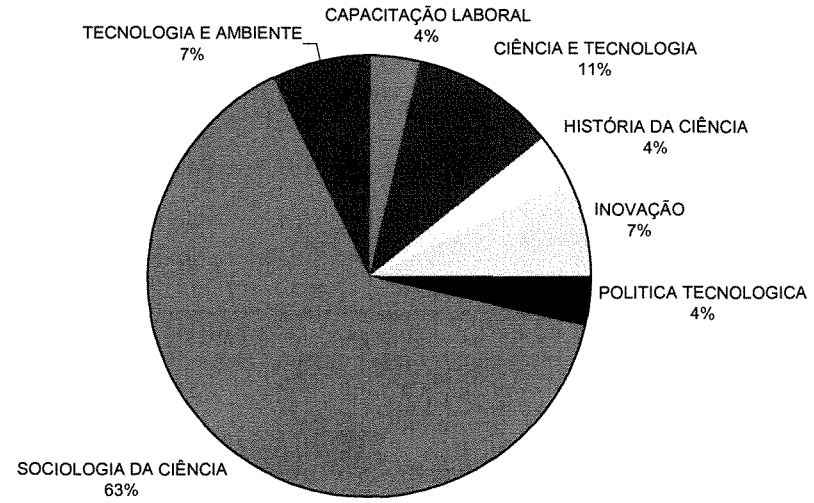
Fonte: Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales anos 1958-1974
Classificação e cálculos próprios Y.L

O período compreendido de 1963 até 1974 apresenta uma grande porcentagem de artigos referidos à área da "Antropologia", 16% do total de artigos apresentados (Gráfico 4). Como observamos na tabela 2, esta tem sido uma área tratada com freqüência até os anos setenta, tanto quanto "Análise Econômica" e "Análise Sócio-política". Durante este tempo, os temas referidos à "Antropologia Social" foram os mais trabalhados, sobretudo encontramos que a maioria dos artigos estavam relacionadas aos problemas do desenvolvimento regionais (da Venezuela). Verificamos também uma porcentagem importante de artigos referidos à própria "Identidade e Cultura", com muitos tópicos sobre as comunidades indígenas. Seguidamente encontramos que os cientistas também se interessaram por escrever sobre a "Lingüística", "Arqueologia" e "Populações indígenas".

Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia

Gráfico 5

REVISTA VENEZOLANA DE CIENCIAS ECONÓMICAS Y SOCIALES
Distribuição de Artigos por Sub-Temática na Área Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia. (1958-1974)



Fonte: Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales anos 1958-1974
Classificação e cálculos próprios Y.L

Os Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia compreendem uma variedade de temas genéricos e, através do seu estudo, observamos como estes temas são tratados pelos cientistas sociais venezuelanos. Todavia, durante o segundo período da revista, especificamente no intervalo 1963-1969, foram apresentados apenas temas da "Sociologia da Ciência", sendo que apenas um artigo tratou da "Inovação Tecnológica" (1966), com enfoque específico no progresso tecnológico.

Em síntese, este primeiro estágio da *Revista de Ciencias Económicas y Sociales*, formado por três épocas, apontou a um grande interesse dos cientistas sociais no uso deste espaço para a publicação dos seus estudos. As três épocas contidas neste primeiro grande estadio, se caracteriza-se pela continuidade da circulação da revista e alta produção de artigos. Em geral, estes períodos têm uma primeira tendência ao tramento das temáticas de "Análise Econômica", "Análise Política" e "Antropologia"; e uma segunda, às temáticas dos "Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia", "Metodologia e Estatística" e "Teoria Social"e "Questão Agraria".

3.2.4 A nova Fase: Quarta e Quinta Época

3.2.4.1 Quarta Época

Iniciada a década dos oitenta, houve um *lapsus* na circulação da revista, o qual permaneceu até 1985. É precisamente nesta ano que se inicia o segundo grande bloco de produção na *Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales*, que abrange a segunda metade dos anos oitenta e toda a década dos noventa. Este estágio compreende, como vimos anteriormente, a quarta e quinta época. A primeira inicia-se no ano 1985 perdurando até 1994, com dois de improdutividade (1991-1992).

Tabela 4

REVISTA VENEZOLANA DE CIENCIAS ECONÓMICAS Y SOCIALES
Distribuição de Artigos Publicados por Área Temática
Quarto Período (1986-1994)

TEMÁTICAS	ANOS					4 Época									TOTAL	%
	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994		
ANÁLISE ECONÔMICA						1	5	2	6				1	3	18	25,00
ANÁLISE SOCIO-POLÍTICA						3	11	5					1	4	24	33,33
ANTROPOLOGIA						3	2								5	6,94
EDUCAÇÃO						1	1	2							4	5,56
ESTUDOS SOCIAIS DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA						1	11								12	16,67
GENERO													1		1	1,39
GLOBALIZAÇÃO													1		1	1,39
MÉTODOS E ESTATÍSTICA								1					1		2	2,78
SOCIOLOGIA URBANA							1								1	1,39
TEORIA SOCIAL						1							1		2	2,78
TRABALHO, OCUPAÇÃO E EMPREGO							2								2	2,78
TOTAL GENERAL	0	0	0	0	0	10	33	10	6	0	0	0	6	7	72	100,00

Fonte: Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales, anos 1986-1989, 1993, 1994
Clasificação e Calculos Próprios Y.L.

A tabela 4 expõe a distribuição dos artigos no decorrer deste pequeno período da década de oitenta, evidenciando uma variação na apresentação dos artigos. Resulta difícil indicar alguma tendênciaS porque os dados estão muito dispersos. A tabela 4 ilustra que a década de oitenta e alguns anos da década dos noventa encerra-se com 72 art., distribuídos em uma revista por ano, com exceção de 1987, ano em que foram publicadas três revistas. O primeiro número deste ano contem 9 art., o segundo 11 e o último 13, uma média aproximada de 10 art. por revista, durante este ano.

Demonstra-se, na tabela 4 que as tendências temáticas são mantidas, quase sem nenhuma variação. Novamente as áreas de "Análise Sócio-política", com 24 artigos, "Análise Econômica", com 18 artigos e "Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia", com 12 artigos, permanecem como as principais áreas de trabalho. Seguidamente, "Antropologia" e

"Métodos e Estatística" que mesmo sem apresentar consideráveis quantidades de artigos, continuam sendo tratadas. As novidades do período são as áreas de "Gênero" e "Globalização", contribuindo somente com um artígo cada uma.

3.2.4.2 Quinto Período

Depois de 1989, um novo período de adormecimento sucedeu-se até o começo da década de noventa. No fim do ano de 1992, a revista reaparece; uma edição de apenas 6 artigos e sem identificação de período. O mesmo ocorreu no ano seguinte; somente uma revista editada com 7 artigos, indicando que a tendência letárgica dos anos oitenta seria mantida. Estes dois anos foram de transição para a revista, quando um novo projeto foi estudado, objetivando alterações na pauta de publicação da revista, tanto quanto em sua estrutura e conteúdo. Assim, ao final do primeiro trimestre de 1995, surge a primeira revista do quinto período. Contudo, a revista já não indica mais "épocas", está agora regida por volumes, datando o seu primeiro volume do próprio ano de 1995.

Tabela 5

REVISTA VENEZOLANA DE CIENCIAS ECONÓMICAS Y SOCIALES
Distribuição de Artigos Publicados por Área Temática
Quinto Período (1995-2000)

TEMATICAS	ANOS										TOTAL	%
	1991	1992	1993	1994	1995	5ª Época 1995	1996	1997	1998	1999	2000		
ANÁLISE ECONÔMICA						5	7	4	6		7	29	17,58
ANÁLISE SOCIO-POLÍTICA						15	11	6	12	11	8	63	38,18
ANTROPOLOGIA						2					2	4	2,42
CRIMINOLOGIA E VIOLENCIA								6				6	3,64
DEMOGRAFIA E ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL									1			1	0,61
EDUCAÇÃO									2			2	1,21
ESTUDOS SOCIAIS DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA							1				1	2	1,21
GENERO						1					2	3	1,82
GLOBALIZAÇÃO							3		1	3		7	4,24
HISTORIA									1	3		4	2,42
MÉTODOS E ESTATÍSTICA						1	1		2	1	1	6	3,64
PLANIFICAÇÃO							2	4				6	3,64
POBREZA											1	1	0,61
PSICOSOCIOLOGIA							1			3		4	2,42
SOCIOECOLOGIA						1		1	1		1	4	2,42
SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO										4		4	2,42
SOCIOLOGIA DAS ORGANIZAÇÕES								1				1	0,61
SOCIOLOGIA URBANA								3				3	1,82
TEORIA SOCIAL						2	2	4			5	13	7,88
TRABALHO, OCUPAÇÃO E EMPREGO										1	1	2	1,21
TOTAL GENERAL	0	0	0	0	0	27	28	29	26	26	29	165	100,00

Fonte: Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales, anos 1995-2000
Clasificação e Calculos Próprios Y.L.

A tabela 5 mostra que, desde 1995 até o ano 2000, a revista apresentou 165 artigos, produção um pouco menor que a do segundo período (1958-1972). Verificamos um

incremento superior a quatro vezes a quantidade de artigos divulgados nos anos oitenta, tendência que se mantém até o final do período em estudo. Este considerável aumento, evidenciado na segunda metade da década, obedece, a princípio, à nova política de edição da revista, ou seja, ao fato da publicação cumprir os números pautados por ano. Na nova época, a periodicidade da revista passa a ser quadrimestral, sendo a primeira revista publicada entre janeiro-março, a segunda entre abril-setembro e a última entre outubro-dezembro (ver quadro 5, p. 90). Em um plano mais amplo, trata-se de um processo de amadurecimento da organização da comunidade científica, na "reconstituição" de um espaço para a publicação.

Durante o primeiro trimestre de cada ano (janeiro-março) foram publicados entre 8 e 10 artigos. No segundo período, sempre o maior em tempo, registram-se de 10 a 13 artigos. Finalmente, no último trimestre, encontramos entre 8 e 10 artigos. Mesmo assim, podemos dizer que as publicações, a partir do ano 95, oscilam entre 8 e 12 artigos por revista, mantendo-se assim até hoje.

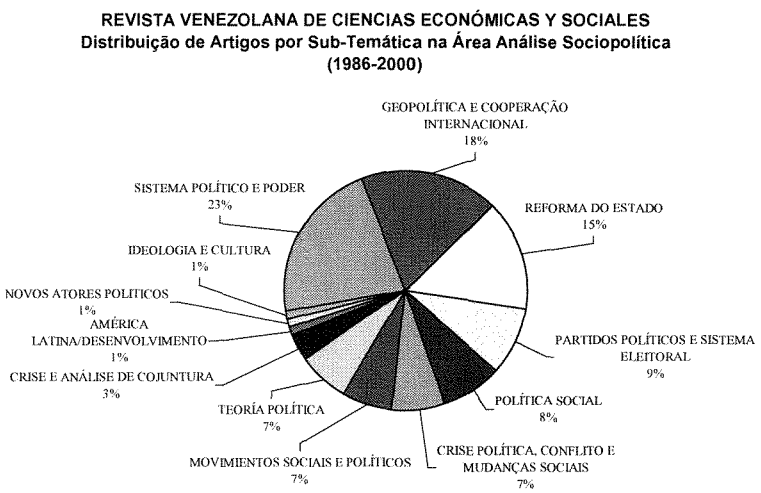
A tabela 5 apresenta também a distribuição dos artigos por temáticas. Novamente, a tendência temática de todos os períodos anteriores é mantida, diferenciando-se apenas pela variação da porcentagem das mesmas. Tal como nas anteriores décadas, os anos noventa apressentam um grande interesse nos temas de econômicos e políticos, só que os políticos superam os econômicos, por uma alta porcentagem de artigos. Até agora observamos que existe dentro do leque de temas da revista, um lugar importante para as duas grandes áreas, "Análise Sóciopolítica" e "Análise Econômica". A preponderância de temas nesta área pontualiza de alguma maneira que os interesses da comunidade científico-social estão focados principalmente ao tratamento de problemáticas locais. Estes resultados também foram constatados na pesquisa de Lobo (1999) no trabalho sobre os congressos de sociologia na Venezuela durante o periodo 1980-1997. Os *papers* enviados aos eventos (319 classificados em 24 categorias diferentes), apresentaram uma tendência à análise econômica, 10,57% e a analise sócio-político 17,53% no periodo de estudo.

A "Teoria Social", conjuntamente com "Métodos e Estatística" e "Antropologia", continuam sendo tratadas com freqüência. Como novidade as áreas de "Criminologia e violência" com 6 artigos, tratada como categoria principal somente em 1997, "Planificação" com 6 artigos e "Socioecologia", com 4 artigos.

Análise Sócio-política

Grafico 6

Ao longo do quarto e quinto períodos, a Análise Sócio-política aparece tratada em todas as revistas, (exceto em 1989), cada ano com significativo número de artigos que completam, ao final do ano 2000, 89 artigos.



Fonte: Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales anos 1986-1989 e 1993-2000
Classificação e cálculos próprios Y.L

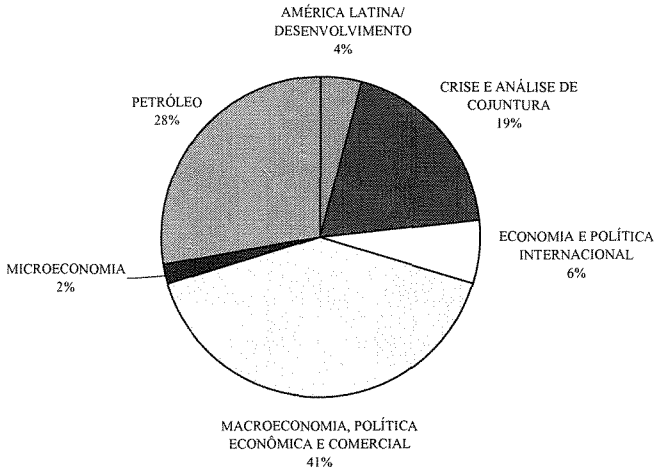
O campo da política na revista é tão amplo que dividimos os temas em 12 subtemáticas distintas, tal como ilustra o gráfico 6. No entanto, algumas subtemáticas conseguem alcançar uma maior porcentagem dentro da área, destacando-se: "Sistema Político e Poder", "Geopolítica e Cooperação Internacional", e "Reforma do Estado" com a maioria dos artigos. Em seguida encontramos "Partidos Políticos e Sistema Eleitoral", "Política Social" e "Crise Política, Conflito e Mudanças Sociais", "Movimentos sociais e Políticos" e "Teoria Política", ainda com menores porcentagens, mas também relevantes.

Note-se que os temas sobre "América Latina e Poder" se reduzem, depois de representar o 10% no primeiro grande estagio (1958-1980), aqui só contem um 1%. Isto não significa exatamente que os temas desta sub-área deixaram ser interesse, mas sem que existe uma incorporação desta temática com outras, com por exemplo "Geopolítica e Cooperação Internacional" , "Crise e análise de cojuntura", etc..

Análise Econômica

Gráfico 7

REVISTA VENEZOLANA DE CIENCIAS ECONÓMICAS Y SOCIALES
Distribuição de Artigos por Sub-Temática na Área Análise Econômica (1986-2000)



Fonte: Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales anos 1995-2000
Classificação e cálculos próprios Y.L

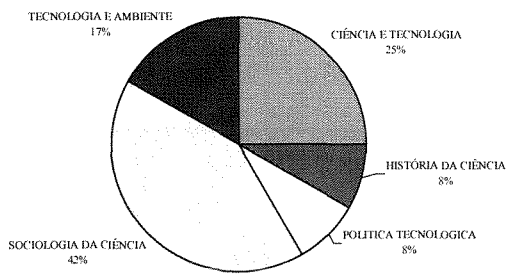
Os artigos que correspondem a esta área temática aparecem tratados em doze das 24 revistas do segundo grande estágio, 1986-2000 (Gráfico 6). Nesta segunda área mais trabalhada durante a existência da revista, os cientistas sociais têm estudado pelo menos 6 subtemáticas distintas. Assim, encontramos os artigos sobre "Macroeconomia, Política Econômica e Comercial" representando aproximadamente 41% do total de artigos das duas últimas décadas (237art. em total). Da mesma forma que nas duas primeiras décadas, os temas referidos ao Petróleo ressaltam-se com 28% dos artigos publicados.

Em terceiro lugar, com 20% dos artigos deste grupo, verificamos os temas referidos à problemática econômica atual, a maioria deles contidos na área "Crise e Análise de Cojuntura", com 19 artigos.

Os Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia

Gráfico 8

REVISTA VENEZOLANA DE CIENCIAS ECONÓMICAS Y SOCIALES
Distribuição de Artigos por Sub-Temática na Área Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia. (1986-2000)



Fonte: Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales anos 1986-1989 e 1993-2000
Classificação e cálculos próprios Y.L

Os Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia, em geral, têm sido pouco tratados nesta revista. De um total de 24 revistas, apenas 4 números incluem estes temas (Gráfico7). No entanto, a vantajosa porcentajem neste segundo estagio, frente às outras temáticas explica-se em razão de uma publicação em 1987,

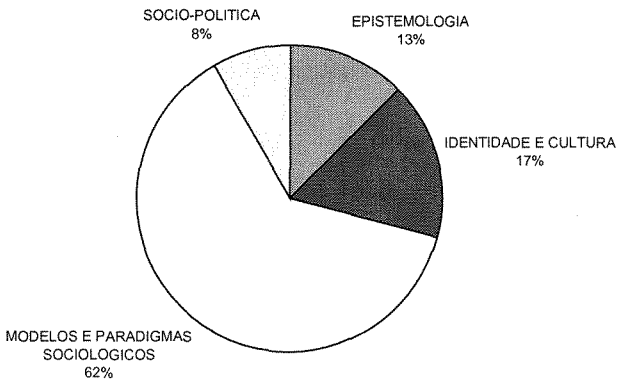
dedicada exclusivamente à área, onde encontram-se 11 artigos.

A maior parte dos temas estão orientados à área de "Sociologia da Ciência", representando 42%. Aqueles que se referem à "Ciência e Tecnologia" (orientados à inovação, indústria, etc) ocupam o segundo lugar com 25%, e os relacionados à "Tecnologia e Ambiente" (desenvolvimento sustentável) representam 17%. Finalmente, uma área de muita importância nos ESC&T: "Política de C&T", tem apenas 8%, porcentagem pouco representativa, equivalente a somente um artigo.

Teoria Social

Gráfico 9

REVISTA VENEZOLANA DE CIENCIAS ECONÓMICAS Y SOCIALES
Distribuição de Artigos por Sub-Temática na Área Teoria Social
(1986-2000)



Fonte: Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales anos 1986-1989 e 1993-2000
Classificação e cálculos próprios Y.L

Esta temática é de grande importância para a revista por constituir uma área central de discussão nas Ciencias Sociais, especificamente dentro da Sociologia. Todavia, foi possível reconhecer, entre 1986-2000, que a Teoria Social está presente, já que forma publicados artigos em seis das vinte e quatro revistas pertencente a este segundo estagio.

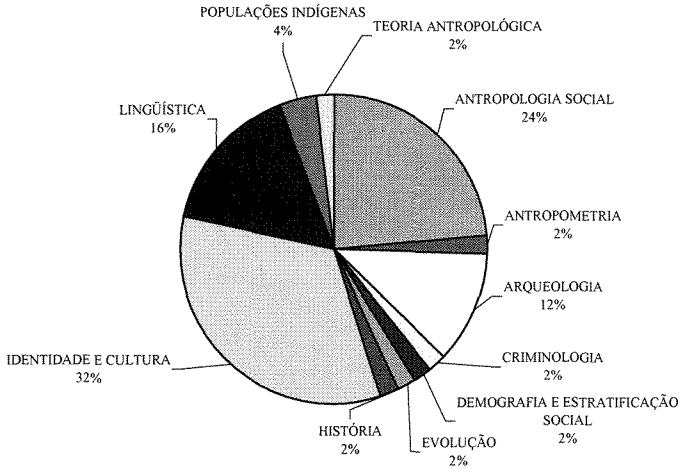
Quanto ao conteúdo, são quatro as subtemáticas contidas na área (Gráfico 8). A de maior tratamento é "Modelos e/o Paradigmas Teóricos", com 47%, constituindo a coluna vertebral do debate teórico social. Posteriormente, encontramos outros temas mais específicos, "Identidade e Cultura", com 25%, "Epistemología", com 15% e Sócio-Política, com 15%.

Antropologia

Desde o início da revista, esta área desenvolveu uma grande trajetória. Durante o primerio estágio da revista, a Antropologia foi uma das áreas mais tratadas e, logo neste segundo estágio, também destaca-se com um consideravel número de artigos (ver tabela 5y6, pp.

Gráfico 10

Distribuição de Artigos por Sub-Temática na Área ANTROPOLOGIA (1986-2000)



Fonte: Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales anos 1986-1989 e 1993-2000
Classificação e cálculos próprios Y.L

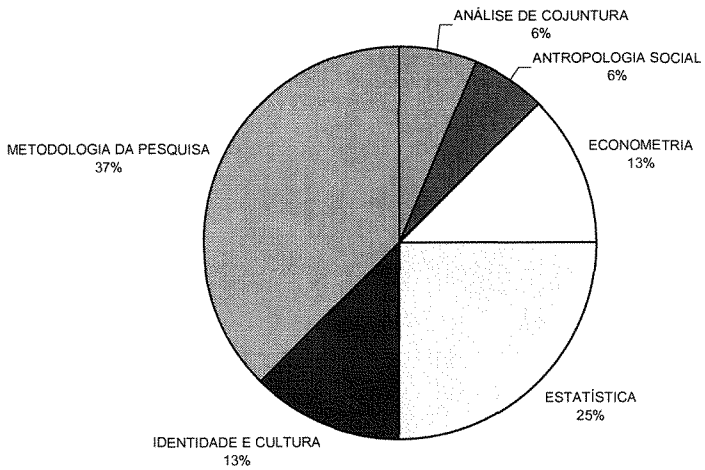
100 e 101 respetivamente). Ao registrar o número de artigos referentes a esta área, notamos que os mesmos estão classificados em 5 subtemas distintos (gráfico 10), entre os quais destacam-se: "Identidade e Cultura", com 45% dos trabalhos e "Antropologia Social", com 22%. Com menor porcentagem aparecem os temas de "História", "Questão Agrária" e "Lingüística",11% dos artigos da área.

Métodos e Estatísticas

Esta área é também importante no amplo leque das discussões das ciencias sociais. A revista dedicou-lhe 3,38% Tal porcentagem não parece representativa, entretanto, observando a tabela 5 (p.101), percebemos sua assiduidade, representada por pelo menos em um artigo ao ano.

Gráfico 11

REVISTA VENEZOLANA DE CIENCIAS ECONÓMICAS Y SOCIALES
Distribuição de Artigos por Sub-Temática na Métodos e Estatística (1986-2000)



Fonte: Revista Venezolana de Ciencias Económicas y Sociales anos 1958-1974
Classificação e cálculos próprios Y.L

Nesta área destacam-se três subtemáticas. Uma delas dedicada ao debate dos métodos aplicados nas ciências sociais, temas que agrupamos sob o substantivo de *Reflexões nos métodos*. Os temas orientados *strictu senso* a proporcionar informação sobre como estudar alguns temas são agrupados na subcategoria

Métodos e Técnicas de pesquisa. Finalmente, encontramos outros dois temas referidos às técnicas de medição na economia, incluídos na a subcategoria *Econometria.*

Em síntese, ao longo da primeira década (1980) é evidente a pouca produtividade da revista, nula durante os primeiros anos e muito baixa a partir de 1986 se comparada com a chamada década dourada da revista –anos sessenta. Consideramos ter havido uma espécie de "letargia" na produção científico-social da UCV dos anos oitenta, depressão também observada em outros espaços de interação da comunidade científica, como nas reuniões científicas da área sociológica. Em 1999, Lobo apresentou um trabalho comparativo entre *"Congresos de Sociologia y Antropologia da Venezuela"* e *"Las Convenciones para el Avance de la Ciência"(AsoVAC)*, correspondentes à mesma época. Evidenciou-se que, durante a década de oitenta, foram realizados unicamente dois congressos de sociologia, um em 1981-1982, e o seguinte congresso, em 1993. O grau de maturidade da ciência venezuelana, sobretudo das ciências sociais, reflete-se na pouca organização da comunidade científica, gerando, assim, conseqüências na continuidade ou na regularidade de espaços *de* e *para* a ciência.

3.3 A CIÊNCIA CONTEXTUALIZADA. O PORQUÊ DAS TEMÁTICAS.

Pareceria óbvio falar sobre a construção sociocultural da sociologia, da economia ou da antropologia, depois de todas estas diferentes perspectivas, onde "o social" constitui o campo de estudos das ciências sociais. Naõ obstante, esta pesquisa busca definir quais são os vínculos estabelecidos entre o contexto sociocultural e a atividade científica da sociologia, neste caso sua produção. O estudo dos interesses plasmados pelos cientistas nos artigos da revista evidenciam, ao nosso entender, elementos que servem à construção da sociologia venezuelana, sobretudo porque estas publicações "nos dizem" de que forma e sobre quais enfoques esta ciência evolui.

Toda a análise anterior diz respeito ao "estado da arte" da sociologia no tempo e aos diversos interesses que têm-se ocupado os cientistas sociais durante as últimas quatro décadas. Esta mesma diversidade refletida nos artigos coloca uma questão importante a ser ressaltada, refere-se essencialmente à "mistura" de temas. Ao longo dos capítulos

observamos uma "inter-conexão" entre os temas dos artigos, permitindo-nos definir áreas macro e micro para a classificação dos artigos. É esta mesma combinação de temas que proporciona a vinculação dos diferentes elementos do contexto e da própria ciência para explicar o porquê das tendências temáticas antes expostas.

A Questão Agrária e Petróleo

A tendência dos pesquisadores aos temas agrários baseia-se, fundamentalmente, na discussão da reforma agrária e do impacto que para a economia constituía a tenência da terra. Os artigos referidos à área econômica possuem um leque mais amplo de temas, como: Petróleo, Macro e Microeconomia, Teoria Econômica, Política Econômica e Internacional e, também importantes, temas sobre "subdesenvolvimento", estritamente focalizados na América Latina. O que tentamos explicar é que a produção social venezuelana –na revista- revela a "sintonia" existente entre a esfera social e a esfera científica durante as quatro décadas de sua existência, mais especificamente durante o período 1958-1980.

O desenvolvimento das explorações petroleiras, ao contrário de liquidar, fortaleceu o latifúndio e a propriedade territorial, tal como ocorreu no fim do século XIX; todos integrando-se em uma unidade econômica de exploração. As empresas petroleiras controlaram grandes extensões das melhores terras de cultivo e produção agrícola, bem como terras comuns indígenas, transformando-as em zonas de exploração e reservas petrolíferas. A produção agropecuária debilitou-se, por conseguinte, marcando a saída da economia baseada em café e cacau e a entrada da economia minério-extrativista, produzida em larga escala, fortalecendo a dependência dos monopólios internacionais, sobretudo o norte-americano, localizado desde o segundo quarto do século XX na Venezuela.

Este complexo cenário converteu-se no foco de análise dos pesquisadores venezuelanos, interesse este que trasladaram ao âmbito da análise científica e, em conseqüência, ao espaço de difusão que outorga a *Revista de Ciencias Económicas y Sociales*. Este traslado das "inquietudes contextuais" ao plano científico, própria das ciências sociais, demonstra, que quando os países apresentam tanto uma realidade social diferenciada quanto uma interpretação simbólica da mesma, podem oferecer uma reflexão sociológica diversificada.

A Política e a Teoria Social

No marco da revolução cubana -ao nível internacional- e dos resultados eleitorais nacionais que colocavam no poder Rômulo Betancourt, em 1959, mesmo com uma forte oposição do partido comunista, inicia-se uma ampla luta armada na sociedade venezuelana, que perdurou até o princípio da Presidência do Dr. Rafael Caldera (1969-1974).

Nesta ocasião, a FACES da UCV converteu-se em um centro de debates em torno da realidade nacional e internacional, em pleno uso de sua autonomia[64]. Isto explica o interesse das subtemáticas "Partidos Políticos e Poder" e "Movimentos Sociais e Políticos" no primeiro estágio da revista 1958-1980, e mais enfaticamente ao final dos anos sessenta. A crítica apoderou-se do discurso da academia e, impulsionados por este "clima", os pesquisadores retomaram as leituras sobre o Marxismo, desta vez sob uma perspectiva distinta a dos anos trinta. Nestes anos, o Marxismo permaneceu como uma prática política, mantendo-se fora do mundo acadêmico. O produto deste retorno à leitura dos clássicos, da introdução do marxismo nas universidades –condicionado pelo marco contextual tanto nacional, quanto internacional-, estão evidenciados em "todos" os temas referidos à área de "Teoria Social" e da subtemática "Modelos e Paradigmas Sociológicos" do primeiro grande bloco produção sociológica.

É interessante destacar que muitos dos trabalhos são análises da obra de Marx, revisões conceituais e comparações com o modelo Funcionalista –modelo profissional implantado desde a criação da Escola de Sociologia-, em constante mutação desde o início dos anos cinqüenta. Mais interessante ainda é que a análise dos problemas objetivos da realidade venezuelana não se impregnaram deste conteúdo político e ideológico que privilegiou o Marxismo como paradigma, mas sim da análise empirista que caracterizava o modelo norte-americano já assimilado pela geração de cientistas sociais da época.

O exposto revela, então, que ainda exista um translado ou uma correspondência entre o conhecimento, os fatores sociais e a cultura, os quais funcionam como determinantes, mas nem sempre "exclusivos", da atividade científica. Neste caso, podemos dizer que a

[64] Autonomia que tinha sido concedida graças à promulgação da "Lei de Universidades", em 5 de dezembro de 1958.

sociologia, em seu duplo papel intelectual, interessa-se por um lado pelo debate social e por compreender os processos socio-culturais, proporcionando-lhes possíveis saídas; e concomitantemente ocupa-se de seu lado científico, que é em grade parte a produção de conhecimento da teoria sociológica.

América Latina e a Teoria da Dependência

A FACES "desperta de um letargo" com a produção na *"Revista de Ciencia Económicas y Sociales"* nos anos sessenta, e é de se ressaltar que em 1963 ocorre um fato sem precedentes na história da produção escrita latino-americana: surge, pela primeira vez, um ensaio inspirado pelo Prof. Francisco Mieres e escrito pelos professores Armando Cordoba e Hector Silva Michelena, sobre o que se chamou mais tarde Teoria da Dependência. Este fato abalou as Ciências Sociais na América Latina, fazendo com que a FACES irrompesse na região com extraordinária força. O Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia estudou o segmento de 1963 até 1969, antecedendo a publicação do livro de Fernando Henrique Cardoso "Dependência e Desenvolvimento na América Latina" (Silva Michelena, 1998). Estes autores realizaram uma classificação das formas de dependência, conhecido como Modelo de Cordoba e, conjuntamente, organizaram um livro com os artigos que tratavam deste tema.

A partir de 1963, evidencia-se uma considerável produção de artigos de temas referidos à análise da problemática do desenvolvimento do capitalismo, da integração da região e dos efeitos da política norte-americana na América Latina. A teoria da dependência assume-se, então, como explicação da relações externas, não apenas da Venezuela, como também de todos os países da América Latina. A importância dos temas da dependência em geral, carateriza a sociologia latinoamericana. Segundo um estudo que Infestas e Lambea (1997) fizeram sobre os interesses da sociologia atual, baseados no marco do XII Congresso Mundial da Sociología, em Madrid, os países latinoamericanos mostraram uma tendência ao tratamento das "mudanças", sobretudo no aspecto político e econômico, mais concretamente no tratamento dos temas da dependência que caracteriza América Latina.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

A decisiva influência tanto do contexto nacional quanto internacional manifesta-se na situação de crise político-econômica que ciclicamente, tem atravessado a América Latina e que faz parte do dia-a-dia do debate social. Em conseqüência, tal situação permitiu a criação de uma "tradição" de trabalhos, na área das ciências sociais, encaminhados ao tratamento dessas temáticas. Esta tradição encontra maior acolhida durante e depois dos anos sessenta, com temas voltados para o "dependentismo" e todo o simbolismo que trouxe o apego aos temas do subdesenvolvimento, no marco da economia e política da América Latina, deixando uma forte influência na memória de quem trabalha com Ciências Sociais.
É nítido que estes interesses conjugam-se com outras áreas, mais "abstratas", do pensamento científico-social, como as referidas à discussão sobre os Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia, da Teoria Social e Métodos e Técnicas de Pesquisa. Tal expansão demonstra a preocupação dos autores pelo crescimento da área das Ciências Sociais como ciência, especialmente por lhe outorgar um *status* frente às outras ciências.

Outro grupo de temas abordados alude também à preocupação dos pesquisadores pelo âmbito regional e/o local. Neste conjunto incluem-se os temas referidos ao fenômeno da "Globalização", remetendo-nos a diferentes problemáticas, como Identidade e Cultura, Petróleo, Economia e Política Internacional. Neste segmento também está a "Educação" como tema, em cujo centro encontra-se a discussão sobre Educação Superior.

O exposto é somente uma dedução, uma síntese que finaliza uma série de razões mais complexas e extensas do panorama científico. A princípio, poderíamos apontar que este crescente interesse por parte do governo nos fins dos anos cinqüenta permitiu o crescimento do âmbito educativo e científico, mas terminou revertendo-se, devido a um "período cíclico de crise" que envolveu a Venezuela. Isto desencadeou um grande clima de conflito educativo e político nos anos sessenta, repetindo-se mais tarde nos oitenta por causa de um detonante econômico.

Os anos oitenta representam para o país a entrada de uma grande recessão econômica, depois de uma época de bonança graças ao precioso "ouro negro" (especialmente durante a segunda metade dos anos setenta). Este declive econômico deu as mãos a uma profunda

instabilidade política, formando assim a base que sustentou a ciência venezuelana com suas condições particulares de pouca maturidade.

Os anos oitenta não foram especialmente favoráveis à evolução dos países latinoamericanos, mas o inverso. Na América Latina em geral, tem se definido esses anos como a "década perdida", ao ver fracassadas as expectativas dos anos setenta, mesmo com os processos de recuperação democrática nos países da região.

No decorrer dos anos noventa, evidencia-se ainda mais o interesse do local, com o surgimento de alguns temas concretos. Exemplo disso são as distintas percepções e reflexões em torno do insolúvel problema da "Criminologia e Violência", "Pobreza" e "Trabalho, Ocupação e Emprego" podem ser tomados como exemplo. Entretanto, não deixam de se produzir alguns temas concernentes aos distintos âmbitos da sociologia enquanto disciplina, como a "Sociologia da Comunicação", "Sociologia Urbana" e "Socioecologia".

A anterior análise faz parte da expressão das tendências temáticas de uma área particular em prol do progresso, desenvolvimento e modernidade sob a exegese venezuelana. As mesmas refletem as áreas de interesse dos cientistas sociais e seu grau de envolvimento com a atividade científica e por sua vez com o compromisso de explicar a conjunção dos elementos e/ou fenômenos sociais das suas localidades.

Nos anos noventa observamos grande incremento e continuidade na apresentação dos artigos que, a princípio, estão relacionados à reestruturação da revista em 1995. A nova proposta da revista teve receptividade entre os pesquisadores e rapidamente a produção começou a gerar-se, mantendo-se as três edições anuais com temas previamente designados.

É notável o dinamismo da atividade desta disciplina, se observarmos não somente a maior assiduidade na publicação, triplicando o número de artigos no período de 1995-2000, o que permitiu a consolidação da revista, como também a intensificação da produção na

sociologia através do surgimento de várias outras revistas, tanto na mesma UCV, como em outras universidades.

Assim sendo, uma revisão da produção científico-social na Venezuela, iniciando-se pelas revistas científico-acadêmicas, permite visualizar que, na última década do século passado, as ciências sociais tornaram-se mais sólidas. Uma incipiente consolidação termina por costurar as existentes fraturas da comunicação, não somente entre as faculdades desta área, como também entre estas e os escassos institutos de pesquisa do país que possuem departamentos na área, e entre todos estes e a sociedade.

Algumas Conclusões

Ao longo deste trabalho, para além de uma revisão do marco teórico, optou-se por diferenciar as noções e interpretações dos distintos elementos, à luz dos principais enfoques da sociologia, que tornam a ciência e seus produtos uma atividade social contextualizada.

Os enfoques sociológicos desenvolveram uma visão "humanizadora" em relação ao caráter especial da ciência, que tem realizado inúmeros progressos com o tempo. Aos clássicos que começavam a divorciar-se da filosofia –e que reconheciam inicialmente alguns elementos sociais na atividade científica-, foram somadas as considerações de uma atividade regida por cânones e por sistemas de recompensa e controle.

Um novo período sobre o estudo do conhecimento inicia-se em 1940, tendo nele lugar imperioso os estudos de Robert K. Merton e, com estes, a consolidação da sociologia da ciência como disciplina. O importante aporte de Merton ao deixar aberto este campo de pesquisa, consistiu no resgate do *status* da ciência e sua interrelação com o ambiente cultural onde é gerada. Seguindo este princípio, a ciência seria, então, mais uma forma de cultura, uma articulação de instrumentos e estratégias locais de sistematização: um sistema maior, que abrange sistemas de valores, códigos morais, convenções sociais e as possíveis relações com o mundo dos objetos, dos fatos e eventos concretos.

Por outro lado, a "visão herdada", organicista da ciência sofreu as críticas de pensadores crédulos na evolução e na mudança significativa da identidade organizativa da ciência, de seus convencionalismos e do marco contextual no qual se insere. A partir de aqui, os trabalhos produzidos na sociologia da ciência durante os últimos quarenta anos, lograram conjuntamente, desvendar o mistério sagrado que cercava a prática da comunidade científica e, consequentemente, o rompimento com o *status* privilegiado da ciência. O resultado é uma tendência de pensamento que procura entender como e por que, nestas épocas diferentes, sujeitos sociais escolhem diferentes aspectos da realidade como objetos

de interesse, definição, classificação e explicação científica; e como a comunidade científica, conjuntamente com a sociedade, constroe a atividade científica.

Com base nisto, a visão da construção sociocultural da ciência que elaboramos neste trabalho, está intimamente relacionada ao "que fazer" desta atividade, ao complexo processo da socialização dos cientistas e aos elementos tempo-espaciais que servem de marco ao fato científico. Elementos estes que se conjugam, sobrepondo-se segundo o nível de importância, nas diversas exposições do pensamento intelectual dos fazedores de ciência e nas que, certamente, palpitam as distintas concepções da realidade.

Tendo este referencial teórico como pano de fundo, para além de uma fusão entre entre teoria e práxis, cientistas e comunidades, nos propusemos a entender a institucionalização da Sociologia enquanto ciencia na Venezuela. O estudo desta ciência pode dividir-se em três grandes estágios: o início da sociologia como *Pensamento Social*, período que começa no fim século XIX; o período da sociologia de *Cátedra*, na qual começam as atividades de docência e as tímidas iniciativas de pesquisa e, finalmente, a implantação e consolidação do Modelo Profissional *Acadêmico-Universitário*, no qual se destaca o âmbito da *pesquisa* como elemento que possibilita, por um lado, a consolidação da disciplina dentro do concerto das ciências no contexto nacional e, por outro, o estabelecimento das tendências teóricas, ideológicas e temáticas nacionais que se posicionam frente às orientações da sociologia européia e estadunidense.

Para realizar esta investigação optamos por relacionar as principais correntes teóricas e as etapas evolutivas de implementação da disciplina naquele país a partir de um olhar sobre a vida política, econômica e social da realidade local e não sobre as redes e a mobilidade dos cientistas sociais. Esta opção tornou possível mapear os interesses dos cientistas sociais, as tendências teóricas que configuraram suas interpretações possíveis sobre os fenômenos sociais venezuelanos, imbricando fenômenos locais com ingerências exógenas.

Neste sentido, podemos afirmar que a consolidação institucional acadêmico-universitária da sociologia como disciplina inicia-se em 1952, – coincidentemente ano em que começa a última ditadura militar venezuelana, encabeçada pelo General Marcos Pérez Jiménez- com a assinatura de um convênio de cooperação entre a Universidade Central de Venezuela e a Universidade norte-americana de Wisconsin (tendo como encarregado por parte desta última o doutor George W. Hill). Com este convênio, Venezuela implantou o modelo profissional na sociologia antes que muitos o fizessem na América Latina e em alguns países europeus.

A força do desenvolvimento da sociologia na Venezuela começou com o interesse em sua profissionalização, cujo primeiro passo foi a fundação da Escola de Sociologia na UCV, a princípio como Departamento (1952), por um grupo de professores da Universidade de Wisconsin e, posteriormente, em 1956, quando se eleva a categoria de Escola. Durante sua existência, a Escola tem passado por muitas mudanças originadas tanto pelo contexto político-social que a envolve, quanto pelas variações em seu curriculum, pelo deslocamento de seus professores (norte-americanos) da primeira geração ingressada na escola, por sua conversão em Escola Experimental (1969) e em Escola de Sociologia independente da Escola de Antropologia, no começo dos anos 80.

No começo dos anos sessenta (1961-1962), a pesquisa acadêmica segue além do *marco* de formação profissional (os estudos da graduação). É assim como o *Instituto de Investigaciones* da Faculdade de Ciências Econômicas e Sociais da UCV e o Centro de *Estudios del Desarrollo* (CENDES) da mesma universidade encabeçam os principais projetos de pesquisa sociológica da época. Estas instituições encarregam-se da pesquisa em grande escala ou macro-sociológica, que não eram desenvolvidas nas recém-criadas Escolas de Sociologia, nas quais as pesquisas estavam dirigidas ao adestramento dos estudantes para os trabalhos de campo e preocupados em por em prática os métodos e técnicas da pesquisa.

No fim dos anos sessenta, no que concerne à matriz epistemológica predominante, dá-se início a coexistência de paradigmas na interpretação e crítica dos processos de

desenvolvimento, ainda que sob a primazia do funcionalismo e do positivismo. Com a acentuação da crise econômica no fim dos anos setenta e princípio dos oitenta e seu impacto sobre a sociedade venezuelana, uma revalorização das ciências sociais é produzida, especialmente da sociologia, como disciplina apropriada para intervir no diagnóstico das distintas problemáticas e oferecer interpretações e respostas ao país sobre as mesmas.

Este resgate da importância da sociologia como ciência no seio da sociedade venezuelana manteve-se nos anos noventa. A disciplina tem colaborado com distintos ângulos e pontos-de-vista elementos para a reflexão, a análise crítica e a ação, nesta década de profundas transformações na ordem social. Isto traduziu-se em esforços orientados para a formação de um campo sociológico que atenda a nossa singularidade como sociedade, ou seja, à "construção" de uma sociologia conectada – sem negar os processos globais- estreitamente a nossas coordenadas espaço-temporais; uma sociologia baseada na reflexão e análise próprias sobre nossas problemáticas neste tempo, para responder a nossos povos, nossas sociedades em suas singularidades e suas urgências ou responder a nossas épocas, a seus tempos, aos requerimentos que o rigor científico e o saber universal demandam em cada momento histórico.

Para confrontar a produção sociológica na Venezuela, optamos pelo estudo da *Revista Venezolana de Ciencias Economicas y Sociales.* Este demostrou que há um grande interesse da comunidade científico-social venezuelana na publicação e, em conseqüência, na contribuição do crescimento das ciências sociais. Em primeiro lugar, o fato de Ter-se criado um orgão de divulgação no mesmo ano em que se consolida o modelo profissional acadêmico universitário, permitiu que a pesquisa, circunscrita neste âmbito acadêmico-universitário, seguisse além do marco de formação profissional, ou seja, dos estudos da graduação. O *Instituto de Investigaciones da Faculdad de Ciencias Economicas y Sociales* conjuntamente, com o *Centro de Estudios para Desarrollo* encabeçaram o projeto de sociologia da época no qual estava a criação desta.

Em segundo lugar, este impulso da comunidade científica em prol da comunicação entre seus integrantes e o resto da comunidade universitária terminou gerando uma *continumm*

nas publicações. Isto se evidencia no decorrer dos períodos estudados, onde há uma grande tendência a publicar, mesmo com as lacunas na circulação da revista. O fato de ter reiniciado sua circulação quatro vezes indica que este interesse está presente na comunidade científica. Prova disto é o crescimento exponencial na publicação, especialmente na última década.

Em terceiro lugar, as áreas tratadas nos artigos que refletem os interesses dos cientistas e que demonstram o "estado da arte" da sociologia. Estes quarenta e dois anos de estudo, indicam que os trabalhos dos cientistas sociais têm uma grande tendência, a princípio, pelas abordagens de temas nas áreas de Análise Econômica (27,83% Del total de artigos) e Sócio-Política (26,24% del total de artigos). Podemos afirmar que estas duas áreas são as mais representativas, pois elas constituem o grosso das temáticas tratadas durante as quatro décadas de estudo, isto é, mais de 50% dos artigos encontram-se publicados neste período. Outros interesses aparecem com maior visibilidade em artigos publicados na *Revista Venezolana de Ciências Econômicas y Sociales*, e se referem a três pilares da sociologia, como "Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia", a "Teoria Social", e a "Metodologia".

A produção da Revista durante a década de sessenta e setenta, e os interesses nos temas econômicos e políticos, são somente o final de uma cadeia de razões extensas e complexas do panorama social venezuelano. A princípio, podemos apontar o crescente interesse que houve no final da década de cinqüenta por parte do governo, que permitiu o crescimento do âmbito educativo e científico.

Entre a década de oitenta e noventa observamos, em um primeiro momento, um período de recessão econômica e em segundo –década dos noventa- um grande incremento e continuidade de apresentação de artigos que esteve relacionada com a transformação a da revista teve naquela década. A nova visão da revista gerou receptividade entre os pesquisadores e rapidamente a produção começou a crescer, mantendo-se três edições anuais com temas previamente acordados.

É notável a dinamização dessa disciplina, conforme o apresentado no Capítulo III, não somente pela evidencia de uma maior assiduidade na publicação, mas também pelo aumento exponencial nos artigos (média 27,6) no período entre 1995-2000. Se observarmos a linha do tempo, independentemente de algumas lacunas nas edições da Revista, poderemos afirmar não só a legitimação de espaços como este, senão também o aumento do espectro da ciências sociais com a multiplicação das áreas de estudo. Isto evidencia o crescimento e consolidação da sociologia venezuelana.

O estudo da Revista serviu para observar o estado da arte desta, seu presente e evolução. O passeio pelas quatro décadas evidencia mudanças do contexto e nos interesses dos cientistas, mesmo assim observamos que as tendências não mudam, na maioria dos casos se acentuam, caracterizando a disciplina. Os focos de interesse da sociologia não mudam, o que muda é a forma em que os fatos sociais se entrelaçam e a forma em que são reflexionados pelos cientistas.

As publicações, espaço mais adequado para expressar essas reflexões, constituem-se nos "transportes" do conhecimento e um dos âmbitos onde se refletem as discussões que interessam aos cientistas. Nelas, são colocadas problemáticas em distintos níveis, teórico e prático, abstrato e concreto, e que vão desde as preocupações com o crescimento da disciplina no grande concerto das Ciências até aquelas que manifestam os problemas do acontecer local, transladados ao campo da ciência na busca de uma melhor compreensão e possível resolução.

Assim sendo, as publicações como âmbitos de interação da ciência possuem uma grande carga cultural que identifica o "que fazer" científico de uma localidade, tornando a ciência um elemento determinante da cultura nacional. Se observa então a institucionalização de um saber local, centrado na disseminação desse conhecimento local e nacional através da sua publicação. Destas publicações se originam os vínculos que mantém viva uma comunidade científica, seja na interação com os pares nas pesquisas que suscitam as publicações, seja a através do próprio discurso escrito, ou da difusão e divulgação do produto da atividade científica.

Finalmente, a guisa de conclusão, apontaria possíveis continuidades em trabalhos dessa natureza, ou seja, para além da analise dos artigos conforme o decorrer desta dissertação, poderiamos propor a revisão do marco teórico a fim de complementar, o que dizem respeito à publicação científica, permitindo estabelecer vínculos mais próximos entre a contextualização da ciência e a produção da mesma.

Por outro lado, a partir de um referencial da sociologia da ciência, chamar a atenção para a interação entre os cientistas, possibilitando o casamento entre teoria e pratica no momento em que sejam estudados os autores dos artigos –variável, que por limites de tempo não foi analisada neste trabalho.

As perspectivas de continuidade estariam focadas a realização de estudo similar com outras revistas académico-científicas do resto das Escolas de Sociologia do país, para se aproximar mais do perfil de sociologia venezuelana. Além de ser a primeira tentativa de mapeo destas revistas, um trabalho deste tipo contribuiria em principio à interconexão das divorciadas Escolas de Ciências Sociais do país. pesquisa sobre produção científica no país. Em segundo lugar a variável geográfica resulta interessante a fim de obter um marco referencial que compartilhe praticas, vivências e uma cultura no decorrer de sua história. Pode ser importante, por fim, um estudo de analise das metodologias, teorias, e outras variáveis que apontassem se os problemas sociais são abordados sob as mesmas óticas ou se existe uma reflexão sociológica diferenciada.

Apêndice

COLECCIÓN DE CATEGORÍAS: AREAS TEMATICAS

1. **ANÁLISIS ECONÓMICO:** engloba los artículos atinentes a: teoría económica, sistemas económicos, macroeconomía y microeconomía, política económica, política tributaria, administración y finanzas, economía internacional, desarrollo y subdesarrollo, industria e innovación tecnológica, pequeña y mediana industria (PYMI), pequeña y mediana empresa (PYME), microempresas, productividad, mercadeo, petróleo, problemática agrícola y agraria.

2. **ANÁLISIS SOCIOPOLÍTICO:** abarca los artículos relacionados con temas de teoría política, clases sociales, cambio y participación social, poder político, sistemas políticos, democracia, descentralización y poder local, reforma del Estado, movimientos sociales, política internacional y/o geopolítica.

3. **ANTROPOLOGIA:** se refiera a los artículos relacionados com problemas bien locales, propios de las comunidades indígenas, identidad y cultura de los pueblos, de arqueología, de teoria antropologica propiamente dicha. Al mismo tiempo encontramos un matrimonio com temas abiertos, como criminologia, cuestión agraria, demografia e estratificación social, etc.

4. **DEMOGRAFÍA Y ESTRATIFICACIÓN SOCIAL:** incluyen os artigos referidos a aspectos demográficos y poblacionales, migración, políticas de migración, poblamiento, colonización censos, y fertilidad, estratificación social y factores que la determinan, así como los diagnósticos socioeconómicos.

5. **EDUCACIÓN:** los artículos relacionados con educación superior, básica, institucionalización de la educación, evaluaciones y diagnósticos, estrategias y recursos de aprendizaje, políticas educacionales, productividad y formación académica,.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

6. **ESTUDIOS SOCIALES DE LA CIENCIA Y LA TECNOLOGÍA:** contempla los artículos referids a: institucionalización de algunas disciplinas, filosofía de la ciencia, formación del científico, historia social de la ciencia, planificación de la ciencia e industria y política tecnológica.

7. **GÉNERO: MUJER:** reúne artúclos acerca de la participación de la mujer en diversas actividades; empleo y ocupación, así como trabajos en el hogar, familia y cuidado de hijos.

8. **GLOBALIZACIÓN:** giran en torno a problemáticas como la inequidad, prácticas transnacionales y ONG'S, identidad y cultura, movimientos sociales, América Latina y el proceso globalizador.

9. **HISTORIA:** abarca escritos referidos a procesos históricos generales, historia de Venezuela, temas de historia económica, historia colonial e historia política de Venezuela.

10. **MÉTODOS Y ESTADÍSTICA:** agrupa los artículos pertenecientes a la temática de metodología de la investigación, análisis estadístico, además de los diversos modelos aplicados a áreas específicas; por tanto las ponencias incluidas están referidas a: Modelos de análisis, diagnósticos e instrumentación, lineamientos, hipótesis, evaluaciones cualitativas y cuantitativas, formulaciones de planes y/o programas, así como propuestas metodológicas en distintas áreas.

11. **PSICOSOCIOLOGÍA:** comprende temáticas relativas a las distintas problemáticas y aspectos psicológicos de los colectivos, valores, principios éticos y representaciones sociales (identidad cultural y nacionalismo), problemática sociocultural y socialización de los individuos.

12. **POBREZA:** esta categoría reúne los artículos que caracterizan la pobreza, representaciones sociales, la problemática de la marginalidad y estrategias de supervivencia.

13. **SOCIOLOGÍA DE LA ORGANIZACIÓN:** engloba los artículos referidos a esquemas y estructuras organizativas, gerencia y liderazgo, calidad, productividad, procesos productivos, clima organizacional y procesos organizativos.

14. **SOCIOLOGÍA RURAL:** agrupa los artículos que reflejan las formas de vida y organización en el medio rural, aspectos "psicosocioculturales" del modo de vida rural.

15. **SOCIOLOGÍA URBANA Y URBANISMO:** reúne los artículos relativos a las problemáticas colectivas en el contexto de las ciudades, organización y estructuración de las mismas, procesos de urbanización.

16. **TEORÍA SOCIAL:** incluye artículos sobre temas y aspectos concernientes a la teoría sociológica propiamente dicha (epistemología, paradigmas, etc).

17. **TRABAJO, OCUPACIÓN Y EMPLEO:** reúne los artículos que refieren aspectos generales de distintas ocupaciones, división y organización del trabajo, cultura del trabajo, desempleo y participación en la estructura ocupacional.

18. **CRIMINOLOGÍA Y VIOLENCIA:** contiene artículos referidos política criminal, control social, inseguridad, manifestaciones de violencia en distintos contextos.

19. **SOCIOLOGÍA DE LA COMUNICACIÓN:** agrupa los artículos referidos a representaciones sociales, industria y consumo cultural, medios de comunicación masivos.

20. **SOCIOECOLOGÍA:** comprende los artículos referidos a la problemática ambiental, explotación de recursos naturales, crisis ambiental y desarrollo sustentable.

Esta guía de análisis, fue utilizada para clasificar cada uno de los artículos de la Revista; a través de ella, logramos conocer cuales han sido las áreas de interés o las tendencias temáticas de las disciplinas, durante el tiempo.

Referências Bibliográficas

ALBORNOZ, O. **La Sociología en Venezuela**. Caracas: Monte Avila Editores, 1970.

BARNES, B. **T. S. Kuhn y las Ciencias Sociales**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

BARNES, B. **Intereste and the Growth of knowledge**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1977

BERGER, P; LUCKMAN, T. **A Construção Social da Realidade. Tratado de Sociologia do Conhecimento**. Petrópolis-Brasil: Editora Vozes, 1973.

BELTRÁN, V. **Perspectivas Sociales y Conocimiento. España: Anthropos, 19XX.**

BRICEÑO, L; HEINZ, S. **Pueblo, época y desarrollo: la sociología de América Latina**. Caracas – Venezuela: Nueva Sociedad, 1998.

BRITO- FIGUEROA,. F. **Historia Económica de Venezuela**. Caracas – Venezuela: Universidad Central de Venezuela, 1975. 3 vols.

BUENO, W. "Jornalismo Científico no Brasil os compromisos de uma prática dependente". **Revista Brasileira de Tecnología**, num 16(3), mai-jun. 1985, pp. 1421-1425

BURGOS, M. Evaluación Internacional de la producción científica de América Latina. In: CETTO M.; HILLERUD, K. **Publicaciones científicas en América Latina.** ICSU, UNESCO, UNAM, Academia de la Investigación Científica, FCE. México, 1995. p.157-167.

CALDERA, R. **Idea de una sociología Venezolana**. Caracas: Tiempo Nuevo, 1935.

_____. Temas de Sociología Venezolana**. Caracas: Tiempo Nuevo, 1973.**

CALDERON, H. Ciencia, Tecnología y Modernización en Venezuela período 1936-1958. In: CUADERNOS LAGOVEN. **La ciencia en Venezuela, pasado, presente y futuro**, 1992. p 9-19.

CALLON, M. Four Models for the Dynamics of Science. In: Jassanoff et alli. **Handbook of Science and Technology Studies**. Londres: Sage, 1995. p. 29-63.

CARDOSO, F.; FALETTO, E. Dependencia y Desarrollo en América Latina. México: Siglo XXI, 1969.

CARRIER, H. **Diccionarios de la Cultura**. Navarra-España: Verbo Divino, 1994.

CASTRO, A.G. **Sociólogos y Sociología en Venezuela**. Caracas: UNESCO-TROPYKOS, 1988.

_____. El lugar de la Sociología en la evolución del campo científico en Venezuela. In: ROCHE. M.(comp). **Perfil de la ciencia en Venezuela.** Caracas: Editorial Ex Libris, Fundación Polar, 1996. v 2, p.101-145.

COMBRIE, A. C. **Robert Grosseteste and the origins os Experimental Science**. Oxford: Clarendon Press, 1953. p.1100-1700.

DE VENANZI, A. **La Sociología de las Profesiones y la Sociología como Profesión. Caracas:** Universidad Central de Venezuela, 1990.

DIÉGUES, J. M. Introduccion. In: FERNANDEZ, F. **As Ciências Sociais na América Latina**. Centro Latinoamericano de Pesquisas en Ciencias Sociais.1965

DI PRISCO, C.A. La Revista Interciencia. Una Experiencia de cooperación CETTO, ANA MARÍA Y HILLERUD, KAI-INGE. continental. In: **Publicaciones científicas en América Latina**. ICSU, UNESCO, UNAM, Academia de la Investigación Científica, FCE, México, 1995. p 140-146.

DI PRISCO, M.C. La Asociación Venezolana para el Avance de la Ciencia. In: CUADERNOS LAGOVEN. **La ciencia en Venezuela: pasado, presente y futuro**. Caracas, 1992.p. 35-49.

FUENMAYOR, J. B. **Historia de la Venezuela política contemporánea**. Caracas, 1976.

GARCIADIEGO, D.A ¿Es posible evaluar cualitativamente las revistas académicas? In: CETTO M.; HILLERUD, K. **Publicaciones científicas en América Latina**. ICSU, UNESCO, UNAM, Academia de la Investigación Científica, FCE, México, 1995. p.187-199.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas,** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GERMANI, G. **La sociología en América Latina**. Buenos Aires: Eudeba, 1964

GIERYN, T. Relativist/Constructivist Programmes in the Sociology of Science: Redundance and Retreat. In: **SOCIAL STUDIES OS SCIENCE,** n.12, 1982, p. 279-97.

GUIDDENS, A. **En defensa de la Sociología.** Madrid-Espanha: Editorial Alianza, 2000. 102 **p.**

HAGSTROM, W.O. El Don como Principio Organizador de la Ciencia. In: BARNES, T.S. KUHN; R.K. MERTON, et alli. **Estudios Sociales de la Ciencia. Alianza Universidad,** Madrid, 1980, p.103-116.

HERRERA, G; **et.alli. Una aproximación al perfil del sociólogo.** UNELLEZ. Barinas-Venezuela,1991.

HERSKOVITZ, M. J. **Cultural Antropology**. Nova York, 1955.

IBARRA, A.; LÓPEZ CEREZO, J. A. **Desafíos y Tensiones actuales en Ciencia, Tecnología y Sociedad.** Madrid-Espanha: Nueva Biblioteca & OEI, Colección Razón y Sociedad.n14, 2001.

INFESTAS, A.; LAMBEA, M. **Los Interesse de la Soioclogía Actual**, Barcelona: Proyecto A Ediciones, 1997

IRANZO, J. M.; BLANCO, J. R. **Sociología del Conocimiento Científico**. España: Centro de Investigaciones Sociológicas y Universidad Pública de Navarra, 1999.

KNORR-CETINA, K.D. The Etnographic Study of Science Work: Towards a Constructivist Interpretation of Science. In: _____; MULKAY, M. J. **Science Observed. Perspectives on the Social Study of Science**. Londres: Sage, 1983. p.115-140.

KRAUSKOPF, M. H; VERA, M I. "Las revistas científicas de América Latina acreditadas en el ISI (1993).IN: CETTO, A. M.; HILLERUD; KAI-INGE. **Publicaciones científicas en América Latina**. México:ICSU; UNESCO; UNAM; Academia de la Investigación Científica; FCE, 1995.

KROEBER, A. L.; KLUCKHOHN, Cl. **Culture: a critical review of concepts and definitions.** Universidad de Harvard, Papers of the Peabody Museum of American Archeology and Ethnology. v.47, 1952.

KUHN, T. Los paradigmas científicos. In: BARNES, T.S. KUHN; R.K. MERTON, et.alli. **Estudios de Sociologia de la Ciencia.** Madrid:Alianza Universidad, 1982. p. 79-102.

_____. La Estructura de las Revoluciones Científicas. **México: FCE, 1986.**

LAFUENTE, A; ELENA, A; ORTEGA, M.L.(Eds). **Mundialización de la Ciencia y Cultura Nacional**. Madrid: Doce Calles, 1993.

LATOUR, B.; WOOLGAR. **La vida en el laboratorio. La construcción de los hechos científicos.** Madrid: Alianza, 1995.

LOBO, Y. **Sobre qué hablan los sociólogos en sus reuniones científicas: Un estudio exploratorio de la Asociación para el avance de la ciencia (AsoVAC) y los Congresos Venezolanos de Sociología y Antropología (1980-1997).** Tesis de Grado, 1999. Escuela de Sociología. Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, Universidad Central de Venezuela, Caracas.

MARTINEZ, E (coord.). **Ciencia, Tecnología y Desarrollo: Interrelaciones teóricas y metodológicas.** Caracas: Nueva Sociedad, UNESCO-Rostlac.

MARVIN, H. **El Desarrollo de la Teoría Antropológica. Historia de las Teorías de la Cultura.** España: Siglo veintiuno editores. 3.ed.,1982.

MEDINA, E. **La polémica internalismo-externalismo en la historia y la sociología de la ciencia**, España: Consejo superior de Investigaciones Científicas, 1995.

MERTON, R. Paradigma para la sociología del conocimiento. In:_____. **Sociología de la ciencia.** Madrid: Alianza, 46-86. 1985.

_____. Los Imperativos Institucionales de la Ciencia. In: BARNES; KUHN; MERTON, et alli. **Estudios sobre Sociología de la Ciencia**. Madrid: Alianza Universidad, 1980. p.64-78.

MICELI, S. **A aposta numa comunidade científica emergente: A Fundação Ford e os Cientistas Sociais no Brasil, 1962-1992.** In:_____ (org). A Fundaçao Ford no Brasil, editora: (1993).

MULKAY, M. La visión sociológica habitual de la ciencia. In: IRANZO, J. M.; BLANCO, J. R; et. alli(comps). **Sociología de la Ciencia y la Tecnología**. Madrid-**España: Consejo Superior de Investigaciones Científicas,1995.**

NIAZ, M. Constructivismo Social: ¿Panacea o Problema? In: **Interciencia**. v26, n5, p.185-189, 2001.

PINCH, T. La construcción social de la tecnología: una revisión. In: SANTOS M. J.; DÍAZ, R. **Innovación Tecnológica y Procesos Culturales: nuevas perspectivas teóricas.** México: FCE, 1997. P. 20-38

PRICE, D. J. de S. Ciencia y Tecnología: distinciones e interrelaciones. In: BARNES; KUHN; MERTON, et. alli. **Estudios sobre Sociologia de la Ciencia**. Madrid: Alianza Universidad, 1980. p.163-177.

POLANCO, X. Ciencia como ficción: Historia y Contexto. In: **Cuadernos Quipu**. n1, México, 1996

RENGINFO, R. "La sociología en Venezuela: Institucionalización y crisis. El caso de la sociología y la antropología en la UCV". In: VESSURI, H (comp). **Ciencia Académica en la Venezuela Moderna.** Caracas: Fondo Editorial Acta Científica Venezolana, 1984. p. 173-209.

REVISTA DE CIENCIAS ECONÓMICAS Y SOCIALES. FACES, Caracas: Universidad Central de Venezuela, años 1958-1980, 1986-2000

SALDAÑA, J. J. El perfil de la Ciencia en América. In: **CUADERNOS QUIPU**, n.1, México, 1996.

SANTAELLA, R. La dinámica del espacio venezolano durante el gobierno de Gómez. In: **TIERRA FIRME.** Revista de Historia y Ciencias Sociales. Caracas: out-dez, ano 3, v.3. 1985. p.629-636.

SANTISTEBAN, S. F. **Antropología. Conceptos y nociones generales**. Peru: FCE, 1996.
SISMONDO, S. Some Social Construction. In: **Social Studies of Science.** v. 23, p.515-53,1993.

UNESCO/ORCYT. **Directorio de Centro de Investigación científica y tecnológica en América Latina y el Caribe. Montevideo-Uruguay, 1990.**

VESSURI, H. Publicaciones científicas en América Latina. In: CETTO, A. M.; HILLERUD; KAI-INGE. **Publicaciones científicas en América Latina.** México:ICSU; UNESCO; UNAM; Academia de la Investigación Científica; FCE, 1995. p.200-210.

_____. Universalismo y Regionalismo en la Ciencia Venezolana Moderna. In:. ALFONSO-GOLDFARTO, A. M;. MAIA. C. A. História da Ciencia: O Mapa do Conhecimento. São Paulo-Brasil: USP, 1995. p.893-930.

_____. Ciencia y Cultura en la conformación de una cultura científica. In: **Integración, Ciencia y Tecnología**, Santa Fe-Bogotá, 1994(a), n.1, p. 63-69.

_____. Estilos Nacionales de Ciencia? In: **REVISTA QUIPU**, México, 11(1), jan-abr., 1994(b). p.103-118.

_____. Sociología de la Ciencia: enfoques y orientaciones. In: MARTINEZ, E. (coord.). **Ciencia, tecnología y Desarrollo: interrelaciones teóricas y Metodológicas**. Caracas: Nueva Sociedad; UNESCO-ROSTLAC, 1994 (c). p.51-89.

_____.Intercambios Internacionales y Estilos Nacionales Periféricos; Aspectos de la Mundialización de la Ciencia. In: LAFUENTE, A.E.; ORTEGA, M. L. (eds) **Mundialización de la Ciencia y Cultura Nacional.** Madrid: doce calles, 1993. p.725-733.

_____.Una estrategia de publicación científica para la fisiología Latinoamérica. In: **INTERCIENCIA**. Acta Physicologica Latinoamericana, Venezuela, n.14, 1989. p. 9-13.

_____. La revista científica periférica. El caso de *Acta Científica Venezolana.* In: **INTERCIENCIA**, Venezuela, n.12, 1987.p.124-134.

_____. Los papeles culturales de la ciencia en los países desarrollados. In: **QUIPU**, México, n.1, 1986. p.7-17.

WINNER, L. Constructivismo Social: abriendo la caja negra y econtrándola vacía. In: IRANZO, J. M.; BLANCO, J. R, et.alli.(comps). **Sociología de la Ciencia y la Tecnología**. Madrid-Espanha: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1995. p.305-318

WOOLGAR, S. Ciencia: abriendo la caja negra. In: **Colección Tecnología, Ciencia, Naturaleza y Sociedad.** España: Átropos, n.8, 1990. p.170.

ZIMAN, John M. **El Conocimiento Público**. México: Fondo de Cultura Económica, 1972.

Bibliografía

ALBORNOZ, 0. Sobre Sociología y Antropología. In: **El Globo**, 25 nov, 1997, p. 21

ALFONSO-GOLDFARTO, A. M.; MAIA, C. A. **História da Ciencia: O Mapa do Conhecimento.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1995

ALEXANDER, J. **Sociología Cultural.** Barcelona: Anthropos, 2000.

ARROYO, F. **Socialización Estudiantil en la Escuela de Sociología de la Universidad Central de Venezuela. La Sociología como opción de estudio.** Tesis de Grado, 1997. Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, Universidad Central de Venezuela, Caracas.

ALONSO, A.;AYESTERÁN, I.; URSUA, N.(comps.). **Para comprender Ciencia, Tecnología y Sociedad**. Navarra-España: Verbo Divino, 1996.

BARNES, B.; KUHN, T.; MERTON, R. **Estudios sobre Sociología de la Ciencia**. Madrid: Alianza Universidad, 1980.

BRICEÑO, L.; HEINZ, S. (eds.). **El legado de la Sociología, la promesa de la ciencia social.** Caracas-Venezuela: UNESCO; CENDES; Nueva Sociedad, 1999.

CEPAL. **El pensamiento de la CEPAL.** Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 1969.

CETTO, A.M.; HILLERUD, K.I. **Publicaciones científicas en América Latina**. México: ICSU, UNESCO, UNAM, Academia de la Investigación Científica, FCE, 1995.

CLARK, T. The Stages of scientific institucionalization. In: **International Social Science Journal.** Vol. XXIV, 1972, n.4, p.659-671.

V CONGRESO VENEZOLANO DE SOCIOLOGÍA Y ANTROPOLOGÍA, 1997, Caracas-Venezuela. **Resúmenes de Ponencias.** Caracas: Colegio de Sociólogos y Antropólogos de Venezuela (COSAV), 1997.

IV CONGRESO VENEZOLANO DE SOCIOLOGÍA Y ANTROPOLOGÍA, 1994, Maracay-Venezuela. **Resúmenes de Ponencias.** Caracas: Colegio de Sociólogos y Antropólogos de Venezuela (COSAV), 1994.

II CONGRESO VENEZOLANO DE SOCIOLOGÍA Y ANTROPOLOGÍA, 1982, Mérida-Venezuela. **Resúmenes de Ponencias.** Caracas: Colegio de Sociólogos y Antropólogos de Venezuela (COSAV), 1982.

COLLINS, R; RESTIVO, S. Development, Diversity and Conflict in the Sociology of Science. In: **The Sociology Quartely,** n.24, p.185-200, 1981.

FRIGOLÉ, J; NAROTZKY, S; et.alli. **Antropología Hoy.** Barcelona: Editorial Teide, 1983. 256 p.

FUNDACIÒN POLAR, **Perfil de la ciencia en Venezuela**. Caracas: Fundación Polar; Editorial Ex Libris, 1996. v.2, p.101-145.

JAIMES, R. **Origen y Destino del Conocimiento Científico: Introducción a al Problemática de la Ciencia y la Tecnología**. Caracas-Venezuela: Tropykos, 1998.

KING, M. Reason, Tradition and the Progressiveness of Science. In: **History and Theory**, v.10, n.1, 1971.

KREIMER, P. **¿Una Modernidad Periférica? La Investigación científica, entre el Universalismo y el contexto**. Argentina: Universidad de Quilmes, 1998.

_____; et. alli. **Aspectos Sociales de la Ciencia y la Tecnología**. Argentina: Universidad Virtual de Quilmes, 19XX

MACHADO, C. **Introducción al Análisis Sociológico.** Caracas: Universidad Central de Venezuela Ediciones de la Biblioteca, 1982.

RITZER, G. **Teoría Sociológica Contemporánea**. España: McGraw-Hill, 1993.

SANKATSING, G. **Las Ciencias Sociales en el Caribe: un balance crítico.** Venezuela: UNESCO; Editorial Nueva Sociedad, 1990.

SANMARTÍN, J.; CUTCLIFFE, S. H., et. alli. (eds). **Estudios sobre sociedad y tecnología**. España: Editorial Anthropos, 1995

SANTOS, M. J.; DÍAZ, R. **Innovación Tecnológica y Procesos Culturales: nuevas perspectivas teóricas**. México: FCE, 1997. 250 p.

SONNTAG, H; et. alli. **¿Nuevos temas Nuevos contenidos?,** Caracas-Venezuela: UNESCO; Editorial Nueva Sociedad, 1989.

SONNTAG, H. **Duda/Certeza/Crisis: la evolución de las Ciencias Sociales de América Latina.** Caracas-Venezuela: UNESCO; Editorial Nueva Sociedad, 1988.

_____. Las promesas de la ciencia social en América Latina. In: **El Nacional**. Caracas, 15 ag.1999.

VARELA, F. J. **Conocer. Las ciencias cognitivas: tendencias y perspectivas.** Barcelona-España: Gedisa, 1998.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

ZIMAN, J. M. **La fuerza del Conocimiento: la dimensión científica.** Madrid: Alianza Editorial, 1976.

.

.